Co-funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union

2019

Produção Intelectual 4: GO UP Toolbox

Este projeto 2018-1-PT01-KA204-047449 foi financiado com o apoio da Comissão Europeia. Esta publicação reflete apenas as opiniões do autor, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer uso que possa ser feito das informações nela contidas.

ÍNDICE DE CONTEÚDO

1	Introdução	3
2	Objetivos da Caixa de Ferramentas	4
3	Recomendações para os formadores	9
	U.1 Construindo um programa para aumentar a resiliência e resaltar as competências interculturais	7-24
	U.2 Construindo resiliência dos refugiados e requerentes de asilo	24-41
	U.3 Resaltando competências interculturais através do teatro	41-65
	U.4 Técnicas de teatro para treinar habilidades sociais e pessoais	65-73
	U. 4.1 Treinando habilidades sociais e pessoais	73-89
	U. 4.2 Técnicas do Teatro do Oprimido	89-113

1. Introdução

O objetivo do projeto GO UP é aumentar a participação de refugiados, requerentes de asilo e migrantes na educação de adultos para dar apoio aos professores, educadores e conselheiros com metodologias e ferramentas inovadoras feitas sobmedida, projetadas para aumentar a resiliência e resaltar as competências interculturais por meio de técnicas de teatro.

Além disso, o projeto GO UP também aplicará pedagogias inovadoras, como a aprendizagem Dialógica (aprendizagem que ocorre através do diálogo) e a aprendizagem entre pares, que ajuda aos alunos a desempenhar um papel ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Para isso, o consórcio de 6 parceiros liderou o projeto co-criando os seguintes métodos:

- ✓ Base de dados digital online GO UP (IO.1): uma compilação exaustiva de práticas inovadoras, projetos, políticas, metodologias, abordagens pedagógicas, recursos e ferramentas de teatro intercultural e inclusivo;
- ✓ Currículo de Treinamento ECVET para Teatro Intercultural e Inclusivo (IO.2) para facilitar a avaliação e reconhecimento dos resultados de aprendizagem relacionados ao uso de técnicas de teatro para ensinar competências interculturais e apoiar a integração cultural de refugiados, requerentes de asilo e migrantes;
- ✓ Manual Pedagógico Go Up sobre Teatro Intercultural e Inclusivo (IO.3) com informações profundas sobre novas abordagens e metodologias inovadoras sobre o uso de técnicas de teatro para apoiar grupos vulneráveis;
- ✓ Caixa de ferramentas para o teatro intercultural e inclusivo (IO.4) como um recurso útil de informações práticas para a implementação direta do método inovador de teatro para ajudar refugiados, requerentes de asilo e migrantes a criar resiliência e resaltar competências interculturais por meio de técnicas de teatro.

O GO UP terá um impacto direto nos professores, instrutores, tutores e conselheiros de educação de adultos - funcionários de parceiros e colaboradores - que participam do curso de treinamento em cada país para a implementação dos pilotos, bem como dos refugiados, solicitantes de asilo e migrantes que participam do programa dos ensaios piloto.

O projeto é conduzido por um consórcio de seis parceiros de 5 países europeus.

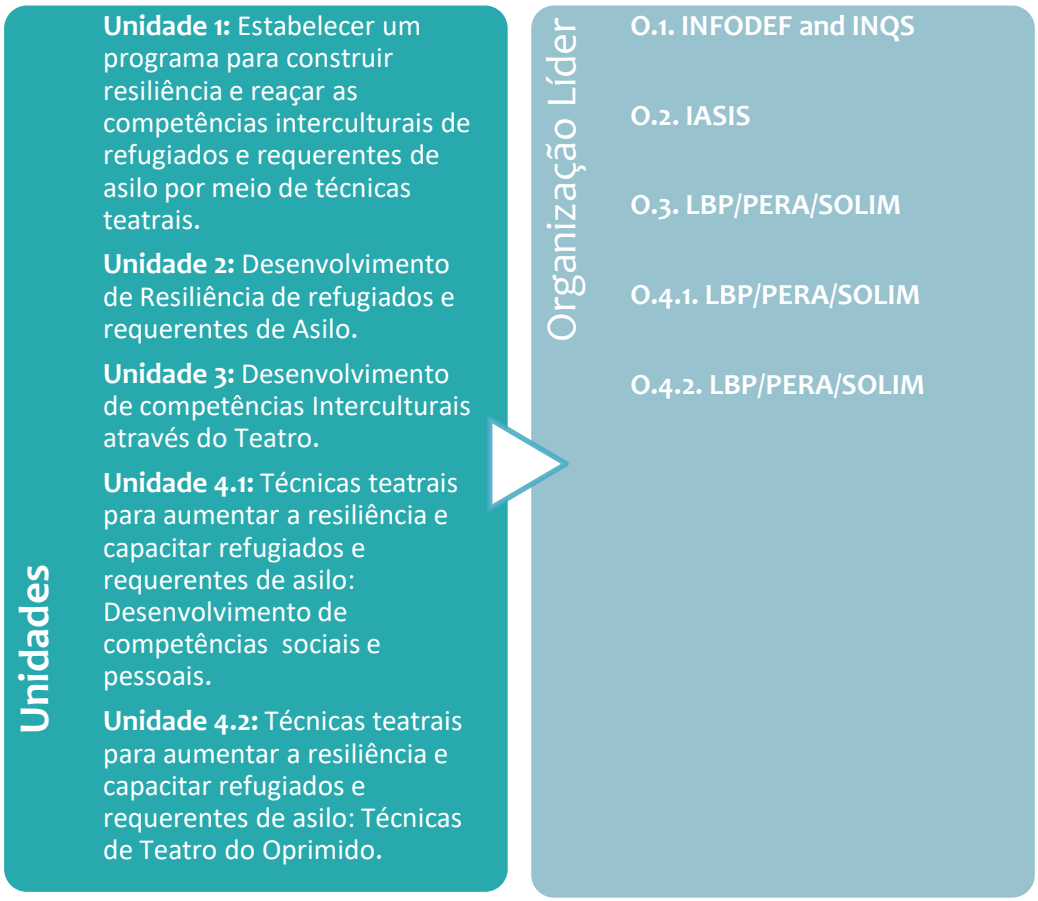
PARCEIRO	PAÍS	Organização	
D1	PT	SOLIM	Solidariedade Imigrante
D2	ES	INFODEF	Instituto para el Fomento del Desarrollo y la Formación S.L
D3	TU	PERA	Pera Fine Arts Education Centre
D4	ES	LBP	Asociacion La Bien Paga' Espacio Escénico
D5	GR	IASIS	IASIS
D6	IR	INQS	Innoquality Sistem

Objetivo da caixa de ferramentas

O objetivo da IO4 é fornecer ferramentas e exercícios para auxiliar formadores, conselheiros e tutores que trabalham com migrantes, a fim de capacitar e fortalecer suas competências interculturais e sua resiliência por meio de técnicas de teatro.

Este produto faz parte do GO UP 'Training Combo' e representa a abordagem prática, que também consiste em IO2-Curriculum e IO3-Manual Pedagógico (a base teórica) dos resultados do projeto.

As principais unidades da caixa de ferramentas são as seguintes:



Recomendações para os formadores

Por favor, lembre-se de que a população com a qual trabalhamos é realmente vulnerável. Portanto, alguns exercícios e atividades podem gerar pensamentos traumáticos, o que, consequentemente, pode causar uma mudança no humor dos participantes.
A seguir, encontram-se algumas recomendações que podem ser aplicadas a todas as atividades ou ferramentas abaixo mencionadas, a fim de evitar qualquer tipo de mal-entendido ou reação indesejada:

- Energizadores ou atividades de aterramento após as atividades, consideradas para funcionar como um alívio das atividades de caráter mais "pesado". Use-os durante o início da capacitação como atividades para quebrar o gelo ou após o término de uma atividade, a fim de "remover" toda a negatividade que eles possam sentir. Algumas atividades de ajuda para ter em consideração estão disponíveis neste link: https://www.outofstress.com/things-stress-relief/
- Para promover o trabalho em equipe e a colaboração entre os participantes, pode usar o seguinte link, que fornece algumas idéias sobre atividades de criação de equipe, trabalho em rede ou quebra de gelo: https://www.eventmanagerblog.com/70-ideas-to-help-event-networking
- Verifique sempre com os participantes se eles sentem-se à vontade para expressar os seus pensamentos ou sentimentos! Pergunte se eles sentem-se bem ou se algo os deixou desconfortáveis e precisam de algum tempo para relaxar.
- Descreva claramente o procedimento passo a passo das atividades e sempre, ao final da atividade, faça perguntas reflexivas aos participantes, para garantir que eles percebem corretamente o conteúdo das atividades.
- Certifique-se de que as questões reflexivas estejam ligadas aos objetivos referidos no currículo de cada uma das unidades.
- Certifique-se de fornecer também o arcabouço teórico das atividades, a fim de conseguir passar mais suavemente da abordagem teórica para a prática.
- Envolva aos participantes, solicitando que compartilhem as suas próprias perspectivas e experiências pessoais. É recomendável que verifique com antecedencia com os alunos as suas experiências com os tópicos e reconheça aqueles com maiores níveis de familiaridade com o tópico, consultando os seus conhecimentos durante todo o exercício.

Unidade 1:

"Estabelecer um programa para construir resiliência e reaçar as competências interculturais de refugiados e requerentes de asilo por meio de técnicas teatrais".

Ferramenta #1
"De semente a Kit de ferramentas de sucesso para o Projeto de Conservação da Comunidade "

O que?

Este recurso é intitulado "Da Semente ao Kit de Ferramentas de sucesso para o Projeto de Conservação Comunitária". É um conjunto de ferramentas que fornece uma variedade de informações úteis para as pessoas envolvidas em projetos de conservação da comunidade, muitas das quais são facilmente transferíveis para aqueles que desejam estabelecer um programa para construir resiliência e ressaltar as competências interculturais de refugiados e requerentes de asilo por meio de técnicas de teatro.

Este recurso fornecerá aos alunos as melhores práticas para as seguintes seções relevantes (6 no total); facilitar reuniões eficazes, oferecer técnicas básicas para trabalhar efetivamente como um grupo, resolver conflitos em um grupo; organizar reuniões e eventos; planejamento de grupo; revisão de eventos e progresso do grupo.

Duração: 60 minutos
20 mins de leitura por seção relevante
10 mins de discussão do tópico escolhido com o parceiro
10 mins de discussão sobre o tópico escolhido em um grupo de 4
20 mins de discussão sobre o tópico escolhido com o grupo de turma

Materiais:
Quadro branco
Marcadores

Procedimento:
Passo 1: Por exemplo, fornecer aos alunos uma cópia da seção relevante para ler. Facilitar reuniões eficazes (20 minutos)
Passo 2: Determinar um parceiro de discussão para cada aluno.
Passo 3: Enquanto os alunos estejam a ler, escrever os principais tópicos da seção no quadro branco.
Passo 4: quando os alunos terminarem de ler, pedir que discutam a sua opinião geral sobre a leitura, sobre os tópicos no quadro branco e sobre como as sugestões fornecidas na leitura podem ter que ser adaptadas para ser usadas na sua própia organização com o parceiro (10

minutos).
Passo 5: juntar dois conjuntos de pares para formar um grupo e pedir que compartilhem uma visão geral de suas respectivas discussões, por exemplo: estávamos a discutir (10 minutos).
Passo 6: Pedir a 1 pessoa por grupo para falar algumas notas do seus respectivos grupos.
Passo 7: Abrir uma discussão em classe convidando a cada grupo a ler as anotações que fizeram na discussão em grupo. (20 minutos)
Passo 8: Escrever as principais idéias que surgem como um guia visual no quadro branco. Incentivar aos alunos a fazer anotações ou uma fotografia do quadro branco para os seus registros.
Passo 9: Perguntar aos alunos se eles têm alguma reflexão final e concluir a aula.

Resultados da aprendizagem:
O aluno compreende e pode aplicar os elementos básicos da criação de um programa para aumentar a resiliência e resaltar as competências interculturais dos refugiados e requerentes de asilo; facilitando uma reunião eficaz, com técnicas básicas para trabalhar efetivamente como um grupo, resolvindo conflitos em um grupo; organizando reuniões e eventos; num planeamento de grupo; com revisão dos eventos e progresso do grupo. O aluno compreende e pode empregar uma seleção de atividades associadas.

Limitações: Os facilitadores são aconselhados a selecionar apenas 1 seção por módulo de classe ou correr o risco de sobrecarregar o aluno. Alguns alunos podem já ter uma vasta experiência nos tópicos, dependendo da sua experiência profissional. É recomendável que verifique com antecedencia com os alunos as suas experiências com os tópicos e reconheça aqueles com maiores níveis de familiaridade, consultando os seus conhecimentos durante todo o exercício. Na circunstância de grupos de classe mais calmos e menos conversivos, recomenda-se fazer outro exercício breve em reserva.

Recursos/ Referências:

https://www.doc.govt.nz/globalassets/documents/getting-involved/in-your-community/community-conservation-guidelines/seed-to-success-toolkit.pdf

Ferramenta #2
" Competências Intelectuais"

O que? Dois textos escritos para auxiliar na discussão sobre o que é competência intercultural.

Texto 1 - "O que é competência intercultural? Por Sabine Kinnon contém informações e diagramas referenciados dos elementos constituintes da competência intercultural, incluindo em detalhe os conhecimentos, habilidades e atitudes que compõem a competência intercultural.

Texto 2- "Desenvolvendo Competências Interculturais utilizando atividades com diferentes Meios de Comunicação" de Iuliana Marchis, Liliana Ciascai, Joaquim Saial. Este texto e as atividades anexas, duas das quais estão listadas nesta seção de atividades, abordarão mais o aprendiz no modelo de desenvolvimento da sensibilidade intercultural como uma estrutura para explicar as reações das pessoas à diferença cultural. Usando conceitos da psicologia cognitiva e do construtivismo, identificam-se seis etapas de crescente sensibilidade à diferença cultural. As três primeiras etapas são etnocêntricas, o que significa que a própria cultura é experimentada como algo central da realidade; as segundas três etapas são etno-relativos, significando que a própria cultura é vivenciada no contexto de outras culturas

Duração: 60 minutos

Materiais:
Fotocopiadora
Fotocópias
Quadro branco
Marcadores do quadro branco

Procedimento:
Passo 1: Escrever "O que é competência intercultural?" e "Já experimentou uma situação em que o conflito tem sido por incompetência intercultural?" no quadro branco escrever as respostas ilícitas dos alunos. (10 minutos)
Passo 2: Distribuir as duas leituras "O que é competência intercultural? Por Sabine Kinnon e "Desenvolvendo Competências Interculturais utilizando atividades com diferentes Meios de Comunicação", de Iuliana Marchis, Liliana Ciascai e Joaquim Saial, omitindo as atividades.
Passo 3: Instruir aos alunos a lerem os textos. (15 minutos).
Passo 4: Uma vez que os alunos tenham lido os dois textos, formar grupos de 4.
Passo 5: Explicar aos alunos que eles devem trabalhar juntos para criar dois cenários de um parágrafo que possam causar um mal-entendido intercultural. (15 minutos)
Passo 6: Uma vez concluídos os cenários, o professor os recolhe e os redistribui para diferentes grupos.

Passo 7: Pedir aos alunos que discutam e ofereçam solução para os cenários, usando os textos como uma referência para as boas práticas. (10 minutos)
Passo 8: Os alunos compartilharão o cenário e a solução com o grupo de turmas num período curto de tempo que deve permitir aos alunos no final de cada cenário discutir a solução. (10 minutos)
Passo 9: Pedir aos alunos que reflitam em um novo grupo de 4 sobre como a sua compreensão das competências interculturais tem mudado ao longo da aula. (5 minutos)

Resultados da aprendizagem:
O aluno é capaz de descrever e discutir os conhecimentos, habilidades e competências que facilitam a competência intercultural e aplicá-los a um cenário onde os conflitos interculturais possam estar presentes. O aluno é capaz de descrever e discutir o modelo de desenvolvimento da sensibilidade intercultural como uma estrutura para explicar as reações das pessoas à diferença cultural. O aluno pode identificar os seis etapas da crescente sensibilidade à diferença cultural e aplicá-los a um cenário em que o conflito intercultural está presente. O aluno pode discutir as suas próprias opiniões, experiências de competências interculturais com outras pessoas através da estrutura fornecida por ambos textos.

Limitações: Os formadores devem prestar muita atenção para incentivar aos alunos a explorar os possíveis cenários de conflito intercultural de maneira respeitosa. Alguns alunos podem ter dificuldade para criar um cenário de conflito intercultural, caso em que é prudente sugerir um no interesse de manter a dinâmica do exercício.

Recursos/ Referências:

https://www.gcu.ac.uk/media/gcalwebv2/theuniversity/centresprojects/globalperspectives/Definition_of_Intercultural_competence.pdf

http://dppd.ubbcluj.ro/adn/article_1_1_7.pdf

Ferramenta #3
"Diário de Aprendizagem"

O que?
Diário de Aprendizagem

Duração: 30 minutos

Materiais: Caderno e canetas

Procedimento:
Passo 1: Após cada aula, cada formador e aluno será convidado a encontrar um lugar na sala de aula, onde eles encontraram-se confortável.

Passo 2: Os formadores e os alunos terão de levar um caderno e uma caneta, pois será mais fácil acompanhar o processo.

Passo 3: Depois de todos estarem nos seus lugares confortáveis e prontos, serão convidados a pensar na lição que acabaram de receber. Eles terão que pensar nos destaques, o que tem sido positivo e o que deveria ter sido diferente.

Passo 4: O grupo receberá um período de 5 minutos de auto-reflexão sobre essas questões. Deve ser uma atmosfera tranquila e respeitosa.

Passo 5: Depois de 5 minutos de auto-reflexão, e sem abandonar a atmosfera tranquila, o grupo deve escrever os destaques, o que foi positivo e o que deveria ter sido diferente. Este processo não deve demorar mais de 10 minutos.

Passo 6: Para concluir a atividade, os alunos deverão compartilhar as suas anotações tentando estar de acordo sobre os destaques, as experiências positivas e as que precisam melhorar.

Uma vez que o acordo for estabelecido, todos devem tomar notas da decisão. Se não houver acordo, todas as opções deverão ser escritas.

Resultados da aprendizagem:

- Resumir os principais pontos da lição.
- Identificar os destaques, o que foi positivo e o que deve ser melhorado.
- Ser capaz de compartilhar.
- Ser capaz de fazer uma avaliação.

Limitações:

O diário de aprendizagem deve ser usado como uma ferramenta para melhorar, e não como uma ferramenta para divulgar informações inadequadas, que não gostariam de compartilhar com terceiros.

O grupo deve ser aconselhado a escrever frases completas e não apenas notas, pois seria importante para poder dar uma olhada ao seu processo.

Recursos/ Referências:

https://cedec.intef.es/los-diarios-de-aprendizaje-una-herramienta-para-reflexionar-sobre-el-propio-aprendizaje/

https://www.ocnlondon.org.uk/news/comment/how-to-produce-a-reflective-learning-diary

https://www.ulapland.fi/loader.aspx?id=3a3195fe-1cd6-46ef-91ad-d6e947099c46.

Ferramenta #4
" Contracto de Aprendizagem"

O que?
Contracto de Aprendizagem:
Um acordo estabelecido entre o professor e o aluno para a obtenção de aprendizagem através de uma proposta de trabalho autônomo, com supervisão do professor e durante um determinado período. No contrato de aprendizagem, é essencial um acordo formalizado, uma relação de consideração recíproca, uma implicação pessoal e um prazo de execução.

Duração: 30 minutos

Materiais:
Um Protocolo de Contrato de Aprendizagem (como, por exemplo, ver tabela abaixo), onde consta espaço e tempo para a atenção individualizada do aluno.

Nome do aluno.....
Nome do professor/tutor.....
Data de início.....Data prevista de fim.....
Designação do núcleo de Aprendizagem.....

1.Objectives de competência: O que vai aprender?	2. Estrategias de Aprendizagem: Como vai aprender?	3. Recursos Materiais: Com que vai aprender?	4.Evidências para auto-avaliação: Como vai saber o que aprendeu?	5. Critérios de avaliação: Como demonstrará as lições aprendidas?

6. Programação de aprendizagem e sessões de tutoria:

Assinatura do professor/tutor Assinatura do aluno

Procedimento:
É uma técnica para facilitar a individualização da aprendizagem. É um acordo formal por escrito entre o professor ou tutor e o aluno, detalhando as suas expectativas: o que eles aprenderão, como será o monitoramento da aprendizagem, o período estabelecido e os critérios de avaliação a serem usados para julgar o aprendizagem.

O contrato geralmente contém os seguintes elementos:

- Objetivos de aprendizagem em termos de competências que os alunos devem alcançar ao realizar os execícios ou tarefas de casa;
- As estratégias de aprendizagem que o aluno deve aplicar para alcançar os

objetivos;
- Os recursos ou meios a serem utilizados;
- Referências de autoavaliação, pistas, sinais, testes, para que o aluno compare permanentemente o aprendizagem alcançando em relação aos objetivos formulados;
- Critérios de avaliação para verificar as evidências de aprendizagem apresentadas pelo aluno;
- O agendamento de tarefas com o tempo ou limites acordados.

O contrato de aprendizagem inclui o desenvolvimento do portfólio como evidência do processo de aprendizagem e como recurso de avaliação da aprendizagem desenvolvida. O portfólio do aluno ou o portfólio de aprendizagem é, de acordo com Shulman (1999: 35), o histórico documentado e estruturado de um conjunto de performances (cuidadosamente selecionadas) em preparação e tutoria e que assume a forma de mostras de trabalho do aluno que só atingem plena realização em escrita reflexiva, deliberação e conversação.

Estratégias de ensino e tarfeas do professor

O papel do professor facilitador é essencial. Juntamente com o aluno:
- Define objetivos específicos, claramente detalhados.
- Determina a sequência de tarefas de aprendizagem.
- Estabelece sessões de tutoria ou supervisão do processo de aprendizagem.
- Indica critérios de avaliação.
- Negocia e concorda com o aluno os componentes do contrato de aprendizagem.

Estratégias de aprendizagem e tarefas dos alunos

O aluno organiza e regula o seu própio processo de aprendizagem de acordo com o contrato acordado com o professor / tutor. Por tanto:
- Planeamento do itinerário de aprendizagem em fases e de acordo com as atividades.
- Regular-se no tempo e no nível de realização de tarefas e aprendizagem.
- Participar das sessões de tutoria, levantando questões processuais e de conteúdo.
- Procurar, selecionar e processar as informações relevantes para a elaboração de propostas de trabalho.
- Autoavaliar o seu progresso, refletindo sobre o próprio processo de aprendizagem, o seu estilo de aprendizagem e o nível de alcance dos objetivos estabelecidos.

Avaliação

Uma avaliação contínua através do feedback estabelecido nas sessões de acompanhamento e supervisão durante as horas de tutoria.
- Uma autoavaliação do aluno normalmente após cada uma das tarefas sobre o estilo de aprendizagem, as estratégias adotadas, os recursos utilizados e as possíveis melhorias.

- Uma avaliação ao final do processo e da consecução dos objetivos.
- A conclusão desta avaliação pode ser feita com a ajuda do portfólio.

Resultados de aprendizagem:

- Aplicação de estratégias na construção do conhecimento, reflexão, autocontrole, auto-regulação e auto-avaliação.
- Organização e planeamento de aprendizagem.
- Auto-motivação e persistência no trabalho.
- Iniciativa.
- Organização e planeamento de trabalho.
- Uso de TICs.
- Confiança nos interlocutores: professores, etc
- Habilidades sociais.
- Negociação com professores.
- Gestão do sucesso e do erro
- Responsabilidade profissional.
- Tomada de decisão
- Rigor e fundamento.
- Responsabilidade do seu próprio projeto de treinamento.
- Auto confiança.

Limitações: (Recomendações sobre as limitações que um formador encontrará durante a implementação das atividades. – Máx. 200 palavras)

É necessário um certo nível de aprendizagem autônomo do aluno: estratégias cognitivas e metacognitivas, e uma certa motivação pessoal.

Recursos/ Referências:

https://personales.unican.es/salvadol/programas/contrato_aprendizaje.pdf

Atividade #1
"Um diálogo imaginário"

O que?
Este é um exercício de grupo em que os alunos criam um diálogo imaginário entre pessoas de outra cultura a partir de uma imagem.

Duração: 50 minutos

Materiais:
Uma seleção de imagens contendo de 2 a 4 pessoas de uma cultura distinta da dos alunos.
Imagens em formato digital.
Impressão colorida de fotos com balões de fala brancos. (1 cópia por pessoa na imagem, por exemplo, 4 homens trabalhando = 4 cópias impressas)
4 Marcadores finos pretos de quadro branco.
Um projector.

Procedimento:
Passo 1: Distribuir 1 imagem em papel por aluno.

Passo 2: Pedir a todos os alunos que estudem as suas respectivas imagens.

Passo 3: Escrevir as seguintes perguntas no quadro branco

1) Quem são as pessoas na foto?
2) De onde eles são?
3) O que estava acontecendo antes da fotografia ser tirada?
4) O que está acontecendo na fotografia?
5) O que vai acontecer depois da fotografia?

Passo 4: Pedir a todos os alunos que escrevam as suas respostas em uma folha de papel.

Passo 5: Agrupar aos alunos que têm a mesma imagem em equipes. O número de alunos por grupo deve ser igual ao número de pessoas nas imagens. Fornecer a cada grupo uma versão da foto com caixa de diálogo e um marcador fino preto para escrever na caixa de diálogo.

Passo 6: Pedir a cada equipe para elaborar um cenário sobre o que aconteceu antes do momento de tomar a foto, e depois, reunindo as idéias dos membros da equipe.

Passo 7: Pedir a cada membro da equipe para identificar-se com uma pessoa da foto e, logo, escrever um breve diálogo entre as pessoas na foto.

Passo 8: Projetar as imagens relevantes e convidar a cada equipe a dar uma breve visão geral da sua discussão e a apresentar o seu diálogo ao grupo.

Passo 9: Convidar ao grupo de classe a refletir sobre cada diálogo à medida que avança.

Resultados da aprendizagem: os alunos podem usar a empatia e observar a empatia dos outros, identificando-se com uma pessoa pertencente a outra cultura e gerar um breve diálogo a partir de sua perspectiva.

Limitações: O formador deve garantir que as imagens fornecidas representem uma variedade diversificada de culturas. É prudente permitir que os alunos selecionem uma imagem com a qual sintam-se confortáveis. Os alunos devem ser monitorados de perto para garantir que o exercício não provoque xenofobia, racismo ou preconceito religioso que possa prejudicar o exercício. No caso desta ocorrência, reordene os agrupamentos.

Referências:

Atividade adaptada de;

"Developing Intercultural Competences Using Activities with Differenct Media" by Iuliana Marchis, Liliana Ciascai and Joaquim Saial

http://dppd.ubbcluj.ro/adn/article_1_1_7.pdf

Atividade #2
"O que são valores?"

O que?
Uma aula de discussão intitulada "O que são valores?" centralizada em torno de 2 vídeos curtos; "Ética definida: valores" e uma curta animação intitulada "Gobblynne", de Katy Davis, onde os alunos exploram ativamente onde os valores dos personagens diferem.

Duração: 60 mins

Materiais:
Um computador
Um projector
Acesso à Internet

Video clip 1
"Ética definida: Valores" da University de Texas
https://ethicsunwrapped.utexas.edu/glossary/values

Video clip 2
"Gobblynne" por Katy Davis 3:26
https://www.youtube.com/watch?v=v6BRz-kJ2Zw&feature=dir

Procedimento:
Passo 1: Escrevir "O que são valores?" no quadro branco e coloque os alunos em grupos de 4 para discutir e anotar algumas idéias. (10 minutos)
Passo 2: Convidar aos alunos a compartilharem as idéias geradas no seu grupo e escreva-as no quadro branco. (5 minutos)
Passo 3: Reproduzir para os alunos o Video clip 1 "Ética definida: Valores" (5 minutos)
Passo 4: Perguntar ao grupo da turma se alguma das suas opiniões tem mudado ou se têm novas ideias depois de assistir ao videoclipe 1. (10 minutos)
Passo 5: Informar aos alunos que eles irão a ver outro Vídeoclip 2, intitulado "Gobblynne", por Katy Davis, e solicitar que tenham em mente como os três caracteres podem diferir em termos de seus valores. (5 minutos)
Passo 6: Depois de assistir ao filme, colocar aos alunos em um novo grupo de 4 e pedir que discutam e escrevam quais valores diferentes são mantidos pelos três personagens e se houver algum potencialmente causando conflito. (15 minutos)
Passo 7: Finalmente, pedir à classe que reflita sobre a discussão e ofereça uma solução para o conflito que está a causar problemas identificados. (10 minutos).

Resultados de aprendizagem
Os alunos podem definir o que são valores. Os alunos podem usar a empatia para identificar os

valores de um grupo, contrastando-os para identificar onde podem ocorrer conflitos baseados em valores. O aluno pode trabalhar em um cenário de grupo para propor como o meio termo entre dois sistemas de valores pode ser identificado.

Limitações:

Os formadores devem estar atentos á pontualidade durante toda a aula, dada a compexidade do tópico em discussão. É possível que o tópico possa provocar conflito verbal entre os alunos enquanto eles discutem "O que são valores", pois sem dúvida referenciarão os seus próprios. Tente monitorar e circular pela turma para garantir que os alunos não entrem em nenhuma forma de conversa que seja abertamente xenofóbica, racista ou de natureza religiosa. Verifique se todos os elementos tecnológicos da lista de materiais estão funcionando plenamente antes da aula.

Recursos / Referências:

Activity adapted from;"Developing Intercultural Competences Using Activities with Differenct Media" by Iuliana Marchis, Liliana Ciascai and Joaquim Saial

http://dppd.ubbcluj.ro/adn/article_1_1_7.pdf

"Ethics defined: Values" from the University of Texas
https://ethicsunwrapped.utexas.edu/glossary/values

"Gobblynne" By Katy Davis 3:26
https://www.youtube.com/watch?v=v6BRz-kJ2Zw&feature=dir

Atividade #3
"ANA Y YAIZA"

O que?
ANA Y YAIZA: O objetivo da atividade é fazer uma análise comparativa dos papéis que atribuímos a pessoas de diferentes culturas.

Duração: 30 minutos

Materiais:
Uma bola

Procedimento: (A implementação da atividade em detalhes, explicação passo a passo), de 2 a 5 páginas.

Passo 1: Os participantes formarão um círculo e passarão a bola em direções arbitrárias.

Passo 2: Toda vez que alguém apanhar a bola, deve dizer algo relacionado à vida de um personagem imaginário, de maneira que, coletivamente, seja uma espécie de biografia.

Passo 3: A dinâmica completa é criar duas histórias, a de Ana, uma pessoa do nosso país, e a de Yaiza, uma imigrante marroquina. O professor começa: "Era uma vez uma menina chamada Ana. Ana ..." e passa a bola para uma pessoa do grupo. Pouco a pouco, a história completa da sua vida é elaborada coletivamente: o seu condicionamento, os seus desejos e as suas aspirações, o que ela alcançou e, finalmente, a maneira como morre. Então o mesmo é feito com a Yaiza.

Avaliação
Depois de criar as histórias do grupo, elas são comparadas para ver os preconceitos ou estereótipos subjacentes à atribuição de desejos, circunstâncias, resultados etc. a cada personagem. É conveniente que, à medida que a narração coletiva seja produzida, alguém registre os elementos importantes no quadro, para facilitar a análise subsequente.

Recursos / Referências:

http://www.postgradoteatroeducacion.com/wp-content/uploads/2017/04/M%C3%A1ster_Teatro-Aplicado_Evaluaci%C3%B3n_reflexi%C3%B3n_en-_actividades-esc%C3%A9nicas.pdf

Atividade #4
"Teatro Forum"

O que?
O Teatro Forum é uma forma interativa de teatro que apresenta um debate teatral para criar um ethos de grupo que incentiva a interação do público. É um método poderoso para explorar soluções para problemas difíceis. O teatro forum é uma técnica originalmente concebida pelo brasileiro Augusto Boal com o objetivo de dar aos oprimidos a chance de serem ouvidos. O foco principal é que o público participe ativamente da mudança para melhorar o que vê no palco (e na vida real).

Duração:
Mínimo de 2 horas (30 minutos Introdução e aquecimento, 60 minutos Implementação, 30 minutos Debriefing)

Materiais:
Espaço grande para apresentações, alguns objetos da vida cotidiana, adereços para atuação, flipchart

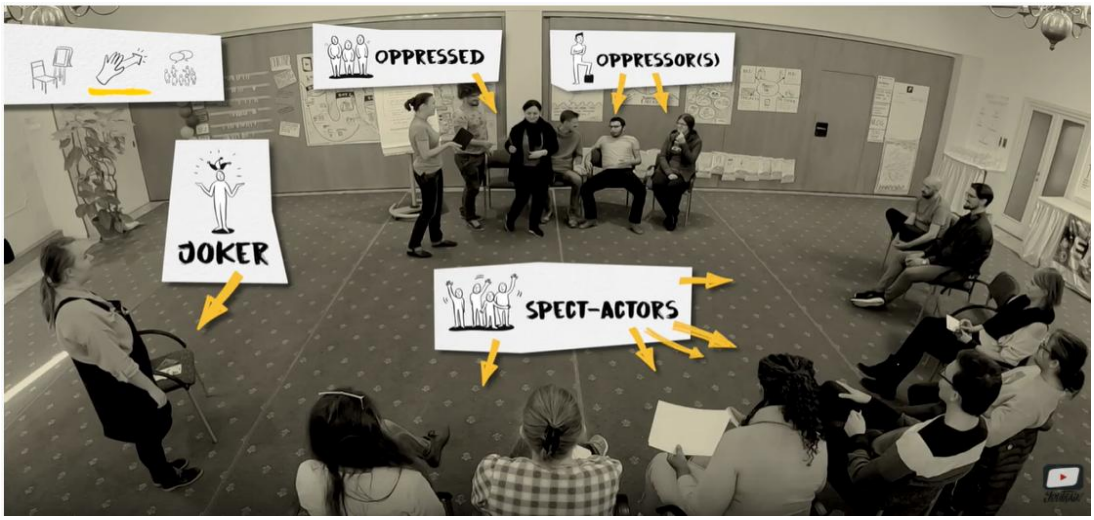
Procedimento:

ATIVIDADES DE AQUECIMENTO
Para permitir que os participantes entrem no clima, mover-se e relaxar o corpo e o rosto para ficar mais confortável.

PREPARAÇÃO
Dividir aos participantes em grupos e pedir para eles encontrarem uma situação que seja claramente própria dos oprimidos e opressores. Dar tempo suficiente para ensaiar e discutir sobre isso, porque a situação precisa ser o mais clara possível para os outros.

IMPLEMENTAÇÃO

Funções:
- O Coringa, que é o treinador que facilita o processo
- Opressor(es)
- O oprimido
- Atores-espectadores



Os participantes / alunos estão envolvidos em quatro etapas do Teatro Forum, conforme recomendado por Boal (2008). Essas quatro etapas são (a) desenvolver um guião (b) peça antimodelo (c) fórum e (d) peça de intervenção. A seguir, é apresentado um modelo passo a passo sobre a participação dos alunos em todas as quatro etapas do Teatro Forum e um relato detalhado de como é usado pelo aluno e como tudo tem funcionado na sala de aula de Educação Moral para reforçar a aprendizagem.

Passo 1: Desenvolver um Guião
Nesta sessão, os participantes, divididos em grupos, são convidados a desenvolver um guião com base nas suas próprias experiências da vida cotidiana. De facto, o objetivo desta sessão é treinar os participantes para desenvolver um guião com base na sua própria experiência.

Passo 2: Peça Anti-modelo
Depois de compor o guião, os participantes devem executá-lo como uma peça antimodelo: um ato que retrata a opressão, onde um personagem vitimado não conseguiu superar a perseguição.

Passo 3: O Forum
Após a conclusão da Peça antimodelo, imediatamente outra sessão é conduzida pelo "Coringa". O Coringa discute com o público os problemas que apareceram na apresentação e as possíveis soluções propostas para superar os problemas. O Coringa solicita ao público que descubra a solução ou idéia certa que pode ser implementada para resolver o conflito experimentado pelos personagens oprimidos na peça.

Passo 4: Peça de intervenção
Durante as sessões de intervenção, a peça antimodelo é apresentada pela segunda vez. Neste caso, os membros da platéia podem interromper a ação (congelamento) da cena dizendo "PARAR". De esta maneira, um membro da platéia pode substituir ao ator para demonstrar as suas idéias para resolver o problema. O espectador pode entrar como um novo personagem ou substituir ao ator e oferecer uma solução desde a perspectiva do personagem.
Nesta fase, o público (espectador) muda para o papel de atores chamados "espectadores". Boal (2006) queria que o público fosse membro ativo da sociedade, cooperasse no enfrentamento dos conflitos existentes na sociedade. O público é referido como "ator-espectador", pois é incentivado a observar e interagir com a performance em diferentes etapas do processo (Boal, 2006). Os "atores-espectadores" ofereceriam soluções por meio da interação, como entrar e sair do papel, assim como discussão, reflexão e debate. Hammond

(2012) chamou "inversão de papéis" ao envolvimento dos "atores-espectadores" na ação. O objetivo é proporcionar aos participantes um espaço seguro para compartilhar os seus pontos de vista e dar a oportunidade de participar de um ensaio para a realidade (Boal, 2006).

É importante que o Coringa esteja presente em tudo, garantindo que todos saibam o que está acontecendo. Depois de explorar 2-3-4 finais diferentes, o Coringa pode encerrar o fórum.

INSTRUÇÕES

O Coringa começa a ajudar aos participantes a sair dos papéis para que todos os participantes voltem a ser eles mesmos (movendo-se por exemplo). A seguir, o Coringa sugere uma discussão aberta que pode começar a responder a algumas perguntas como: o que aconteceu, quais situações foram apresentadas, quais transformações foram apresentadas, as implicações, o que aprenderam com ela, se estão relacionadas com as opressões apresentadas, qual é o principal elemento de aprendizagem etc.

Resultados de aprendizagem:

- Implementação de técnicas teatrais através do processo de aprendizagem e ensino.
- Promoção de métodos pedagógicos inovadores como técnicas teatrais para aprimorar as habilidades dos refugiados e dos requerentes de asilo.
- Compreender o papel desempenhado pelo desenvolvimento da competência intercultural para alcançar uma educação inclusiva.

Limitações:

É recomendável que o curinga (instrutor) tenha lido literatura sobre o teatro fórum, bem como sobre o Teatro do Oprimido.

Soluções "mágicas" devem ser evitadas: As intervenções que oferecem soluções "mágicas" são boas demais para serem verdadeiras e contemplam circunstâncias super-humanas ou ideais. Muitas vezes acontece quando assumimos que as forças da opressão podem ser negligenciadas. Quando a Magia é oferecida como solução, é importante que o Coringa identifique a Magia, explique ao público e sugira um ponto de intervenção alternativo.

Recursos / Referências:

https://www.deadearnest.co.uk/forum-theatre

file:///C:/Users/huawei/Documents/Downloads/FORUMTHEATRETECHNIQUEENHANCINGLEARNINGINMORALEDUCATIONCLASSROOM.pdf

https://www.youtube.com/watch?v=ANtkDBd9UNI

https://ka2sabta.files.wordpress.com/2019/01/guidetoforum-120310174532-phpapp01.pdf

UNIDADE 2:
"*Trabalhando a* resiliência dos refugiados e requerentes de asilo"

Ferramenta #1
"Um questionário de resiliência"

O que? Uma aula em que os alunos exploram o que é resiliência, familiarizando-se com os 8 componentes principais da resiliência e identificando os seus traços em si mesmos e nos outros, usando um "questionário de resiliência".

Duração: 60 minutos

Materiais:
Fotocópias de um questionário de resiliência
Quadro branco
Marcadores do quadro branco

Procedimento:
Passo 1: Escrever "O que torna uma pessoa resiliente?" no quadro branco.
Passo 2: Dividir aos alunos em duplas para discutir a questão e solicitar a 1 membro do par para fazer anotações.
Passo 3: Solicitar os pensamentos dos alunos e escrever no quadro branco.
Passo 4: Dar a cada aluno uma cópia de "O Questionário de Resiliência ".
Passo 5: Solicitar aos alunos para lerem as páginas 2 e 3.
Passo 6: Solicitar que discutam o texto em contraste com as anotações que fizeram.
Passo 7: Convidar alguns alunos que compartilhem os seus pensamentos com a turma.
Passo 8: Solicitar aos alunos para lerem as páginas 4 e 6.
Passo 9: Distribuir aos alunos no seus pares com uma seção para 1 dos 8 componentes principais da resiliência.
Passo 10: Instruir ao aluno a entrevistar ao seu parceiro e vice-versa usando as perguntas referentes ao seu componente.
Passo 11: Instruir aos alunos a avaliarem ao parceiro de acordo com as páginas 4 a 6 da leitura.
Passo 12: Juntar pares em grupos de 4 para discutir o exercício.
Passo 13: Convidar a cada grupo a compartilhar alguns dos seus pensamentos e abrir uma discussão em classe.

Resultados de aprendizagem
O aluno é capaz de articular o que eles acreditam que torna alguém resiliente e discutir o tópico da resiliência. O aluno está familiarizado com os 8 componentes principais da resiliência e como avaliá-los no outro. O aluno foi objeto de avaliação e pode avaliar a

resiliência de outro aluno em termos de 1 dos componentes principais da resiliência. O aluno pode discutir todos os 8 componentes da resiliência.

Limitações:

Idealmente, a atividade de pares incluída nesta ferramenta poderia ser 1 de uma série de 8, distribuídas num curso de treinamento. Isso daria ao aluno a oportunidade de avaliar e identificar todos os 8 principais componentes dentro de si ou dos outros. Os tipos de limitações que os formadores podem enfrentar ter que ver com que o aluno não esteja disposto a participar devido a um senso de vulnerabilidade gerado pelo requisito de compartilhar informações pessoais. Os alunos que exibem esse tipo de reserva devem ser lembrados de que não precisam divulgar mais do que o necessário para entender o tópico. É importante observar aos alunos de perto durante o período pós-avaliação para dissolver qualquer tensão causada pela maneira como os pares avaliam a resiliência.

Recursos / Referências:

https://www.psionline.com/wp-content/uploads/TheResilienceQuestionaire_ExampleAssessorReport-6.pdf

Ferramenta #2
"O que é Trauma?"

O que?
Uma palestra sobre trauma intitulada "Reconhecendo e respondendo ao trauma entre as populações de refugiados" Por Guglielmo Schininà Chefe - Seção de Organização Internacional para Migração (OIM) da Seção de Saúde Mental, Resposta Psicossocial e Comunicação Intercultural na forma de um PowerPoint. A palestra aborda I. O que é Trauma? II Uma perspectiva psicossocial e III. Respostas e recomendações.

Duração: 70 minutos

Materiais:
Um projector
Um quadro branco
Marcadores para quadro branco

Procedimento:
Passo 1: escrever a pergunta "Como podemos reconhecer traumas nos outros?" e convidar aos alunos a responder.
Passo 2: Escrever uma seleção das respostas dos alunos no quadro branco.
Passo 3: Escrever a pergunta "Como devemos responder se reconhecermos os sinais de trauma nos outros?" e convidar a classe a responder e utilizar as respostas derivadas do Passo 1.
Passo 4: Apresentar a palestra e solicitar aos alunos que tomem notas, as quais farão parte de uma etapa posterior.
Passo 5: Dirigir a palestra.
Passo 6: Distribuir aos alunos em grupos de 4 e solicitar que eles discutam as suas impressões da palestra usando as suas anotações.
Passo 7: Convidar a cada grupo a compartilhar os principais elementos e idéias da sua discussão com o grupo da classe.
Passo 8: Convidar a classe como um todo para refletir sobre como a percepção deles sobre como reconhecer o trauma nos outros e reagir ao trauma nos outros tem mudado.

Resultados da aprendizagem: O aluno pode discutir como reconhecer o trauma. O aluno está familiarizado com alguns elementos básicos dos efeitos psicossociais do trauma e é capaz de discuti-los com outras pessoas. O aluno é capaz de refletir sobre qualquer concepção errônea que possa ter tido em termos de reconhecimento de trauma nos outros e de como responder a ele.

Limitações: O formador pode achar que a sua capacidade de explicar todos os elementos desta palestra tem sido pouco sucedida se eles não conseguirem explorar adequadamente as referências que estão contidas.

Recursos / Referências:

http://www.resettlement.eu/sites/icmc.tttp.eu/files/Prof%20G%20Schinina_IOM_0.pdf

Ferramenta #3
"Monólogo"

O que?
Esta atividade combina uma ferramenta - um questionário - que visa conscientizar aos beneficiários sobre o seu nível de resiliência e uma técnica teatral de monólogo, a fim de expressar como podem lidar com uma situação difícil, através de um caso de estudo que simboliza um possível problema de vida cotidiana e as suas possíveis soluções para lidar com isso.

Duração: 1h

Materiais: questionários impressos, canetas, folhas A4 e uma mesa com cadeiras para a implementação das discussões de dramatização entre os participantes.

Procedimento:
Os formadores devem usar as seguintes instruções:

Passo 1: Solicitar aos participantes que preencham o seguinte questionário, a fim de verificar o seu nível de resiliência:
Esta é uma versão abreviada do Questionário de resiliência de Nicholson McBride (NMRQ). Para cada pergunta, seleccione entre 1 e 5, onde 1 = discordo totalmente e 5 = concordo totalmente.

1: Em um ponto difícil, volto-me imediatamente a ver que pode ser feito para corrigir as coisas. ___
2. Eu tento influenciar onde posso, em vez de preocupar-me com o que não posso influenciar. ___
3. Não aceito críticas pessoalmente.___
4. Geralmente, consigo manter as coisas em perspectiva. ___
5. Estou calmo em uma crise. ___
6. Sou bom em encontrar soluções aos problemas. ___
7. Eu não me descreveria como uma pessoa ansiosa.___
8. Eu não costumo evitar conflitos. ___
9. Tento controlar os eventos em vez de ser vítima de circunstâncias. ___
10. Confio na minha intuição.___
11. Administro bem os meus níveis de estresse. ___
12. Sinto-me confiante e seguro na minha posição. ___

Passo 2: Agora, verificar a pontuação para encontrar as principais características de cada um dos participantes. Nos detalhes de cada uma delas, encontrarão também algumas frases que refletem as suas características de pensamento. Posteriormente, usarão essas frases em um processo de representação de papéis com outras pessoas resilientes, a fim de iniciar uma discussão sobre um tópico que será descrito em detalhes na etapa a seguir.

TOTAL: A* sua pontuação*:

0 – 37: Um nível de resiliência em desenvolvimento. A sua pontuação indica que, embora nem sempre se sinta à mercê dos eventos, de facto se beneficiaria significativamente do desenvolvimento de aspectos do seu comportamento.
Frases relevantes: "Farei o melhor, mas não posso prometer nada"
"Não sei o que acontece a seguir, mas tentarei não desistir".
"Eu sei que posso fazer mais do que isso, mas algo me mantém parado".
"Eu sei que posso lidar com isso, mas provavelmente alguém poderia ser melhor nisso."
"Às vezes, sinto que é muito fácil desistir."

38 – 43: Um nível estabelecido de resiliência. A sua pontuação indica que, ocasionalmente, pode ter dias difíceis em que não consegue fazer as coisas do seu jeito, mas raramente se sente pronto para desistir.
Frases relevantes: "Eu sei que cada dia é um dia diferente e que não consigo controlar todas as barreiras que aparecem frente a mim".
"Às vezes, consigo lidar com um conflito, mas há outros que me sinto fraco demais para lidar com isso."
"Tenho certeza de que virão dias difíceis, mas tenho medo deles, sinto que não vou conseguir enfrentá-los."
"Tenho medo de enfrentar situações difíceis, porque no passado falhei algumas vezes - também ultrapassei, mas não sei por que o pensamento negativo prevalece -."
"Tento não evitar as circunstâncias, mas raramente sinto que vou desistir."

44 - 48: Um forte nível de resiliência. A sua pontuação acima da média indica que consigue lidar com os golpes muito bem e tem um histórico impressionante de transformar contratempos em oportunidades.
Frases relevantes: "Normalmente, converto o meu estresse em criatividade, para lidar com uma situação difícil de forma mais eficaz."
"O que eu sei é que toda condição positiva ou negativa na vida oferece sempre algo novo a sua personalidade."
"A vida nem sempre oferece bons momentos e precisamos saber isso para estar prontos quando as condições se tornarem mais difíceis."
"Eu sempre tento pensar em como tirar proveito de uma situação problemática".
"Em um mundo difícil, apenas os mais fortes podem sobreviver."

49 - 60: Um nível excepcional de resiliência. A sua pontuação indica que é muito resiliente na maioria das vezes e raramente falha em se recuperar - seja o que a vida lhe der. Acredita em fazer a sua própria sorte.
Frases relevantes: "Vivemos apenas uma vez e não temos tempo para falhas."
"Os fracassos são para os fracos e para aqueles que não apanham a vida nas suas mãos."
“Nada vem por sorte. Nós definimos o nosso futuro.”
"O segredo duma vida bem-sucedida é manter-se de pé independentemente do que a vida ponhe no seu caminho."
"Não aceito a palavra" falhar "no meu vocabulário."

Passo 3: Dar aos participantes o seguinte estudo de caso - impresso - de um homem grego que perdeu a sua casa durante as inundações em Mandra, Atenas, em 2017.
“As inundações atingiram Mandra na noite anterior. Dediquei cinco anos à construção da minha casa, mesmo durante a crise, e tudo desapareceu num instante. Foi a coisa mais difícil pela qual já passei; perder tudo o que construí. Estava apavorado. Liguei a minha família e amigos que moram nas proximidades. Todos vieram para ajudar a salvar o máximo possível. Conseguimos rescatar algumas coisas, mas a maioria não.
Fiquei muito surpreendido do apoio que recebi após o dilúvio. Assim que soube, o meu irmão conduz mais de 160 quilômetros para me ajudar a salvar o que podíamos. A minha família e amigos largaram o que estavam a fazer. Não foram feitas perguntas. Quando algo tão ruim acontece, as pessoas conseguem surpreender-nos ”

Passo 4: Agora, solicitar aos participantes que pensem no seu nível de resiliência e nas frases relacionadas a esse nível, e tentem pensar no que fariam no caso desse homem grego. Em seguida, os formadores devem dividir aos participantes em pares, a fim de iniciar uma colaboração entre si. Quem desejar compartilhar o seu nível de resiliência, será o primeiro em iniciar um monólogo, tendo em mente as frases da sua personagem. Portanto, neste ponto, os formadores devem entregar aos participantes papéis A4 impressos com as frases sugeridas para os seus monólogos (duração do monólogo de 3 a 5 minutos cada um).
A dica é descrever o que é o monólogo usando o seguinte termo: “O monólogo, dos monólogos gregos (composto de μόνος, monos," sozinho "," único "e λόγος, logos," fala "), é uma composição de cena, ou parte de uma cena de teatro ou outra composição, projetada para ser interpretada por um ator, que está sozinho no palco ao falar. "
O segundo será o ouvinte, que observará e fará anotações sobre:
-O que está pensando o interlocutor?;
-Quais são as possibilidades de superar esta situação difícil?;
-As soluções possíveis baseadas nos seus pensamentos.
O ouvinte NÃO deve falar durante o monólogo.

Passo 5: Agora, é a hora do ouvinte mencionar o que foi observado durante o monólogo dessa pessoa e responder à seguinte pergunta:
-O indivíduo superará esta situação?
- Como a resiliência pode ajudá-lo nisso?

- Quais são as possíveis soluções sugeridas com base no seu nível de resiliência?

NOTA: Nesta etapa, os formadores promovem o significado de resiliência e como as pessoas, com base no seu nível de resiliência, podem lidar com condições difíceis que provavelmente enfrentarão no futuro. Termine esta atividade falando do significado dessa atividade e os principais resultados surgiram das discussões dos participantes.
O questionário foi obtido em:
https://www.nwpgmd.nhs.uk/sites/default/files/resiliencequestionnaire.pdf

Resultados de aprendizagem:
Esta atividade está vinculada aos objetivos de aprendizagem propostos no Currículo, pois visa capacitar a resiliência dos beneficiários, a fim de facilitar a busca de uma solução eficaz aos problemas e a recuperação mais rápida de uma situação difícil do seu cotidiano.

Limitações:
Os formadores devem trabalhar com todos os participantes do grupo. O que não participam na dramatização, podem fazer anotações e observar o processo de discussão, para descobrir quem é o personagem mais eficaz da história.

Recursos / Referências:
O questionário obtido em:
https://www.nwpgmd.nhs.uk/sites/default/files/resiliencequestionnaire.pdf

Ferramenta #4
"Máscaras"

O que? A atividade combina uma técnica de terapia dramática chamada "Máscaras" para facilitar o processo de expressão entre os participantes de um grupo.

Duração: 1h

Materiais: canetas, marcadores e folhas A4, tesouras, perfurador de papel e pneus.

Procedimento:
Os formadores devem seguir as seguintes instruções:
Passo 1: dar aos participantes 2 minutos para fechar os olhos e pensar em si mesmos. Como imaginam que os outros os veem, quais as são as suas expectativas e como realmente são.
Passo 2: A seguir, dar-lhes marcadores e folhas A4, tesouras, perfurador de papel e pneus e pedir-lhes que desenhem a forma do rosto que represente as sua personalidade como eles acreditam que são e como os outros os percebem (queremos uma combinação dessas duas perspectivas). Para esta etapa, dar-lhes 10 minutos.
Passo 3: Usar os perfuradores de papeis e os pneus para finalizar a máscara e solicitar aos participantes para por-se as máscaras nos seus rostos. Eles devem sentar-se em círculo com a máscara, aguardando o próximo passo da atividade. Enquanto estão sentados, solicitar que observem o rosto dos outros, as cores que usaram, as expressões, as formas dos seus desenhos.
Agora, é hora de explicar aos participantes a importância das máscaras como uma técnica de terapia dramática: tanto o facto de usar uma máscara dentro do processo terapêutico, assim como também o facto de criar a própria máscara que reflete as própias experiências ou corresponda aos seus sentimentos pode ser de ajuda para os participantes. Além disso, é recomedável que os ajude a se sentirem mais seguros e protegidos, além de oferecer-lhes outra maneira de expressar-se e compartilhar os seus sentimentos com os outros de forma não verbal ou verbal.
Passo 4: Os formadores, aqui, devem dividir aos participantes em pares. O tópico da discussão é um facto do dia-a-dia que seja difícil para eles lidar. Eles podem escolher algo menos ou mais complicado. Use os exemplos a seguir para motivar os participantes a pensar em algo relevante:
Exemplo n.1: "O meu chefe falou comigo de má maneira e eu não tive coragem de responder adequadamente".
Exemplo n.2: "Acabo de divorciar-me, então está a ser um período difícil para mim".
Depois, explique aos pares que, através da máscara, como técnica de terapia dramática, é mais fácil expressar o que de outra maneira é dificil para nós em nossas vidas diárias. Permita aos pares discutir por cerca de 10 a 15 minutos. A condição necessária aqui é que eles sempre usem as suas máscaras.
Passo 5: Ambas personagens devem expressar o seu problema ao outro, enquanto os ouvintes devem fazer algumas anotações sobre os pensamentos dos interlocutores.

Portanto, os formadores devem fornecer folhas A4 para as anotações. Logo, os interlocutores mudam de papéis, um é o orador A e o outro é o ouvinte. O que os ouvintes devem incluir nas perguntas que serão respondidas pelos interlocutores são:
-Qual foi a situação que te incomodou nesse caso e por quem?
-Como vai lidar com um caso semelhante a próxima vez?
-Feche a sua narração, usando a frase "A próxima vez, lidaré com a situação muito melhor."
Passo 6: Após a discussão de 15 minutos, eles devem voltar às suas posições e escolher 2 a 3 pares para se levantar e iniciar uma discussão pública entre si (como uma dramatização). Os dois papéis aqui são: O primeiro é o falante, que expressa o seu problema com base nas anotações do ouvinte (da etapa anterior). O segundo é o ouvinte, o indivíduo vai escutar ao seu interlocutor expressando o problema que ele causou. Depois de 3 a 5 minutos, eles mudam de papéis e os repetem, usando sempre a sua máscara para facilitar o processo de discussão.
Passo 7: Feedback dos participantes:
-Como as máscaras, como técnica de terapia dramática, facilitam o processo de expressão?
-Como, através da expressão dos seus sentimentos, é possível aumentar a sua resiliência?
-Como seria a mesma atividade sem as máscaras? Seria mais fácil ou mais difícil?

Resultados de aprendizagem
A atividade está relacionada aos objetivos de aprendizagem propostos no Currículo, pois utiliza uma técnica de terapia dramática (Máscaras), com o objetivo de motivar aos indivíduos, a fim de expressar-se e fortalecer a sua resiliência, lidando com situações complexas.

Limitações: Os formadores devem estar atentos aos problemas sensíveis que podem surgir durante a discussão. Portanto, eles devem estar preparados para lidar com conflitos ou confusões e motivar as pessoas a não partilharem uma experiência traumática que as faria sentir desconfortáveis.

Recursos / Referências:

Techniques in Drama Therapy. (2019, June 19). Retrieved from: https://positivepsychology.com/drama-therapy/

Atividade#1
"Buzz idea"

O que?
Esta é uma atividade de sala de aula realizada em grupo para ajudar aos alunos a discutir e articular o que a resiliência significa para eles e compartilhar exemplos de resiliência do seu conhecimento.

Duração:
40 minutos

Materiais:
Post-its
Fotos de Revistas / Fotos mostrando diversas situações com pessoas
Ou
Conjunto de cartas (Body Signal Cards de www.innovativeresources.org)

Procedimento:

Atividade 1: Buzz idea (15 minutos)

Passo 1: Escrever a frase "Uma imagem conta mais que mil palavras ..." em um quadro branco.

Passo **2**: Espalhar cartas de figuras/ fotos no chão da sala de aula.

Passo 3: Pedir aos participantes que escolham um cartão com foto que eles acham que melhor representa a palavra resiliência.

Passo 4: Os participantes compartilham qual é o significado que tem o seu cartão em relação à resiliência.

Atividade 2: O que é resiliência? (25 minutos)

Passo 1: Escrever a palavra "resiliência" e o significado "recuperar-se, avançar em tempos difíceis" e discutir o conceito com os alunos.

Passo 2: Usando um post-it, peça a cada aluno que anote a sua própria definição e um exemplo de quando ele ou alguém que ele conhece tenha sido resiliente.

Passo 3: Organizar aos alunos em dois grandes círculos concêntricos. Os alunos do círculo interno compartilham a sua definição. Os alunos do círculo externo compartilham o seu exemplo.

Passo 4: O círculo interno gira no sentido horário e o processo é repetido até que todos

compartilhem.

Passo 5: Logo, os alunos trocam do círculo interno para o círculo externo e compartilham as outras informações.

Passo 6: Desenhar um gráfico em Y no quadro. Todos os alunos debatem como ve-se, como sinte-se, e como soa ser resiliente.

Resultados de aprendizagem
O aluno é capaz de explicar por que ser resiliente não é manter as coisas dentro, mas expressar como sinte-se e seguir em frente. O aluno pode articular como as pessoas resilientes sabem como controlar as suas emoções para conseguir avançar com um plano de ação. O aluno está familiarizado com uma gama diversificada de cenários da vida real, onde a resiliência é evidente.

Limitações: Esta atividade será limitada se o formador falhar em criar um ambiente seguro de aprendizagem espacial, por exemplo, se permitir interrupção frequente de indivíduos que não estão envolvidos na atividade. Da mesma forma, se o formador falhar em familiarizar-se com o procedimento, fornecendo diretrizes inconsistentes para o comportamento dos alunos ou falhar em oferecer um modelo de respostas e comportamentos apropriados na atividade.

Recursos / Referências:

Adapted from "What is resilience?" from www.reachout.com

https://schools.au.reachout.com/articles/what-is-resilience

Atividade #2
"Carta de um Refugiado"

O que?
Uma classe que ajudará aos alunos a simpatizarem com os refugiados e solicitantes de asilo na sua região. As ferramentas para apoiar esse processo são um infográfico sobre como apoiar sobreviventes de trauma e um vídeo intitulado "Carta de um refugiado" que segue a jornada emocional de um grupo de mulheres jóvens sírias que tiveram que fugir da guerra na Síria, o estresse da separação da família e dos amigos, as dificuldades de se adaptar ao novo ambiente e, finalmente, a descoberta das suas próprias forças internas.

Duração:
60 minutos

Materiais:
Um projector
Cópias coloridas do infográfico "Como apoiar um sobrevivente de trauma"
Quadro branco
Marcadores do quadro branco
Vídeo - "Carta de um refugiado"
https://www.youtube.com/watch?v=ApUhm_KLV-g&t=1s

Procedimento:
Passo 1: Coloque aos alunos em grupos de 4.
Step 2: Escreva o seguinte no quadro branco;
Sou (o tipo mais comum de refugiado e requerente de asilo na sua região) como é isso para mim?
Como me sinto antes de fugir?
Como me sinto durante?
Como me sinto quando chego ao meu novo país / cultura de acolhimento?
Passo 3: Informe aos alunos a considerarem essas perguntas em grupos de 4. Peça que um membro do grupo faça anotações em nome do grupo. (15 minutos)
Passo 4: Convide aos diferentes grupos de 4 para compartilhar as suas anotações.
Passo 5: Peça ao grupo que pense em 5 maneiras de apoiar ao refugiado que eles criaram. (10 minutos)
Passo 6: Agora, distribua a cada aluno uma cópia colorida do infográfico "Como apoiar um sobrevivente de trauma".
Passo 7: Peça aos alunos que leiam o infográfico e o contrastem com as idéias do grupo. Eles são os mesmos? Eles são diferentes?
Passo 8: Convide aos grupos a compartilhar as suas discussões com o grupo.
Passo 9: Agora, informe aos alunos que assistirão a um vídeo intitulado "Carta de um refugiado" sobre um grupo de mulheres jovens sírias que tiveram que fugir da guerra

na Síria.

Passo 10: Crie novos grupos de 4 e peça que eles considerem as 3 perguntas do quadro branco em relação a esse tipo de perfil de refugiado. A menos que seja o tipo de perfil de refugiado já descrito na Etapa 3.
Passo 11: Agora, reproduza o vídeo para os alunos.
Passo 12: Peça aos novos grupos de 4 que discutam os seus pensamentos sobre as histórias das jovens no vídeo enquanto consideram o infográfico "Como apoiar uma sobrevivente de trauma".
Passo 13: Incentive aos alunos a pegar o infográfico, plastificá-lo e colocá-lo em um lugar de destaque no setor de funcionários dos seus escritórios. Por exemplo. Quadro de avisos da equipe.
Passo 14: Convide aos alunos a refletirem sobre o que aprenderam na classe como grupo de classe.

Resultados de aprendizagem
O aluno pode descrever o perfil de um refugiado ou requerente de asilo comum à sua região. O aluno pode simpatizar com as emoções relacionadas à experiência da migração forçada em termos do tipo mais comum de refugiado ou requerente de asilo na sua região por meio de discussão. O aluno está familiarizado e pode aplicar as informações fornecidas no infográfico "Como apoiar um sobrevivente de trauma" a um refugiado ou requerente de asilo. O aluno assistiu aos relatos em primeira mão da migração forçada no vídeo "Carta de um refugiado" e pode discutir a experiência das jovens refugiadas sírias em termos do infográfico "Como apoiar uma sobrevivente de trauma".

Limitações: O formador deve ser avisado de que este é um tópico emocional e tentar, tanto quanto seja possível, orientar aos alunos a serem objetivos nas suas reflexões sobre os tópicos emotivos. Esta classe não é adequada para alunos que possam estar sofrendo de trauma secundário ou para aqueles que sofrem grandes migrações repentinas.

Recursos / Referências:

https://www.echotraining.org/support-trauma-survivor-infographic/

https://www.youtube.com/watch?v=ApUhm_KLV-g&feature=youtu.be

Atividade #3
"Interpretação de papéis e escrita automática"

O que?
Esta atividade combina duas técnicas diferentes, a dramatização e a escrita automática, com um objetivo comum, para capacitar e fortalecer a capacidade de resiliência do grupo-alvo.

Duração: 1h- 1:30h

Materiais: história impressa, folhas A4, canetas

Procedimento:

Passo 1: Os formadores devem ler o seguinte texto duas vezes:
A história foi recuperada de: https://medium.com/swlh/a-hidden-and-forgotten-story-about-resilience-cce0c1158946

"Durante o meu último ano de graduação, fui obrigado a entregar minha tese final.
Eu tive que escolher entre um fenômeno psicológico ou social que ressoasse bastante, para poder estabelecer uma especulação sólida. Forte o suficiente para ajudar a explicar a sua causa ou correlação.
Fiquei olhando minha ecrã extremamente brilhante por um bom tempo e ... nada.
Eu poderia recurrir a centenas de motivos sociais com os quais não estava feliz:
Com vista à fome na África para iniciantes, como a maioria das pessoas pode passar por uma cena horrível e não fazer absolutamente nada (o efeito de espectador), se estamos naturalmente inclinados a ser materialistas ou a crise existencial de por que nunca nos sentimos realmente satisfeitos com qualquer coisa que fazemos.
Havia tantas idéias, pensamentos e teorias que eu queria refutar ou resolver, que não podia simplesmente escolher.
Mas, com um pouco mais de foco e estreitando as minhas opções, decidi seguir um tópico que me ajudaria a entender certos aspectos da minha própria vida.
Foi assim que pensei - sempre me perguntei por que algumas pessoas eram mais resistentes que outras e por que outras eram mentalmente mais "duras" do que eu nas mesmas circunstâncias.
Eu perguntei-me:
Por que algumas crianças criadas com pais abusivos florescem e por que algumas sob o mesmo teto acabam nas drogas?
Por que uma menina que cresceu com uma mãe sádica transformou-se em uma serial killer e outra com a mesma mãe, transformou-se em uma mãe amorosa?
Por que algumas vítimas do holocausto sobreviveram e outras pereceram?
Por que algumas pessoas usam a infância como desculpa para o fracasso, enquanto outras a usam para empoderarse?

Eu acredito que a palavra mágica é resiliência. ”

Passo 2: Dar aos participantes canetas e folhas e peça-lhes que anotem por cerca de 2 minutos o que pensam sobre esta história. Avise-os de que não devem deixar as canetas nem por um momento e devem escrever o tempo todo sem pensar no sentido dos textos - apenas o que vier à mente neste momento específico. Eles precisam concentrar-se e deixar as suas mentes e pensamentos livres para expressar os seus sentimentos através de um papel. O formador deve controlar aos participantes para não parar de escrever durante esse processo de 2 minutos. Esse procedimento chama-se escrita automática e é uma capacidade psíquica reivindicada, permitindo que uma pessoa produza palavras escritas sem escrever conscientemente. Após o término dos 2 minutos de redação, os formadores devem explicar a todos os membros em que consiste a redação automática.

Passo 3: Pedir aos participantes que leiam as suas histórias pessoais. Depois de 2 a 3 minutos, pergunte se alguém não deseja compartilhar o seu texto com outras pessoas, explicando que a escrita automática pode alcançar áreas muito sensíveis e inconscientes do pensamento das pessoas. Por tanto, se houver alguém a sentir-se desconfortável, é melhor não ler.

Passo 4: Dividir aos participantes em duplas e peça que usem as suas histórias pessoais e criem um cenário - um diálogo entre essas duas vozes internas. Eles devem conectar as suas histórias, para criar uma em comum com lógica e continuidade. Duração desta etapa: 20 minutos.

Passo 5: Depois, explique-lhes que precisará de 2 pares para apresentar à equipe a história deles, usando a técnica de interpretação de papéis. Uma condição necessária é que eles usem a sua imaginação e as suas habilidades artísticas e teatrais para criar uma mini performance teatral, transformando um pensamento pessoal numa dramatização teatral. Duração desta etapa: 20 a 30 minutos.

Passo 6: Explique-lhes que essa técnica pode reduzir os níveis de estresse e aumentar os níveis de resiliência, o que significa que aumenta a sua capacidade de recuperar-se rapidamente de dificuldades ou condições confusas. Além disso, pode perguntar o seguinte:
-Como te estas a sentir?
-O que tens aprendido dos teus pensamentos?
-Qual foi o ponto chave da história?
-Acreditas que esta técnica pode ajudar-te a aumentar a tua resiliência?
-Como a dramatização como técnica teatral pode facilitar o processo de aprendizagem?

Resultados de aprendizagem:
Esta atividade está vinculada aos objetivos de aprendizagem propostos no Currículo,

porque:
-é uma atividade / método que combina duas técnicas (escrita automática e dramatização) em um procedimento para promover o significado de resiliência.
-Por meio da técnica teatral de representação de papéis, os beneficiários trabalham a sua capacidade de expressar-se e encontrar uma solução eficaz aos problemas.
-Através da complexidade da atividade e do envolvimento dos participantes em vários procedimentos, promovemos a importância da resiliência; de recuperar-se rapidamente de desafios difíceis (tal como o desafio de ler os seus pensamentos e perceber o grau de complexidade que podem chegar a ter) e de ser flexível para encontrar soluções eficazes em pouco tempo.

Limitações: Os formadores devem ter muito cuidado com o modo como abordarão as histórias pessoais dos participantes, porque a escrita automática é uma técnica que desperta instintos e pensamentos inconscientes, que podem levá-los a uma posição desconfortável.

Recursos / Referências:

A Hidden and Forgotten Story about Resilience. (2018, August 2). Retrieved from https://medium.com/swlh/a-hidden-and-forgotten-story-about-resilience-cce0c1158946

Atividade #4
"O método metafórico"

O que?
Esta atividade é uma técnica teatral para escrever uma história / com base em experiências pessoais e exemplos reais de indivíduos chamados a expressar-se de maneira mais metafórica, introduzindo o seu próprio cenário. A variável aqui conectada à unidade específica é que o cenário será inspirado nas condições que fortalecem a resiliência dos indivíduos.

Duração: 1h - 1.30h

Materiais: canetas, folhas A4, flipcharts, marcadores, colas, tesouras

Procedimento:
Os formadores devem seguir as seguintes instruções:
Passo 1: Explicar-lhes que esta atividade será uma competição sobre o melhor cenário - a melhor história. Como ponto de partida, peça que eles criem as suas histórias pessoais, fornecendo 2 elementos: O primeiro é pensar e listar os 5 eventos mais importantes que aumentaram a sua resiliência, tendo em conta que conseguiram lidar com isso e recuperar-se de uma situação difícil. O segundo elemento é que os participantes pensem e criem uma personagem. "Podem imaginar ser um ator, cantor, pai ou mãe que tenha problemas com um filho ou com a sua esposa. Então, tem de pensar em um desejo específico dessa personagem. Tem de pensar em algo concreto, dinheiro, fama, proximidade com uma pessoa, em vez de desejos abstratos, como amor ou crescimento pessoal. " Depois de descrever as personagens e os desejos, tentem escrever uma história relacionada a essa personagem e às experiências pessoais (mencionadas acima) que a tornam mais difícil e a ajudam a ser mais forte e mais resiliente.

Passo 2: Depois de explicar aos participantes as instruções, leia o texto a seguir para perceber melhor o significado de escrever histórias; o objetivo não é escrever experiências pessoais, mas criar uma história, com personagens, com um enredo, uma continuidade e um fim (feliz ou não): "Escrever é uma possibilidade e um grande recurso para quem quer experimentar, descobrir, ser surpreendido pelas suas emoções. Escrever por qualquer tipo de motivo teatral ou artístico significa ter uma responsabilidade maior, porque as palavras e os pensamentos não se destinam apenas ao papel, mas precisam ter em consideração a interpretação das palavras, uma audiência a escutar os seus pensamentos. A escrita a ser lida, meditada e discretamente pensada é completamente diferente da escrita teatral, que faz com que as mensagens cheguem imediatamente através da ação, do som e das imagens que evoca. O teatro não é cinema: não possui uma ferramenta visual que facilita a compreensão de lugares, tempos, situações. Tudo depende da palavra. Por isso, as

palavras do teatro têm uma enorme responsabilidade "(Barbara Sinicco).
Passo 3: Oferece-lhes 30 minutos para criar a sua própria história. Depois disso, devem compartilhar com o grupo o seu cenário pessoal. Aquele com o melhor cenário é o vencedor do procedimento. **O prêmio é que a personagem vencedora será o protagonista de um cenário / história comum mencionado nas etapas a seguir.**

Passo 4: Peça aos participantes que criem uma história comum, combinando todos os personagens de todas as histórias. Oferece-lhes flipcharts, marcadores, colas, tesouras e sugira que eles criem no flipchart a apresentação do seu próprio espetáculo teatral. A apresentação deve incluir: -Título, todas as personagens mencionadas nas histórias - o protagonista é o vencedor do procedimento mencionado no passo 3, um enredo comum e uma breve descrição da história. (Com um ponto inicial e final).

Passo 5: Chegou a hora da apresentação da história. Dois participantes, selecionados pela equipe, devem mostrar o seu cenário.

Parte de reflexão:
Os formadores devem fazer as seguintes perguntas aos participantes na parte final da atividade para ter a conexão deste método com os objetivos de aprendizagem prometidos no Currículo:
Q1: Como avalia esta técnica de escrita?
P2: De que maneira a abordagem teatral da história a torna mais ilustrativa e atraente para o público?
Q3: Como relaciona o significado de resiliência com esta técnica de teatro?

Resultados de aprendizagem:
Essa atividade está vinculada aos objetivos de aprendizagem propostos no Currículo, pois combina a abordagem teórica da resiliência e a sua expressão prática por meio de técnicas de teatro, como escrever um cenário, com uma personagem, um enredo, um início e um final.

Limitações:
-Os formadores, na parte de *reflexão*, podem adicionar mais perguntas.
-Os formadores devem ter muito cuidado em como abordar o processo da escrita. Devem esclarecer o significado da escrita como técnica de teatro e como forma de expressão.

UNIDADE 3:
"*Enriquecendo* competências interculturais através do teatro"

Ferramenta#1
"Inteligência Cultural"

O que? Uma palestra em PowerPoint de Shireen Chua explicando o tópico "Inteligência Cultural" em termos de conhecimento, motivação, ação e estratégia, que inclui um apêndice extremamente útil sobre Valores Culturais, desde uma perspectiva global.
Duração: 1h

Materiais:
Um quadro branco
Marcadores do quadro branco
Um computador
Um projetor
Acesso à internet

Procedimento:

Passo 1: Escreva "O que é Inteligência cultural?" no quadro branco.

Passo 2: Divida aos alunos em grupos de 4 e peça que discutam a pergunta. (10 minutos). Peça que um membro do grupo faça algumas anotações.

Passo 3: Convide aos diferentes grupos a compartilharem as suas idéias e escreva as respostas ao redor da pergunta no quadro branco.

Passo 4: Informe aos alunos que agora fará uma apresentação sobre o tema da inteligência cultural e convide-os a fazer anotações.

Passo 5: faça a palestra.

Passo 6: Peça aos alunos que reflitam sobre a apresentação em grupos de 4.

Passo 7: Convide aos alunos a compartilhar as suas reflexões com o grupo de classe.

Passo 8: Coloque aos alunos em novos grupos de 4.

Passo 9: Forneça aos alunos o apêndice sobre valores culturais e peça que eles o estudem.

Passo 10: Peça aos alunos para identificar 5 valores culturais que podem produzir mal-entendidos e / ou conflito.

Resultados de aprendizagem:
O aluno percebe e pode articular o que é inteligência cultural. O aluno pode discutir elementos de inteligência cultural com outros. O aluno percebe a inteligência cultural em termos de conhecimento, motivação, estratégia e ação. O aluno está familiarizado e pode discutir o valor cultural desde uma perspectiva global. O aluno pode dar 5 exemplos de valores culturais que podem causar mal-entendidos e / ou conflitos.

Limitações:
Esta apresentação foi projetada para dirigir ao usuário ao site www.cultureq.com, onde existem materiais para a compra. É possível que o formador utilize elementos desta apresentação para apoiar o tópico de discussão, por isso é essencial que o formador estude e selecione com antecedência o que eles exigem da apresentação. O apêndice sobre Valor Cultural deve ser falado antes dos exercícios de atividade teatral conectados a esta unidade.

Recursos / Referências:

http://isana.proceedings.com.au/wp-content/uploads/2016/12/Shireen-Chua-ISANA2016-Presentation.pdf

Ferramenta #2
"Etnocentrismo e relativismo cultural em grupo e fora de grupo"

O que? Uma breve conversa / vídeo onde explica "Etnocentrismo e relativismo cultural em grupo e fora de grupo" e questiona o facto de se o aluno estaria ou não disposto a comer um prato de insetos fritos.

Duração: 60 minutos

Materiais:
Um projetor
Marcadores do quadro branco
Um computador
Um projetor
Acesso à internet

Procedimento:
Passo 1: Coloque aos alunos em grupos de 4.

Passo 2: Escreva no quadro branco: "Discutir se há algo que as pessoas comem ou bebem na sua cultura que possa ser percebido como estranho ou desagradável para alguém de fora". Se for necessário, forneça o exemplo do prato escocês Haggis, que é feito enchendo o estômago de uma ovelha com o seu coração, pulmões e fígado com vários vegetais e aveia.

Passo 3: Solicite que um membro de cada grupo faça anotações da discussão. (10-15 minutos)

Step 4: Peça aos grupos que compartilhem as anotações que fizeram durante o período de discussão com o grupo da classe.

Passo 5: Limpe o quadro branco e agora escreva o seguinte: "Se és convidado para jantar na casa de um amigo e o prato é insetos fritos, o que farias?"

Passo 6: Solicite que os alunos agora discutam esse cenário. (10-15 minutos)

Passo 7: Solicite que um aluno, e não o mesmo aluno da última vez, faça anotações em nome do grupo.

Passo 8: Diga aos alunos que eles agora assistirão a um pequeno vídeo que discute esse tópico.

Passo 9: Peça aos alunos que reflitam em grupos sobre o vídeo que assistiram.

Passo 10: Convide aos alunos a considerar se as suas atitudes em relação à ingestão de insetos fritos mudaram.

Resultados de aprendizagem:
O aluno pode reconhecer o etnocentrismo usando um exemplo da sua própria cultura e de uma cultura distinta a sua através do meio alimentar. O aluno entende o que significa dentro do grupo e fora do grupo, em termos de etnocentrismo. O aluno pode refletir se a sua própria reação à discussão tem sido etnocêntrica ou não tendo em conta que tem sido provocada por receber um prato de insetos fritos no jantar.

Limitações:
Os formadores podem precisar ajudar aos alunos a identificar idéias culturais etnocêntricas à medida que a aula avança. É prudente considerar com antecedência várias opções de alimentos etnocêntricos específicos da própria cultura para ajudar aos alunos nas suas discussões.

Recursos / Referências:

https://www.khanacademy.org/test-prep/mcat/individuals-and-society/perception-prejudice-and-bias/v/ethnocentrism-and-cultural-relativism-in-group-and-out-group

Ferramenta #3
"A cebola cultural"

O que?

A "CEBOLA CULTURAL"

A capacidade de desenvolver competências interculturais depende da compreensão da idéia de "cultura" em si. Em essência, é necessário criar um clima de respeito à diversidade cultural com base na verdadeira compreensão e apreciação pelas diferentes crenças, comportamentos e valores das culturas. Essa compreensão e apreciação podem fornecer acesso às diferentes experiências culturais dos outros e permitir a adaptação mútua.

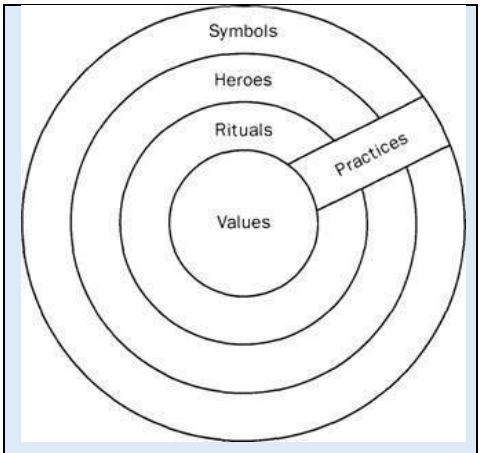
Existem muitas interpretações da cultura, desde uma perspectiva especial, a cultura pode ser comparada com uma cebola. A cultura, como uma cebola, consiste em camadas que podem ser descascadas. A cultura é semelhante, pois os nossos valores e comportamentos têm muitas camadas diferentes. Geert Hofstede desenvolveu a chamada "Cebola Cultural", uma ferramenta útil para descrever e comparar diferentes culturas. O modelo de cultura de cebola mostra aos valores como a camada mais escondida da cultura; e fala como a cultura afeta o comportamento e as interpretações do comportamento. A metáfora da cultura da cebola ajuda a tomar consciência dos julgamentos de valor. A competência intercultural exige a compreensão de si e do outro como seres culturais. Esse entendimento refere-se a valores e normas, estilos de comunicação e pensamento, etc. A cultura como cebola permite compartilhar uma consciência das semelhanças e diferenças entre as pessoas, evitando a reprodução de estereótipos e a promoção de uma perspectiva unilateral da cultura.

Duração: 3-4 horas

Materiais: Quadro, marcadores ou giz, papel e canetas, gráfico "O modelo de cultura de cebola", baseado na teoria do diagrama de Hofstede, os formadores devem compilar algumas dicas sobre o monólogo de narrativa e improvisação para orientar a apresentação final sobre a identidade cultural individual,

Procedimento:

Passo 1: Introdução teórica para pensar sobre a cultura como uma cebola: a "Cebola Cultural" como estrutura para introduzir o conceito de Cultura. O Modelo da Cebola da Cultura descreve as diferenças culturais de várias maneiras - como símbolos, heróis, rituais e valores.



O Modelo da Cebola da Cultura

(Hofstede, 1990)

Símbolos são palavras, gestos, figuras ou objetos que carregam um significado particular que é reconhecido apenas por aqueles que compartilham a cultura.

Heróis são pessoas, vivas ou mortas, reais ou imaginárias, que possuem características altamente valorizadas em uma cultura e, portanto, servem como modelos de comportamento.

Rituais são atividades coletivas. Eles não são realmente necessários para atingir uma meta, mas são considerados absolutamente essenciais e necessários pelos membros de uma cultura (por exemplo, maneiras de cumprimentar e demostrar respeito a outras pessoas, cerimônias sociais e religiosas).
O núcleo de uma cultura é formado por **valores.** Valores são idéias que contam o que é considerado importante na vida e estão entre as primeiras coisas que as crianças aprendem. Por serem aprendidos tão cedo nas nossas vidas, muitas vezes desconhecemos os nossos valores.

Esses componentes representam as idéias que as pessoas têm sobre como as coisas devem ser. Eles influenciam fortemente o comportamento das pessoas. Os tipos de comportamento formalizados que são sancionados pelo coletivo social são chamados "práticas". Embora sejam visíveis, eles carregam significados culturais invisíveis que extendem-se por todas as três camadas externas. Hofstede ressalta que, embora certos aspectos da cultura sejam fisicamente visíveis, o seu significado é invisível: "o seu significado cultural ... reside precisamente e apenas, na maneira como essas práticas são interpretadas pelos seus membros".

Exemplo: comportamentos e interpretações afetadas pela própria cultura:
“Um homem navajo abriu a porta da sala de aula e ficou em silêncio, olhando para o chão. A professora anglo-americana disse "bom dia" e esperou com expectativa uma resposta, mas o homem não respondeu. A professora então disse 'O meu nome é Sra. Jones' e novamente esperou por uma resposta. Não recebeu nenhuma. Entretánto, uma criança na sala guarda os giz de cera e tira o casaco do cabide. A professora, notando isso, disse ao homem: “Oh, você vai levar ao Billy agora?” Ele disse: “Sim.” A professora continuou a conversar com o homem enquanto Billy se preparava para sair, dizendo: “Billy é um bom menino, " estou tão feliz por tê-lo na aula " etc. Billy caminhou em direção ao homem (o seu pai), e parou para virar e acenar a professora ao sair, dizendo: 'tchau-tchau. “A professora respondeu: 'Tchau-tchau'.”

O homem permaneceu em silêncio quando saiu. Do ponto de vista

navajo, o silêncio do homem era apropriado e respeitoso. A professora, por outro lado, esperava não apenas que o homem retribuísse a sua saudação, mas que ele se identificasse e declarasse o motivo de estar lá. Embora tal expectativa seja bastante razoável e apropriada do ponto de vista anglo-americano, seria necessário que o homem rompesse não apenas as regras de polidez navajo, mas também um tabu religioso tradicional que proíbe as pessoas de dizerem o seu próprio nome.

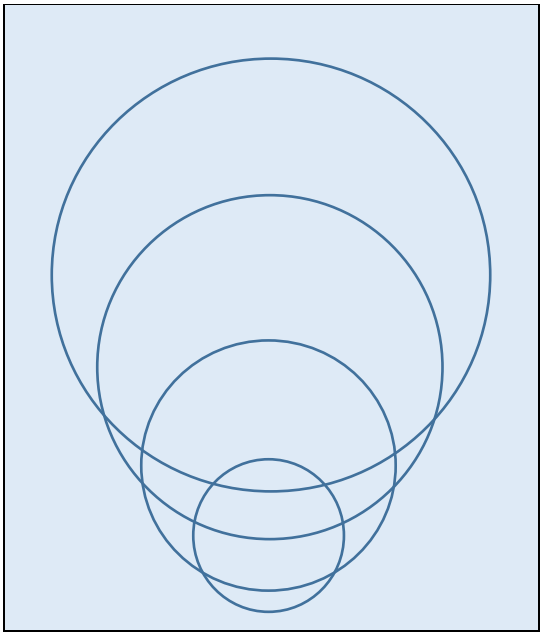
A professora interpretou as sinais contextuais corretamente em resposta à sua própria pergunta ('Você vai levar ao Billy?' E depois ficou envolvida numa conversa fiada. O homem continuou a manter um silêncio apropriado. Billy, que era mais aculturado do que o seu pai nas costumes anglo-americanas , quebrou a regra dos navajos para seguir a regra dos anglo-americanos nas despedidas. Este encontro, sem dúvida, reforçou o estereótipo da professora de que os navajos são 'indelicados' e 'não respondem', e o estereótipo do homem de que os anglo-americanos são 'indelicados' e 'falam demais.'

O que é "Cultura"?

A cultura é composta de padrões implícitos e explícitos de comportamento social através da aquisição e transmissão dos seus símbolos. Além disso, outras reflexões da cultura ocorrem na comunicação, condutas, códigos de vestimenta, regras sociais e modelos de comportamento. Portanto, pode-se dizer que a CULTURA historicamente é composta de idéias selecionadas e os seus valores associados. É o resultado das experiências de ação acumuladas e condiciona a ação futura.

Finalmente, a introdução da ferramenta conceitual "Cebola Cultural" também traz a oportunidade de explorar outros conceitos cruciais relacionados ao desenvolvimento da competência intercultural por meio de técnicas teatrais, portanto, dentro desta introdução teórica, podem ser incluídas as seguintes definições: identidade cultural, diversidade cultural, consciência cultural, estereótipos, preconceitos, discriminação.

Passo 2: depois de trabalhar com o vocabulário e os conceitos, os participantes definirão o seu próprio "modelo de cultura Onion" descrevendo vários fatores que conformam à identidade cultural do indivíduo.
Desenhe o diagrama de abaixo no quadro e peça aos participantes que desenhem um mapa mental que descreva as suas próprias camadas.



Camada interna: identidade cultural. A identidade pessoal e cultural de um indivíduo, que determina o estilo de vida e o comportamento.
Segunda camada: fatores pessoais (sociais), atribuídos principalmente (raça, gênero, religião, etnia, classe social, sexualidade, idade, capacidade mental e física).
Terceira camada: fatores psicológicos, alguns dos quais baseados em fontes inatas e que interagem com os fatores pessoais e sociais (comunicação, motivação, percepções, atitudes, personalidade).
Quarta camada: Recursos sociais compartilhados pelos membros do grupo (a socialização ocorre, a cultura é transmitida ou os comportamentos são sancionados por instituições sociais, como escolas, governo e igrejas). Por exemplo: Ocupação / carreira, religião, educação, cidadania, geração (1º, 2º, 3º), idioma, ideologia política, região (província), urbano / rural, status de imigrante e idade na imigração, membros de grupos (maioria/ minorias).

Passo 3: Compartilhar reflexões e diálogos sobre si e o outro como seres culturais. Depois de refletir sobre a influência da cultura predominante no comportamento e nos valores, é hora de expor ao grupo as conclusões de cada participante. Para fazer isso, podem ser aplicadas técnicas teatrais para apresentar a identidade cultural individual enquadrada nas camadas da cebola. Cada participante pode criar um pequeno título de monólogo "Quem sou eu?" e reproduzi-lo através da improvisação, descrevendo os principais aspectos culturais, como:

- O seu próprio comportamento condicionado pela cultura da qual eles se tornaram parte por terem crescido numa sociedade específica (manifestações culturais manifestas, por exemplo, costumes e também heróis, personagens reais ou fictícios, com características estimadas).
- Sobre a situação dos imigrantes e refugiados ao interagir com a cultura predominante da sociedade anfitriã: o que eles sabem sobre a cultura em particular com a qual interagem (o idioma, as manifestações culturais manifestas e o básico com diferenças básicas nos valores subjacentes em comparação com a sua própria cultura).
- Relacionar qualquer experiência notável no ambiente cultural da sociedade anfitriã, com diferenças e semelhanças culturais.

Após a apresentação de cada monólogo, o grupo discute sobre o que tem aprendido em relação ao entendimento da sua própria cultura e de outras culturas.

Resultados de aprendizagem:

-Compartilhe um entendimento comum da noção de cultura.
-Estabeleça a estrutura para falar sobre cultura e as normas para discussão em sala de aula com base no respeito à diversidade cultural.
-Aplique uma abordagem apropiada para descrever e comparar diferentes culturas.
-Auto-reflexão sobre como a cultura afeta os própios valores e suposições: reconheça que o próprio comportamento é condicionado pela cultura de uma sociedade em particular e que outros são exatamente da mesma maneira condicionados de forma diferente pelas diversas culturas em que cresceram.

Limitações: O conceito de cultura Hofstede foi criticado por ser cego aos processos dinâmicos envolvidos na dimensão cultural. Tendo em conta essa limitação desta ferramenta, a definição de cultura pode ser concluída com visões teóricas atualizadas e modelos teóricos existentes que se referem à cultura.

Recursos / Referências:

Critical Incidents for Intercultural Communication An Interactive Tool for Developing Awareness, Knowledge, and Skills: https://www.norquest.ca/NorquestCollege/media/pdf/centres/intercultural/CriticalIncidentsBooklet.pdf

What is culture: https://warwick.ac.uk/fac/soc/al/globalpad/openhouse/interculturalskills/global_pad_-_what_is_culture.pdf

Teaching Playwriting: a step by step guide to fostering creativity in your classroom. Chapter 7 "The Monologue": http://www.bbbpress.com/wp-content/uploads/2017/01/Teaching-Playwriting-Chapter-7-Preview-Reduced.pdf

Development intercultural competence for teachers and trainers: http://farintercultura.ch/wp-content/uploads/2016/07/3_DEVELOPMENT-OF-INTERCULTURAL-COMPETENCE.-HANDBOOK-FOR-TEACHERS-AND-TRAINERS.pdf

Ferramenta #4
"O modelo de desenvolvimento da sensibilidade intercultural"

O que?
O **"Modelo de Desenvolvimento da Sensibilidade Intercultural" (DMIS)** foi criado por Milton Bennett e é uma estrutura para descrever como as pessoas reagem às diferenças culturais. O DMIS analisa o processo que ocorre em encontros interculturais e mostra diferentes maneiras como as pessoas podem reagir à diferença cultural. As técnicas teatrais (Teatro Fórum, Teatro Invisível, Teatro de Jornal etc.) que integram a estrutura do DMIS, podem desenvolver cenários e personagens de encontros interculturais apropriados para melhorar a competência intercultural.

O DMIS contribui para gerar **sensibilidade intercultural**, que é a capacidade de criar uma experiência alternativa mais ou menos igual à das pessoas de outra cultura. Maior sensibilidade intercultural cria o potencial para o aumento da competência intercultural, porque aumenta a capacidade de ver uma pessoa culturalmente diferente como igualmente complexa para si mesma e, portanto, ajuda a ter uma perspectiva culturalmente diferente. As pessoas que podem fazer isso têm uma *visão de mundo intercultural.*

O DMIS aplicado como uma ferramenta para melhorar o desenvolvimento da competência intercultural ajuda a delinear como a visão assumida do mundo subjacente move-se de uma condição etnocêntrica para uma condição mais etno-relativa. Mudanças na visão de mundo subjacente podem desenvolver mudanças no conhecimento, atitudes ou habilidades. Assim, o DMIS contribui para gerar maior sensibilidade intercultural e aumenta o potencial para melhorar a competência intercultural.

Duração: 60 minutos.

Materiais: quadro "As seis etapas do Modelo de Desenvolvimento da Sensibilidade Intercultural" (DMIS), computador, projetor, desenho animado "Dia e noite".

Procedimento:
Passo 1: Antes de iniciar, os facilitadores devem pedir aos participantes que se identifiquem como sendo interculturalmente sensíveis, não sensíveis ou neutros.

Passo 2: Introduzir dados teóricos: O "Modelo de Desenvolvimento da Sensibilidade Intercultural" (DMIS) ou "Escala de Bennet" e as seis etapas do encontro intercultural são apresentados.
O DMIS descreve as perspectivas e comportamentos relativos à diferença cultural e descreve um "continuum" de aumento da conscientização, compreensão e ajuste cultural. O DMIS desenha um "continuum" que se estende do etnocentrismo, a experiência da própria cultura como "central da realidade", ao etno-relativismo, a experiência da própria cultura e de outras culturas como "relativa ao contexto". As posições ao longo do "continuum" definem as maneiras gerais pelas quais a percepção da diferença cultural está sendo organizada em experiência. Essa estrutura descreve um encontro intercultural através de seis etapas: Negação, Defesa, Minimização, Aceitação, Adaptação e Integração. Esse processo de crescimento pessoal inclui etapas etnocêntricas e etapas etno-relativas.

Modelo de Desenvolvimento da Sensibilidade Intercultural (DMIS) / "escala de Bennett"

Distribuir aos participantes uma cópia do quadro exibido abaixo para apoiar a introdução teórica sobre o DMIS:

Tabela: Os seis etapas do Modelo de Desenvolvimento da Sensibilidade Intercultural (DMIS)		
	ETAPAS	**REACTIONS TO CULTURAL DIFFERENCE**
ETAPA ETHNOCENTRICA	**NEGAÇÃO de diferença cultural.**	Este é o estado em que a própria cultura é experimentada como a única real - ou seja, que os padrões de crenças, comportamentos e valores que constituem uma cultura são experimentados como inquestionavelmente reais ou verdadeiros. Outras culturas não são notadas ou são interpretadas de uma forma bastante vaga. Como resultado, a diferença cultural não é vivenciada em su totalidade, ou é vivenciada como associada a um tipo de indiferença, como "estrangeiro" ou "imigrante". (...) As pessoas com uma visão de mundo de Negação geralmente desinteressam-se da diferença cultural, mesmo quando isso é trazido à sua atenção. Embora possam agir de forma agressiva para evitar ou eliminar uma diferença, se acharem que é contrária a cultura deles.
	***DEFENSA* contra a diferença cultural**	O estado em que a própria cultura (ou uma cultura adotada) é experimentada como a única viável - a forma de civilização mais "evoluída", ou pelo menos a única boa maneira de viver. As pessoas na Defesa tornaram-se mais hábeis em discriminar as diferenças, de modo que experimentam diferenças culturais tão mais reais quanto as pessoas na Negação. De todas formas, a estrutura da cosmovisão da Defesa não é suficientemente complexa para gerar uma experiência igualmente "humana" do outro. Embora as diferenças culturais experimentadas por pessoas com uma perspectiva de Defesa sejam estereotipadas, elas parecem reais, em comparação com a condição de Negação. Consequentemente, as pessoas na Defesa são mais abertamente ameaçadas por diferenças culturais do que as

		pessoas em estado de negação. O mundo está organizado em "nós e eles", onde a própria cultura é superior e outras culturas são inferiores.
	MINIMIZAÇÃO da diferença cultural	O estado em que elementos da própria visão cultural do mundo são experimentados como universais. A ameaça associada às diferenças culturais vivenciadas na Defesa é neutralizada ao incluir as diferenças em categorias familiares. Por exemplo, as diferenças culturais podem estar subordinadas à semelhança esmagadora da natureza biológica das pessoas (universalismo físico). A experiência de similaridade dos processos físicos naturais pode então ser generalizada à outros fenômenos supostamente naturais, como necessidades e motivações. A suposição de que as tipologias (personalidade, estilo de aprendizado etc.) se aplicam igualmente bem em todas as culturas é um exemplo de minimização. Minimização é um estado de transição entre a constelação de Negação / Defesa e a constelação de Aceitação / Adaptação. A experiência da Minimização é teoricamente etnocêntrica, na medida em que toma os próprios padrões culturais como centrais para uma realidade universal assumida. (...) No entanto, a experiência também inclui a capacidade de perceber algumas diferenças culturais de maneiras amplamente não estereotipadas e de reconhecer a humanidade essencial de outras pessoas.
	ACEITAÇÃO da diferença cultural	O estado em que a própria cultura é experimentada como apenas uma entre as várias visões de mundo igualmente complexas. Ao discriminar as diferenças entre as culturas (inclusive a própria) e ao construir um tipo de perspectiva auto-reflexiva, as pessoas com essa visão de mundo são capazes de experimentar os outros como diferentes de si mesmos, mas igualmente humanos. As pessoas na Acceptance podem construir categorias gerais de cultura que lhes permitam gerar uma gama de contrastes culturais relevantes entre muitas culturas. Assim, eles não são necessariamente especialistas em uma ou mais culturas (embora também possam ser isso); ao contrário, eles são hábeis em identificar como as diferenças culturais em geral operam em uma ampla gama de interações humanas.
	ADAPTAÇÃO à diferença	O estado em que a experiência de outra cultura gera percepção e comportamento adequados a essa cultura. A

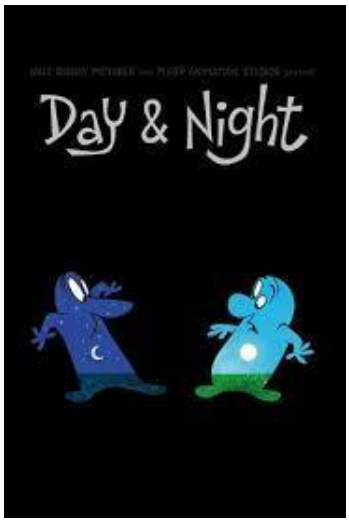
	cultural	visão de mundo é expandida para incluir construções relevantes de outras visões culturais do mundo. As pessoas na Adaptação podem ter empatia - a capacidade de adotar uma perspectiva ou mudar o quadro de referência em relação a outras culturas. (…) Se o processo de mudança de quadro de referência é aprofundado e habitualizado, torna-se a base do biculturalismo ou multiculturalismo. Adaptação não é assimilação. O termo "assimilação" é entendido por muitos imigrantes e pessoas de grupos não dominantes como "caldeirão". Essa idéia de assimilação consiste em desistir de quem era antes e assumir a visão de mundo do seu anfitrião ou cultura dominante. O conceito de adaptação oferece uma alternativa à assimilação. A adaptação envolve a extensão do seu repertório de crenças e comportamento, não a substituição de um conjunto por outro. Portanto, não é preciso perder a sua identidade cultural principal para operar de maneira eficaz em um contexto cultural diferente. Nos contextos multiculturais domésticos, a adaptação leva ao ajuste mútuo. Em outras palavras, pessoas de grupos dominantes e não dominantes estão igualmente inclinadas a adaptar o seu comportamento ums às outros.
	INTEGRAÇÃO da diferença cultural	O estado em que a experiência de si própio é expandida para incluir o movimento dentro e fora de diferentes visões culturais do mundo. Aqui, as pessoas estão lidando com questões relacionadas à sua própria "marginalidade cultural"; eles constroem as suas identidades às margens de duas ou mais culturas sem ser centrais para nenhuma. Como sugerido por J. Bennett (1993), a marginalidade cultural pode ter duas formas: uma forma encapsulada, onde a separação da cultura é experimentada como alienação; e uma forma construtiva, na qual os movimentos dentro e fora das culturas são uma parte necessária e positiva da identidade de uma pessoa.
Fonte: Bennett, M.J. Becoming interculturally competent. In: Wurzel, J.S. (Ed.) *Toward multiculturalism: A reader in multicultural education*. Newton; MA: Intercultural Resource Corporation, 2004		

Debata sobre sensibilidade intercultural lendo alguns exemplos (listados na tabela abaixo)

que mostram comportamentos relacionados a cada etapa da sensibilidade intercultural desenvolvido em encontros interculturais. Além disso, convide aos participantes a compartilhar outros exemplos.

Ethnocentric			Ethnorelative		
Denial	Defense	Minimization	Acceptance	Adaptation	Integration
My cultural experience is the only one that is real and valid. There is little to no thought of "other."	"We" are superior and "they" are inferior. One feels threatened and is highly critical. What is strange may be labeled as stupid.	Other cultures are trivialized or romanticized. One tends to deny differences (e.g., "color blind") and only seek similarities.	I accept but may not agree with other cultures. Generally, I am curious and respectful.	I "see" the world through different eyes and make intentional changes in my own behavior and values.	I easily move in and out of different cultural worldviews.

Passo 3: Depois de refletir sobre o modelo de desenvolvimento da sensibilidade intercultural relacionado ao desenvolvimento de competências interculturais, ver o vídeo de animação "Dia e Noite" (6 min.) Disponível na Internet (link copiado no pôster do filme):



Depois de ver ao desenho animado, o facilitador pode orientar uma discussão em grupo sobre qualquer semelhança com o modelo de Bennett e, também, pode existir uma segunda volta do vídeo e interromper para analisar profundamente as expressões e o processo de crescimento pessoal de cada personagem.

Esta história do filme e a introdução teórica exposta acima podem inspirar a criação de

atividades de treinamento baseadas em técnicas teatrais (Teatro Fórum, Teatro de Imagem, Teatro de Jornal, Teatro Legislativo etc.) para desenvolver a sensibilidade intercultural por meio de cenários de encontros interculturais simulados para contribuir à compreender profundamente a reação das pessoas à diferença cultural.

Resultados de aprendizagem:

-Conhecimento sobre reações individuais à diferença cultural em encontros interculturais.

-Compreender os processos de crescimento pessoal desenvolvidos como consequência de encontros interculturais.

-Mude a percepção centrada na visão mundial da própria cultura para uma perspectiva mais ampla, compreendendo a cultura dos outros Cosmo-visão.

-Desenvolver consciência cultural e sensibilidade intercultural.

-Capaz de descrever a experiência de pessoas que vivem em outra cultura.

-Aplicar a estrutura do DMIS às técnicas de teatro destinadas a melhorar a competência intercultural.

Recursos / Referências:

Autobiography of International Encounters: https://rm.coe.int/context-concepts-and-theories-autobiography-of-intercultural-encounter/168089eb76

J.M. Bennett. Becoming interculturally competent. https://www.idrinstitute.org/wp-content/uploads/2018/02/becoming_ic_competent.pdf

"Day and Night" cartoon: https://www.youtube.com/watch?v=dJz_noKP-Bw

Augusto Boal. The *Arsenal of Theatre* of the Oppressed: https://www.deepfun.com/wp-content/uploads/2010/06/Games-for-actors-and-non-actors...Augusto-Boal.pdf

Atividade #1
"Bafa Bafa"

O que?

Um exercício teatral de dramatização de papéis chamado "Bafa Bafa", que ajuda aos alunos a refletir sobre as competências interculturais e as diferenças de valor ao transformar-se em participantes de duas culturas inventadas com comportamentos culturalmente opostos.

Duração:
60 - 90 minutos

Materiais:
Duas salas com um quadro branco em cada um.
Etiquetas
1 caixa de 100 clips pequenos para Alfas
1 caixa de 100 clips de fichário grandes para Betas
Uma pulseira especial para colar no pulso do líder Alpha
Fotocópias de; a descrição cultural dos Alphas, a descrição cultural dos Betas e a lista de perguntas para os passos 5 e 13.

Procedimento:

Passo 1: Dividir aos alunos em dois grupos, chamados Alphas e Betas.

Passo 2: Explicar aos alunos que os Alphas e os Betas têm culturas distintas.

Passo 3: Separar os dois grupos em salas separadas.

Passo 4: Dar a cada aluno uma fotocópia das informações do seu grupo para ler.

Passo 5: Dar a cada aluno uma fotocópia das seguintes perguntas para discutir em grupo:

1) Como interagimos um com o outro?
2) O que nos faz felizes?
3) A nossa cultura é pacífica ou guerreira?
4) A nossa cultura é expansionista, observacional e adaptável?
5) Qual é o objetivo da minha cultura?
6) Qual é a religião da minha cultura?
7) Em que forma de ritual nos envolvemos?
8) De que sobrevivem as pessoas da minha cultura e posso obter o que preciso?
9) Como nos sentimos sobre; a incerteza, os estranhos, as situações assustadoras

e a rejeição?
10) Damos as boas-vindas aos estranhos?
11) Somos carinhosos?
12) O que fazemos por prazer, por amor e por ódio?
13) Como um membro dessa cultura solicita e oferece ajuda?

Passo 6: Depois de que todos os membros perceberem e se sentirem confortáveis com a sua nova cultura, deverão selecionar um membro para enviar como observador para o outro grupo por 10 minutos.

Passo 7: Os membros de ambas culturas agora devem interpretar a sua cultura.

Passo 8: Os observadores devem fazer anotações nos seguintes tópicos; valores, expectativas, normas e costumes, mas não interagem com a outra cultura.

Passo 9: O observador agora relata as suas observações para a sua própria cultura.

Passo 10: Cada grupo deve discutir as observações e fazer algumas hipóteses sobre a outra cultura.

Passo 11: Após a formulação das hipóteses, os participantes vão visitando a outra cultura em pequenos grupos. Após cada visita, os visitantes relatam as suas observações ao grupo.

Passo 12: O grupo usa os dados para testar e melhorar as suas hipóteses. Quando todos tiveram a chance de visitar a outra cultura, a simulação termina.

Passo 13: Os alunos então ficam reunidos em um grupo para discutir e analisar a sua experiência e considerar as seguintes perguntas;

1) O que sentiu quando se preparava para assumir o papel de uma nova cultura?
2) O que sentiu quando os estranhos entraram na sua 'casa'?
3) O que sentiu ao visitar uma cultura cuja linguagem, gestos e comportamentos não são familiares?
4) A outra cultura reagiu da maneira que estava á espera? Por que não?
5) Como tem tentado adaptar-se?
6) Podes tentar explicar a cultura do outro grupo?
7) Podes explicar a sua própria cultura?
8) O que te faz lembrar este jogo?

Resultados de aprendizagem:
O aluno percebe como é interpretar uma cultura diferente. O aluno pode observar uma cultura diferente em termos de valores, expectativas, normas e costumes. O aluno

pode discutir sobre outra cultura em termos de valores, expectativas, normas e costumes. O aluno pode refletir sobre ambos conceptos, assumir uma nova cultura e observar uma nova cultura, e pode compartilhar e trocar idéias com outras pessoas.

Limitações: Esta atividade envolve um treinador bem versado na atividade. O formador deve ser capaz de explicar adequadamente a atividade e garantir que os alunos percebam tudo o que é necessário claramente. Exige que o formador adote uma abordagem prática e consiga monitorar cuidadosamente as duas culturas quando estiverem em andamento.

Recursos / Referências:

Alpha Culture

http://intercultural-learning.eu/wp-content/uploads/2017/08/The-Alpha-Culture-description.pdf

Beta Culture

http://intercultural-learning.eu/wp-content/uploads/2017/08/The-Beta-Culture-description.pdf

Actividade #2
"A Familia X"

O quê?
Uma dramatização sobre uma situação de conflito intercultural: A família X c. Esta atividade permite analisar conflitos entre pessoas de diferentes culturas e as soluções em como esses conflitos podem ser resolvidos de forma positiva. Ao analisar esta situação, os formandos aprendem a lidar com ele, tendo em conta a origem, formação social e cultural. Os participantes devem representar uma situação que pode acontecer na vida diária de qualquer pessoa.

Duração: 120 minutos

Materiais:
- Cópias das história e do papel de cada personagem
- Cópias das etiquetas
- Cópias das notas dos observadores
- Canetas e papel para os observadores fazerem anotações.
-

Procedimento:
Passo 1: Diga ao grupo que eles vão representar uma situação que pode acontecer na vida diária de qualquer pessoa e, em seguida, leia o seguinte:
"Um grupo de investidores comprou os prédios da rua para um projeto de reabilitação na cidade. Uma família de origem estrangeira (na versão original é chinesa) é retirada de seu apartamento por se recusar a pagar o aumento do arrendamento. Na verdade, três gerações da família, a avó, a esposa, seu marido e sua filha vivem sob o mesmo teto em um pequeno apartamento. Há muitos anos eles têm um restaurante chinês no térreo. O restaurante tem um bom atendimento e serve comida padrão de boa qualidade em uma rua agradável da cidade. Sempre pagaram a renda atempadamente e respeitaram o contrato. No entanto, uma ordem de expulsão foi decidida. "

Etapa 2: divida as cenas dramatizadas em várias etapas:
Apresentação das dramatizações e seleção de participantes
Improvisação no espaço
Tempo de decisão
Improvisando a história (simulação)
Interrogatório/Follow up. Diálogo sobre a experiência (reflexões, lições apreendidas e conclusões)

Passo 3: Peça aos voluntários para desempenharem os papéis dos personagens descritos nos cartões (mínimo de 6 e máximo de 10 participantes). O resto dos participantes atuam como observadores.
Distribua os cartões com cada personagem entre os voluntários.
Dê 15 minutos para que as pessoas pensem sobre o que devem fazer.

Lembre aos jogadores que seu objectivo é encontrar uma solução.
Os jogadores têm que respeitar e ouvir uns aos outros e falar um de cada vez.
Deixe-os caminhar e construir o espaço na sala.
Os jogadores têm que encontrar uma solução para o problema e então começar a dramatização. Os observadores devem observar se os jogadores respeitam a vez de falar uns dos outros ou devem observar se alguém tenta assumir a liderança e facilitar a reunião; que tipos de argumentos os jogadores usaram; devem observar se houve alguma mudança na atitude e comportamento dos jogadores após terem recebido as "pistas para encontrar uma solução".
Os observadores devem tomar nota das situações espaciais, das posições e dos movimentos dos jogadores.
Os observadores podem interromper conforme considerem necessário e perguntar a alguns dos jogadores sobre seus sentimentos

- **Etapa 4:** Análise. Assim que a dramatização terminar, peça aos participantes que se reúnam em um grande grupo para discutir em círculo:
- Primeiro, sobre o que aconteceu na dramatização, por exemplo, abordando questões como:
- O que os observadores registraram e quais foram suas impressões sobre o que aconteceu durante a encenação?
- Como os atores se sentiram sobre isso? Foi difícil entrar no papel que lhes foi dado, o que acharam mais difícil e o que foi mais fácil?
-
- Mais tarde, ajude o grupo a analisar e reflectir sobre a diversidade cultural, a competência intercultural fazendo perguntas como:
- A dramatização reflectiu alguma realidade da vida diária? Quais foram as semelhanças e quais foram as diferenças? Alguma coisa parecia exagerada?
- Qual dos personagens reflectiu mais fielmente as atitudes comuns em nossa sociedade?
- Quando enfrentamos um conflito envolvendo pessoas de diferentes origens culturais, procuramos uma solução que possa satisfazer a todos, ou preferimos tentar impor nosso ponto de vista e negligenciar aqueles que pensam que se sentem diferentes de nós?
-

Alguém já experimentou esse tipo de conflito? Quais foram as circunstâncias? Se sim, por que isso não aconteceu com você?

Cartões de função:
A Avó: Você está muito velha e cansada. Você sempre morou neste apartamento. Você não quer se mudar.
A mãe: Você mora aqui há mais de 20 anos. Você concentrou todos os seus esforços em seu restaurante, seu apartamento e no bem-estar de sua família. Para você, é impossível se imaginar mudando de apartamento.
Policial: Você cumpre as ordens do seu chefe, tem que tirar a família do apartamento e quer vir logo no fim da sua tarefa.
O ativista: Você é um defensor dos direitos humanos e está envolvido em várias

ONGs que lutam contra o racismo e a desigualdade.
O trabalhador: Você é estrangeiro. Você trabalha no canteiro de obras nos arredores do apartamento. Você costuma almoçar no restaurante chinês e não entende essa decisão de expulsão.
O dono do apartamento: a família alugou este apartamento há muito tempo e paga o aluguer mensalmente. No entanto, você realmente deseja aproveitar esta oportunidade para aumentar a taxa de seu apartamento e ganhar dinheiro.
O vizinho: Seu apartamento fica na frente daquele onde mora a família chinesa. Pessoalmente, eles não te incomodam, mas você não gosta de estrangeiros.

Variações: adicionar quantos personagens forem necessários para a dramatização (o advogado, o caminhante..

Resultados de aprendizagem:
Explore as relações no que diz respeito ao que é expectável e como devemos nos comportar.
Crie consciencialização sobre o nosso próprio comportamento e o comportamento em relação aos restantes.
Faça uma discussão sobre o impacto de estereótipos em nós e nos outros. .
Limitações: (Recomendações que os formadores irão encontrar durante a implementação -máx 200 palavras.)

Resources/References:

Education on Peace training and cultural conflicts: https://avimd.org/uploades/File/Toolkit-Digital.pdf

Augusto Boal. The *Arsenal of Theatre* of the Oppressed: Games for actors and no actors https://www.deepfun.com/wp-content/uploads/2010/06/Games-for-actors-and-non-actors...Augusto-Boal.pdf

Actividade #3
"Policia e Ladrão"

O quê?
"Policia e ladrão" é um Jogo de criação de personagens recomendado por Augusto Boal ao iniciar um novo grupo com não atores (por exemplo, trabalhadores e alunos), para ajudar os participantes a aceitar a ideia de 'brincar' enquanto jogamos ao teatro e perder algumas de suas inibições. Esta atividade foi criada por Augusto Boal e baseia-se na simulação de uma situação definida onde os participantes vão construir e improvisar as suas personagens e o papel que desempenham.

Duração: 1-2 horas

Materiais: espaço bastante artístico, música também pode ser utilizada, para que os

participantes se inspirem a trabalhar e o conjunto criado

Procedimento:
Este jogo de simulação pode ser dividido em várias etapas:
- Descrição do jogo de simulação de "polícias e ladrões"
- Organize dois grupos (membros da guerrilha e política)
- Preparar e estruturar o espaço onde será tocado (por exemplo, alinhar cadeiras como no ônibus)
- Auto-reflexão sobre a atitude, comportamento e sentimentos de cada personagem; como argumentar e representar cada função, etc.
- Improvisando a história (simulação)
- Diálogo sobre a experiência (reflexões, lições aprendidas e conclusões)

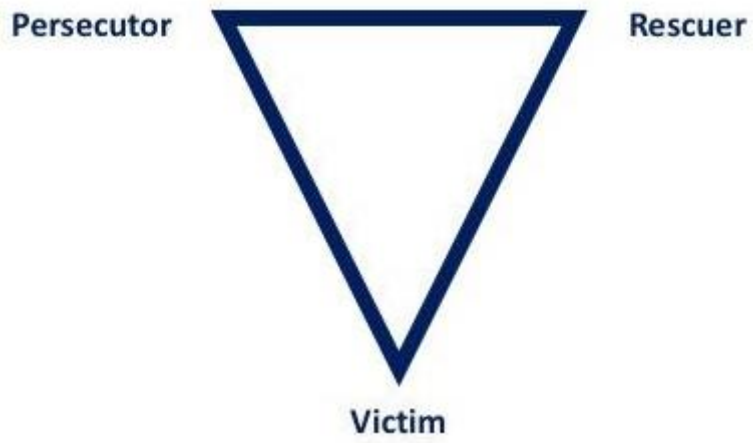
Este jogo se desenvolve conforme A. Boal descreve:
"O grupo está dividido em duas metades, uma formada por guerrilheiros, outra por policias- femininas. Sem conhecer a lealdade um do outro, todos estão viajando no mesmo autocarro, que estraga na estrada. Todos sabem que no ônibus só estão guerrilheiros e policiais, mas não sabem qual é qual. O exercício consiste em tentar descobrir quem é amigo e quem é inimigo, e concordar com um sinal para "matar" os membros do outro lado. O exercício termina quando um lado é completamente destruído. Neste exercício, a imaginação desempenha um papel tão importante quanto a observação: cada ator, seja qual for o grupo em que esteja, tem que inventar uma história convincente para mostrar a seus amigos sua verdadeira identidade e fazer seus inimigos pensarem que ela é um deles. (...) Este exercício pode assumir um alto grau de violência emocional e ideológica, pois não envolve a criação de personagens 'gerais', mas sim de personagens combatentes de um lado e personagens repressivos do outro, com cada lado tentando justificar sua postura antagônica "(Augusto Boal. Jogos para atores e não atores. Londres; Nova York: Routledge, 2005, pp. 165-166)

Variações desse jogo podem ser feitas criando diferentes posturas antagônicas de personagens relacionadas a qualquer conflito cultural (por exemplo, viajar no ônibus, o

conflito surge entre racistas e cidadãos globais, quando alguns passageiros decidem parar o ônibus para ajudar um grupo de trabalhadores migrantes que estouram foi avaria).

Para ajudar os participantes a criar seus personagens, "O triângulo do drama", um modelo para definir papéis psicológicos, pode ser apresentado. O próprio modelo descreve três papéis psicológicos habituais, que as pessoas mudam dependendo da situação:

- o papel da Vítima, em que o performer projeta as causas dos problemas e sofrimentos em outras pessoas, acontecimentos e circunstâncias;
- o papel do Perseguidor, no qual se pressiona, força e persegue a vítima;
- o papel do Salvador, no qual se interfere por uma aparente disposição de ajudar.



Finalmente após o jogo, deverá haver um diálogo sbre a experiencia vivida e a teatralização:

Como os atores se sentiram sobre isso? Foi difícil entrar no papel que lhes foi dado, o que eles acharam mais difícil e o que foi mais fácil?

- Que tipo de argumentos foram apresentados e foram baseados em fatos, razões ou emoções?
- Foi mais fácil encontrar argumentos a favor ou contra a guerrilha / polícia?
- Alguém pode fazer uma breve análise das duas posições opostas?
- Existe solução não violenta baseada na comunicação e no diálogo para resolver este conflito?
- Há lições para aprender sobre as relações de poder entre os nativos e as populações migrantes e refugiadas? Ou em relação à diversidade cultural e competência intercultural ...

Resultados de aprendizagem:

Aplique jogos de simulação para aumentar a competência intercultural das populações de refugiados e requerentes de asilo.

Familiarize-se com a prática teatral de atuação.

Descreva os personagens e os papéis que irão desempenhar em qualquer história.

Resources/References:

Augusto Boal. Games for actors and no actors https://www.deepfun.com/wp-content/uploads/2010/06/Games-for-actors-and-non-actors...Augusto-Boal.pdf

Development of intercultural competences: handbook for trainers
http://farintercultura.ch/wp-content/uploads/2016/07/3_DEVELOPMENT-OF-INTERCULTURAL-COMPETENCE.-HANDBOOK-FOR-TEACHERS-AND-TRAINERS.pdf

Education on Peace training and cultural conflicts:
https://avimd.org/uploades/File/Toolkit-Digital.pdf

Cultural Awareness and expression handbook:
https://publications.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/6066c082-e68a-11e5-8a50-01aa75ed71a1

Timing: toolkit for intercultural mainstreaming http://eurocircle.fr/wp-content/uploads/2017/05/timingtoolkit_en.pdf

The drama Triangle:
https://www.carersuk.org/images/Downloads/The_drama_triangle.pdf

Intercultural resource pack (Cambridge):
http://assets.cambridge.org/052153/3406/sample/0521533406WS.pdf

Unidade 4:
"Técnicas de Teatro para resiliência e empoderamento de refugiados, requerentes de asilo e imigrantes "

Actividade #1
"Dramoterapia"

O que?
Um artigo de www.psychology.com Terapia dramática: técnicas essenciais, atividades, exercícios e cursos. Observe que não é necessário incluir a seção sobre Drama em escolas e prisões

Duração:
40 -60 minutos

Materiais:
Fotocópias do artigo/texto

Procedimento:
Passo 1: Informar que os alunos irão ler um texto que dá uma visão geral da terapia dramática.
Etapa 2: forneça aos alunos uma fotocópia do artigo, excluindo a seção de prisões.
Passo 3: Assim que os alunos terminarem de ler o artigo, coloque-os em grupos de 4.
Passo 4: Peça aos alunos que analisem o artigo em termos de sua relevância para os refugiados e solicitantes de refúgio que encontram em sua organização e façam anotações.
Etapa 5: Escreva as seguintes perguntas para discussão no quadro branco e convide o aluno a discutir suas opiniões sobre elas em grupos. Solicite que um aluno faça anotações em nome do grupo.
1) A Drama Therapy será útil em sua organização? Porque não?
2) Quais benefícios ele oferecerá aos funcionários, voluntários e usuários de sua organização?
3) Que riscos isso pode representar para funcionários, voluntários e usuários de suas organizações?
4) Você tem alguma experiência no uso de técnicas semelhantes com os usuários de sua organização? Se sim, qual foi o resultado?
Passo 6: Agora convide os grupos para compartilhar suas discussões em um grupo de classe.

Resultados da aprendizagem
O aluno está familiarizado com e discute a dramatização em geral. O aluno pode relatar quais aspectos da terapia dramática estão atualmente em uso, podem ser úteis

e podem não ser úteis em sua organização. No caso de alunos de várias organizações; o aluno é capaz de discutir, comparar e contrastar como a terapia dramática é usada em uma variedade de organizações diferentes.

Limitações: os instrutores podem descobrir que os alunos não gostam de ler essa quantidade de texto durante o horário da aula. Essa leitura também pode ser definida como uma atividade de dever de casa, caso em que a duração total da aula será reduzida. Se o treinador não consegue circular adequadamente entre os alunos, os alunos que não têm motivação para o tópico podem não se envolver com ele em um nível ideal.

Recursos/Referências:

https://positivepsychology.com/drama-therapy/

Tool #2
"Beco da Consciência"

O que? Uma técnica dramática intitulada "Beco da Consciência", onde o grupo de classe tem a oportunidade de explorar decisões, problemas e / ou dilemas comuns enfrentados por políticos e formuladores de políticas cujas decisões afetam refugiados e requerentes de asilo.

Duração:

45 minutos

Materiais:

- Quadro branco
- Quadro branco com marcadores
- Papel
- Canetas

Procedimento:

Passo 1: Escreva o seguinte no quadro branco 'Que tipos de decisões / problemas e / ou dilemas os refugiados e requerentes de asilo enfrentam neste país e qual é a razão disso?". Por exemplo, preciso conseguir um emprego, mas ninguém vai me contratar. Ou, em alternativa, convide alunos a assumirem o papel de um político que tem influência sobre a vida de refugiados e requerentes de asilo no seu país.

Etapa 2: coloque os alunos em grupos de 4 e peça-lhes que façam um brainstorming de algumas respostas e razões para as perguntas no quadro branco e façam anotações.

Etapa 3: Convide os alunos a compartilhar os frutos de sua atividade de brainstorming.

Etapa 4: Escreva as respostas do aluno no quadro branco e circule as que estiverem duplicadas.

Etapa 5: selecione um problema para explorar como um grupo.

Passo 6: Agora divida a turma em 2 grupos. Grupo A - Concorda com o refugiado ou requerente de asilo e o Grupo B não.

Passo 7: Dê a ambos os grupos 10 minutos para discutir e explorar seu ponto de vista fora do alcance da voz um do outro.

Etapa 8: coloque os dois grupos em linhas opostas.

Etapa 9: como treinador, selecione um aluno para ser refugiado ou solicitante de asilo ou assuma você mesmo o papel.

Passo 10: Explique aos alunos que a pessoa que age na qualidade de refugiado ou solicitante de asilo agora andará entre as duas linhas e declarará o problema ou dilema entre cada par oposto.

Etapa 11: No final do "Beco do Pensamento", o indivíduo que assume o papel de refugiado ou solicitante de asilo / político ou formulador de políticas deve tomar uma decisão sobre qual será seu próximo curso de ação.

Etapa 12: coloque os alunos de volta em grupos de 4 para discutir o exercício.

Etapa 13: Convide os alunos a compartilharem suas ideias com o grupo.

Resultados de aprendizagem: O aluno pode fazer um brainstorming, está familiarizado com e explora decisões, problemas e / ou dilemas comuns enfrentados por refugiados e requerentes de asilo em seu país e / ou por aqueles que criam leis e políticas que os afetam. O aluno pode participar de uma discussão equilibrada sobre essas questões. O aluno pode aconselhar e oferecer resolução para problemas comuns enfrentados por refugiados e requerentes de asilo em seu país e / ou aqueles que tomam decisões em seu nome. O aluno pode assumir a perspectiva de refugiados e requerentes de asilo / políticos e formuladores de políticas e resolver um problema.

Limitações: Os instrutores descobrirão que o efeito deste exercício será limitado se eles deixarem de monitorar de perto os alunos enquanto eles fazem um brainstorming. Este exercício será limitado se os alunos estiverem permitindo passar muito tempo discutindo o assunto de maneira subjetiva em oposição a objetiva.

Resources/References:

Adaptado de https://dramaresource.com/conscience-alley/

Activity #1
"Parla!"

O quê? Um exercício de terapia dramática de improvisação intitulado "Parla!" que é projetado para promover a capacidade dos alunos de espelhar a ressonância com os outros.

Duração:
40 -60 Minutos

Materiais:
Sala de trabalho
Quadro branco
Marcadores para quadro branco
Fotocópia de cada grupo conforme instruções no passo 3.

Procedimento:
Passo 1: Explique aos alunos que o objetivo deste exercício é ajudá-los a examinar seu conflito interno de uma nova perspectiva, cultivar suas habilidades de escuta e aprender e praticar uma técnica de Playback Theatre que os ajudará nesse sentido.
Passo 2: Divida a turma em grupos de 3.
Passo 3: Escreva o seguinte no quadro branco.
1) Os parceiros se revezam para explicar sobre um conflito presente ou passado em que estiveram envolvidos.
2) O parceiro que está explicando a situação de conflito assume o papel de "escultor".
3) O escultor deve usar os corpos dos outros parceiros para esculpir aquela cena enquanto explica uma situação de conflito que eles vivenciaram.
4) Os outros parceiros devem permanecer congelados até que o escultor termine sua história e os coloque em uma posição relevante, neste ponto o escultor diz "Parla".
5) Uma vez que o escultor tenha dito "Parla", os 2 parceiros que foram esculpidos podem se mover, falar e agir na situação por 3-5 minutos, tendo em mente que o objetivo é refletir de volta a história de conflito que eles contaram de forma precisa. moda quanto possível para o escultor, sem tentar resolver o problema ou abordar o problema.
Passo 4: O treinador instruirá o aluno, agindo no papel de escultor, a chamar o congelamento.
Passo 5: agora instrua o grupo de 3 a reflectir sobre a dramatização
Passo 6: Repita o exercício para cada aluno.
Passo 7: Reúna o grupo de classe e peça-lhes que reflictam sobre sua experiência de dramatização; o exercício foi útil, o que eles aprenderam, houve algo que os surpreendeu?

Resultados de aprendizagem: o aluno pode refletir sobre um conflito pessoal que vivenciou de uma nova perspectiva por meio do drama. O aluno pode ouvir a situação de conflito de outra pessoa e espelhá-la sem tentar resolver ou oferecer conselhos sobre o problema. O aluno reflete e discute essa experiência com um grupo.

Limitações: os formadores devem evitar usar este exercício com grupos onde tocar o corpo de outra pessoa é um tabu ou visto de forma negativa. É prudente sinalizar o conteúdo com grupos de classe onde o treinador não tem certeza de como o exercício será recebido. Os treinadores devem orientar os alunos a discutir quais partes de seus corpos eles estão felizes por terem esculpido: pulsos, mãos, tornozelo, etc.

Resources/References:

Adapted from

https://positivepsychology.com/drama-therapy/#activities-drama-therapy

Activity #2
"Reunião"

O quê? Um exercício de terapia dramática de improvisação intitulado "Reunião", em que dois participantes atuam como eles próprios em um momento futuro

Duração:
40 -60 minutos

Materiais:
Sala de trabalho
Quadro branco
Marcadores de quadro branco

Procedimento:
Passo 1: Escreva o seguinte no quadro branco "Por que pode ser importante para os refugiados de requerentes de asilo serem optimistas e ter orientações objectivas?"
Passo 2: Coloque os alunos em grupos de 4 e peça-lhes que discutam as suas opiniões e peça que um aluno faça anotações em nome do grupo.
Passo 3: Convide os alunos a compartilharem suas ideias com a classe.
Passo 4: Informe os alunos que eles se envolverão em uma atividade intitulada "Reunião".
Passo 5: aloque um parceiro para cada aluno.
Passo 6: Explique aos alunos que este exercício ativará 2 dos 8 componentes de resiliência que examinamos anteriormente; optimismo e Direção.
Passo 7: Peça aos alunos que considerem em silêncio a experiência que tiveram durante este curso, com a opção de criar algumas notas.
Passo 8: Agora peça aos alunos que considerem o que podem estar fazendo daqui a 5 anos.
Passo 9: Peça aos alunos que reflictam sobre como este curso pode mudar suas respectivas realidades e o efeito que pode ter nas pessoas com quem eles se relacionam durante o curso de seu trabalho.
Passo 10: Convide os pares para agora encenarem um encontro no futuro. Os alunos devem utilizar saudações e formalidades normais.
Passo 11: Instrua os alunos a relembrar o presente e discutir como eles cresceram, se desenvolveram e mudaram devido a este curso.
Passo 12: Troque os parceiros e repita o exercício.
Passo 13: Agora coloque os alunos em grupos de 4 e peça-lhes que reflitam sobre as experiências de "Reunião".
Passo 14: peça que um aluno faça anotações em nome do grupo.
Passo 15: Convide cada grupo para compartilhar detalhes de sua discussão.
Passo 16: Permita que o grupo compartilhe suas idéias sobre como este exercício foi benéfico para eles.

Resultados de aprendizagem: O aluno pode considerar por que 2 dos 8 componentes de resiliência, otimismo e direção proposital serão benéficos para refugiados e requerentes de asilo e encenar um exercício para ativar sua compreensão pessoal. O aluno pode refletir e discutir como as ferramentas e atividades GO-UP podem afetá-lo em suas interacções em suas respectivas organizações. O aluno está familiarizado com uma série de reações, como as reacções de seus colegas a este exercício, e pode discuti-las.

Recursos /Referencias:

Adaptado de https://positivepsychology.com/drama-therapy/#activities-drama-therapy

UNIDADE 4.1:
"Formação de competências sociais e pessoais "

Tool #1
"Competências Sociais "

O quê? Uma aula de discussão que cobre o que são habilidades sociais, fornece aos alunos uma lista de habilidades sociais e um conjunto de perguntas destinadas a ajudar os alunos a discuti-las de acordo com a cultura, valores, crenças e atitudes.

Duração:
60 minutos

Materiais:
Sala de aula
Quadro branco
Marcadores de quadro branco
Fotocópias da lista de habilidades sociais.

Procedimento:
Etapa 1: coloque os alunos em grupos de 4.
Etapa 2: Escreva "Habilidades sociais" no quadro branco.
Etapa 3: Convide os alunos sem usar a Internet para trabalharem juntos para fazer uma definição para "Habilidades Sociais".
Etapa 4: Convide cada grupo a compartilhar sua definição com a classe.
Etapa 5: crie uma definição de classe com base nas definições geradas pelos alunos e, em seguida, escreva a definição real "
Passo 6: Retorne os alunos aos seus grupos e distribua as seguintes perguntas e peça que eles as discutam. Peça a um aluno que faça anotações em nome do grupo.
Quão importante é ter boas habilidades sociais?
O que podemos perder se não tivermos boas habilidades sociais?
Que tipo de coisas ditam nossas habilidades sociais? Por exemplo. família, amigos etc
Faça um brainstorm de quantas habilidades sociais em seu grupo forem possíveis.
Etapa 7: Convide os alunos a compartilharem as respostas do grupo às perguntas de 1 a 3 para a classe.
Passo 8: Distribua a lista de habilidades sociais e peça a cada grupo para comparar sua própria lista com ela.
Passo 9: Agora instrua os alunos a considerarem como as habilidades sociais dos indivíduos que usam sua organização podem diferir das suas devido à diferença de cultura, religião, país de origem e o trauma da migração forçada. Solicite que um aluno faça anotações em nome do grupo.

Etapa 10: Convide os alunos a compartilhar as notas tiradas da discussão com o grupo da classe.
Etapa 11: Abra a discussão para o grupo de classe e a cadeira de forma que todos os alunos tenham a oportunidade de expressar suas opiniões.
Etapa 12: Convide os alunos a refletirem em silêncio por 5 minutos sobre como sua compreensão das habilidades sociais mudou ao longo desta actividade.

Recursos /Referencias:

https://www.elsa-support.co.uk/essential-social-skills/

Tool #2
"Encontro rápido"

O quê? Um exercício de estilo de encontro rápido para ajudar o aluno a entender quais são as habilidades pessoais e relacioná-las com o dia de trabalho na organização.

Duração : 60 minutos
Materiais:
Sala de aula
Quadro branco
Marcadores de quadro branco
Um pacote de cartões de apresentação.
Um cronómetro

Procedimento:
Passo 1: Divida os alunos em grupos de 3.
Passo 2: Escreva no quadro branco "O que são habilidades pessoais? Trabalhando com seu grupo, faça um brainstorm o máximo possível.
Passo 3: peça ao aluno que discuta as perguntas e que um membro do grupo faça algumas anotações.
Passo 4: Convide os alunos a compartilhar suas ideias com o grupo de classe.
Passo 5: Escreva a resposta da classe no quadro branco.
Passo 6: Agora peça aos alunos que discutam quais das listas de habilidades pessoais dos grupos de classe são mais valiosas em sua organização no dia a dia e por quê.
Passo 7: Convide os alunos a compartilharem suas ideias com o grupo de classe.
Passo 8: Agora peça aos alunos que discutam qualquer um que não tenha valor e por quê.
Passo 9: Convide os alunos a compartilhar suas ideias com o grupo de classe.
Passo 10: Distribuir ou projetar a imagem do link na imagem de tipos de habilidades pessoais.
Passo 11: Junte-se a 4 grupos de 3 para formar 2 grupos de 6. Chame 1 grupo de 6 grupos A e o outro grupo B.
Passo 12: Organize os alunos de forma que fiquem de frente para um membro do outro grupo.
Passo 13: Aloque 1 habilidade pessoal para discutir para cada membro do grupo A; Pensamento crítico, flexibilidade, confiabilidade, habilidades interpessoais, resolução de problemas e motivação.
Passo 14: Informe o aluno que agora ele deve se envolver em um exercício de speed dating em que terá 5 minutos para trocar ideias com um membro do grupo B sobre como usar a habilidade pessoal em discussão em seu local de trabalho.
Passo 15: Instrua os membros do grupo b que, quando o cronômetro soar, eles devem trocar de lugar com a pessoa à sua esquerda e discutir o novo tópico de habilidades pessoais.
Passo 16: Agora escreva as 6 habilidades pessoais em discussão no quadro e convide a

classe a refletir como um grupo sobre suas discussões

Resultados da aprendizagem: o aluno entende e pode discutir o que são habilidades pessoais. O aluno pode discutir quais habilidades pessoais eles exigem no dia a dia em sua organização. O aluno dá exemplos da vida real de quando eles exigem as seguintes habilidades pessoais; pensamento crítico, flexibilidade, confiabilidade, habilidades interpessoais, resolução de problemas e motivação no contexto do seu local de trabalho.

Limitações: Os formadores podem achar que este exercício é limitado se eles enfatizam excessivamente o estilo do encontro rápido para alguns participantes. Pode isso banalizar o objetivo, que é familiarizá-los com o que são habilidades pessoais. Deixar de cronometrar adequadamente o exercício que irá limitá-lo, pois pode resultar em alunos lutando para manter a discussão..

Recurso/Referências:

https://www.thebalancecareers.com/personal-skills-list-2063763#what-are-personal-skills

Actividade #3

"Discussão"

O QUÊ?

Discussão

Discussão é a ação ou processo de falar sobre algo para chegar a uma decisão ou para trocar ideias. Nesse caso o importante não é chegar a uma decisão, mas sim trocar as ideias e fazer empatia.

Duração: 3 horas

Materiais: Prancheta/quadro, marcadores de quadro, caderno, caneta, diversos objetos para dramatização, Cenário

Procedimento:

Passo 1: O formador explica o significado e as técnicas da discussão. E enfatiza a importância de respeitar as diferentes ideias.

Passo 2: O formador apresenta vários tópicos de discussão. Por exemplo:

- A educação deve se concentrar em matemática e ciências, em vez de música e arte.
- A educação deve ser privatizada.
- Os robôs vão aumentar ou diminuir nossa qualidade de vida?
- Sacos plásticos e embalagens devem ser proibidos.
- O turismo é benéfico para o meio ambiente?

Passo 3:

O formador explica algumas metodologias para praticar a discussão:

-Linguagem corporal

-Pantomima

-Interpretação de papéis

Resultados de aprendizagem:

- Habilidades de comunicação
- Usando a linguagem corporal
- habilidades linguísticas
- Respeito às ideia
- Criando empatia

Recursos Referencias: https://www.thebalancecareers.com/top-soft-skills-2063721

Actividade #1
"Incorpore cenários de ramificação para desenvolver habilidades de comunicação"

O que?
Incorpore cenários de ramificação para desenvolver habilidades de comunicação
Os cenários de ramificação apresentam personagens e situações do mundo real. Os estagiários devem tomar decisões ao longo do caminho que os conduzam por um caminho específico. Eles também têm a oportunidade de interagir com pessoas que podem encontrar na vida cotidiana

Duração: 3 horas

Materiais: Vários objetos para dramatização.

Procedimento:
Etapa 1: O treinador pede aos participantes que pratiquem suas habilidades por meio de uma encenação.
Etapa 2: O treinador fornece alguns cenários específicos aos estagiários.
Etapa 3: Os trainees fazem uma dramatização de papéis para encontrar uma solução para o problema.

Cenário 1: um cliente insatisfeito deseja devolver um item, mas não tem o recibo. O funcionário deve difundir a situação usando as habilidades de comunicação, que alcança o resultado desejado. Os cenários de ramificação também podem ajudar os funcionários a se comunicarem com seus colegas de trabalho de forma mais eficaz.

Cenário 2: Uma mesa de alunos continua conversando enquanto o professor tenta explicar o assunto. O professor deve ficar em silêncio durante a aula.

Resultados de aprendizagem:
Learning outcomes:

- Aprendendo técnicas de teatro
- Habilidades de comunicação
- Usando a linguagem corporal
- habilidades linguísticas
- Capacidade de escrever um cenário

Recursos/Referências: https://www.thebalancecareers.com/top-soft-skills-2063721

https://www2.palomar.edu/pages/tjohnston2/role-play-scenarios/

Actividade #1
"Escuta activa e educação de Pares"

O quê? Uma atividade de escuta ativa que ajuda os alunos a refletir sobre uma questão e gerar suas próprias soluções usando princípios simples de escuta ativa e coaching de pares. É uma excelente introdução à escuta ativa, mas também pode ser usada com grupos que já estão familiarizados com ela. Os alunos trabalham em grupos de três e se revezam sendo: "o sujeito", o ouvinte e o observador.

Duração :
60-120 minutos

Materials:

Sala de Aula
Quadro branco
Canetas de quadro branco
Cópias individuais com o papel para o ouvinte, para o observador e para o sujeito.

Procedimento:

Passo 1: Escreva "Ouvir ativamente" no quadro branco e convide os alunos a refletir sobre o que eles entendem por termo.

Passo 2: agora escreva "O que torna uma boa audição ativa?" no quadro branco e convide os alunos a oferecer respostas espontâneas e escrevê-las.

Passo 3: Explique aos alunos que muitas vezes, quando refletimos e discutimos, tendemos a nos concentrar em vários indivíduos e questões ao mesmo tempo, mudando nossa atenção e foco. Entretanto, quando ouvimos os outros, tendemos a fazê-lo de uma forma orientada para a discussão, pensando "o que direi a seguir", em vez de ouvir o outro com plena presença e atenção. Uma maneira poderosa de explorar uma questão ou um problema é usar a escuta ativa com foco em uma pessoa de cada vez. Para este exercício, é isso que faremos.

Passo 4: Convide o grupo de classe a sugerir uma questão relevante para sua organização ou os refugiados e requerentes de asilo a explorar.

Passo 5: Escreva 3 perguntas sugeridas no quadro branco.

Passo 6: Agora coloque os alunos em grupos de 3 e atribua a cada membro do grupo 1 das seguintes funções; sujeito, o ouvinte ativo e o observador.

Passo 7: Distribua a fotocópia apropriada da função para cada aluno conforme abaixo e

o infográfico de aprendizagem ativa.

O sujeito:

O papel do sujeito é explorar a questão ou problema de sua perspectiva pessoal. A pessoa nesta função deve ter em mente: deixe que o foco esteja em você, e deixe sua reflexão fluir naturalmente, sendo guiado pelo ouvinte ativo.

Mais sobre o texto original. É necessário fornecer o texto original para ver mais informações sobre a tradução

Enviar feedback

Painéis laterais

O observador:

O papel do observador é observar o processo sem falar. Para fazer observações de uma perspectiva externa, para ver e ouvir coisas que o ouvinte e o sujeito não podem. Essa pessoa deve ter em mente: fique em silêncio durante todo o processo; observe e faça anotações sobre o que você vê e ouve; depois que o assunto terminar, compartilhe as observações com os outros.

***** Uma pergunta aberta é aquela que não pode ser respondida com uma resposta "sim" ou "não", ou com uma resposta estática

Etapa 8: dê aos grupos uma hora ou mais para que cada rodada possa durar 20 minutos. Explique que os grupos devem prestar atenção ao tempo e certificar-se de que haja três rodadas iguais.

Etapa 9: depois que os alunos terminarem, analise o exercício, usando perguntas como:

- O que aconteceu comigo durante o exercício?
- Qual foi a sensação de ser o observador?
- Qual foi a sensação de ser o assunto?
- Qual é a sensação de ser o ouvinte ativo?
- O que aprendi sobre mim?
- Como posso aplicar as percepções deste exercício?

Mais sobre o texto original. É necessário fornecer o texto original para ver mais informações sobre a tradução

O ouvinte ativo:

O papel do ouvinte ativo é ouvir com total presença e foco. Ouvir com o corpo todo, ser curioso, observar, parafrasear o que ouve e orientar o sujeito com perguntas abertas. Essa pessoa deve ter em mente: fazer perguntas abertas para apoiar a reflexão do sujeito; não dê conselhos; escute com o corpo todo.

Resultados de aprendizagem: o aluno explica e descreve o que é escuta ativa. O aluno pode encenar como se comportar como um ouvinte ativo em relação a uma questão da vida real para sua organização e / ou para refugiados e requerentes de asilo. Os alunos entendem e podem utilizar perguntas abertas. O aluno pode desempenhar o papel de sujeito ou observador da questão acima mencionada. O aluno pode refletir sobre sua experiência de dramatização de escuta ativa em um ambiente de grupo. Limitações: O sucesso desta atividade será limitado se o treinador não der aos alunos tempo suficiente para considerarem suas respectivas funções. O instrutor deve garantir que todos os alunos entendam e utilizem perguntas abertas, caso contrário, o exercício será limitado.

respective roles. Trainer must ensure that all learners understand and are utilising open questions failure to do so will limit the exercise.

Recursos/Referências:
https://www.mindtools.com/media/Images/Infographics/listening-skills-infographic.pdf

Adaptado de : https://toolbox.hyperisland.com/active-listening

Activitidade #2
"Entrevista Estranha"

O quêt? "Estranha entrevista" Uma atividade que utiliza a actividade da escuta activa para fomentar o pensamento crítico.

Duração:
60 minutos

Materiais:
Fotocopias de uma estranha entrevista (questões na página 27)Photocopies of the "Strange Interview"
Fotocópias das respostas na página 3 Photocopy of the answers for the trainer Page 31.
Quadro branco.
Marcadores para quadro branco

Procedimento:
Passo 1: Escreva as palavras "Pensamento crítico" no quadro branco.
Passo 2: coloque os alunos em grupos de 3 e peça que criem uma definição para o termo sem usar a Internet ou um dicionário.
Passo 3: Convide os alunos a compartilhar suas definições com o grupo de classe.
Passo 4: crie uma definição de classe e, em seguida, coloque a definição padrão no quadro branco e compare.
Pensamento crítico "a análise e avaliação objetivas de uma questão para formar um julgamento". E / ou use a definição dada na página 2 do Livro de exercícios de pensamento crítico.
Passo 5: Explique aos alunos que, para utilizar suas habilidades de escuta ativa e pensamento crítico, você lhes fornecerá algumas perguntas desafiadoras para uma "entrevista de emprego". Trabalhando juntos em grupos de 3, eles devem resolver os problemas de pensamento crítico com o melhor de suas habilidades.
Passo 6: Solicite que 1 membro de cada grupo de 3 escreva as soluções do grupo.
Passo 7: Solicite que os grupos não gastem mais do que 5 minutos em cada questão.
Passo 8: Leia cada uma das perguntas e convide os alunos a compartilhar suas soluções em um grupo de classe.
Passo 9: Forneça aos alunos a resposta para cada pergunta, uma vez que todos os grupos tenham compartilhado suas soluções.
Passo 10: Incentive os alunos a refletirem sobre suas soluções.

Resultados de aprendizagem:
O aluno pode definir o termo "Pensamento crítico" de sua própria perspectiva e de uma definição padronizada e comparar e contrastar ambos por meio de discussão. O aluno pode usar a escuta ativa para tentar oferecer solução a 12 questões de

pensamento crítico. O aluno pode refletir sobre as soluções propostas geradas pelo seu grupo para 12 questões de pensamento crítico e compreender as soluções corretas para as questões.

Limitações: Este exercício será limitado se o pensamento crítico dos alunos estiver subdesenvolvido. Se isso for uma suspeita do treinador, eles devem monitorar todos os grupos de perto, oferecendo algumas sugestões leves quando necessário ou a sugestão de que os alunos pulem as perguntas que parecem estar desmoralizando-os excessivamente. O exercício será limitado se os alunos já estiverem familiarizados com as perguntas e soluções. Neste caso, substitua os ditos alunos como assistentes de sala de aula e os coloque no papel de monitores para ajudar e oferecer sugestões suaves aos outros

Recursos /Referências

Adaptado de "The Critical Thinking Workbook". Observe que há muitos exercícios de pensamento crítico mais úteis neste recurso.
https://www.schrockguide.net/uploads/3/9/2/2/392267/critical-thinking-workbook.pdf

Actividade #3

"Defina um verdadeiro exemplo mundial"

O QUÊ?

Defina um exemplo do mundo real

Um dos maiores obstáculos para o desenvolvimento de habilidades interpessoais é levá-lo da teoria à prática. Geralmente, as pessoas estão cientes de como devem lidar com a situação, mas não são capazes de aplicar esse conhecimento na vida real. No entanto, os exemplos do mundo real têm o poder de personalizar o processo e enfatizar a importância dessas habilidades pessoais. Eles podem ver como a comunicação, a colaboração e o trabalho em equipe podem ser usados em ambientes práticos.

Também oferece um exemplo a seguir, como comportamentos favoráveis que eles podem aplicar à sua abordagem social.

Nesta atividade, o treinador apresentará vários exemplos de "exemplos do mundo real" para que os alunos adquiram algumas habilidades pessoais importantes pela prática com a técnica de interpretação de papéis. O trainee seleciona um exemplo e percebe o desempenho do papel.

Duração: 3 horas

Materiais: Clipboard, board marker, note book, pen for theoretical training and several objects for role playing

Procedimento

Em primeiro lugar, o formador explica o que é comunicação, como se pode definir uma comunicação eficaz, quais são os itens que ajudam a fazer uma comunicação eficaz, quais são as barreiras da comunicação; do que apresenta alguns exemplos do mundo real para praticar boas habilidades de comunicação. Para as explicações o

O treinador usa a prancheta, o marcador de quadro e os alunos fazem anotações em cadernos.

Comunicação: A comunicação envolve articular-se bem, ser um bom ouvinte e usar uma linguagem corporal adequada. A comunicação é uma parte essencial da vida cotidiana. As pessoas se comunicam entre si para compartilhar ideias, expressar pensamentos e sentimentos e resolver problemas. Os erros ocorrem quando uma mensagem comunicada não é dada ou recebida como deveria. Você pode aumentar sua capacidade de se comunicar de forma eficaz, desenvolvendo habilidades de comunicação verbal e não verbal.

Comunicação não verbal

A comunicação não verbal também é conhecida como linguagem corporal. A comunicação não verbal mostra aos outros que você está pronto para se comunicar com eficácia quando mantém contato visual, sente-se com atenção e posicione seu corpo de frente para a pessoa que está falando. Cruzar os braços sobre o peito, cerrar os punhos e olhar para baixo significa que você está protegido e, consequentemente, pode atrapalhar a

comunicação

Tenha a mente aberta

Facilite a comunicação eficaz mantendo uma "mente aberta". Evite julgar ou expressar críticas às mensagens comunicadas. Você não precisa concordar inteiramente com os pensamentos e opiniões da outra pessoa, mas é importante que você as respeite. Demonstre empatia tentando entender a situação da perspectiva da outra pessoa.

Escuta activa

A escuta ativa permite que você aumente sua compreensão dos pensamentos e sentimentos de outra pessoa. Para demonstrar essa habilidade de comunicação, mostre que você está ouvindo, concentrando-se intensamente na pessoa que está falando; acene com a cabeça e faça indicações verbais de concordância, como "uh-huh." Não interrompa quando outra pessoa estiver falando; isso pode atrapalhar o fluxo da conversa e causar uma luta pelo poder.

Reflexão

Valide os pensamentos e sentimentos da pessoa que fala refletindo o que ela comunicou. Isso pode ser feito resumindo a ideia principal da mensagem do palestrante.
Por exemplo, "Você sente que tentou várias opções e não tem certeza sobre o próximo passo." Essa habilidade de comunicação ajuda o palestrante a sentir que está sendo compreendido e dá a ele a oportunidade de esclarecer e adicionar mais detalhes, se necessário.

Declarações " Eu"

Uma declaração "eu" é um componente da comunicação assertiva que permite que um indivíduo assuma a responsabilidade por seus pensamentos e emoções. Essa habilidade de comunicação desencoraja o orador de colocar a culpa em uma pessoa ou evento externo. Um artigo sobre comunicação eficaz publicado pela University of Main dá o exemplo "você sabe que isso não está certo" e o substitui por "Eu vejo isso de maneira diferente de você".

Compromisso

A comunicação eficaz é um componente necessário do compromisso. Quando existe um problema, ambos os indivíduos devem trabalhar em colaboração para formular uma lista de soluções potenciais, bem como as compensações com as quais eles concordarão.
Por exemplo, uma criança pergunta a seus pais se ela pode sair com os amigos em uma noite de escola, embora não tenha feito o dever de casa. O pai e a criança concordam que a criança pode sair, mas os pais irão buscá-la na hora designada para que ela possa fazer o dever de casa antes de dormir.
Algumas das barreiras de comunicação que devem ser evitadas são; incapacidade individual, preconceito, pensamento estereotipado, culpar alguém, egoísmo, personalização, incerteza na linguagem, falta de percepção, defesa da comunicação.

Atividade de interpretação de papéis:

Exemplo 1: Entrevista de Trabalho
Passo 1: o treinador dá um exemplo do mundo real:
Você tem uma entrevista de emprego. Você tem informações, experiência e habilidades suficientes quanto à descrição do trabalho. Você deve usar habilidades de comunicação eficazes para ser aceito no trabalho.
Passo 2: O entrevistador e o candidato são escolhidos.
Passo 3: A sala de entrevista está preparada. (Mesa, cadeiras, pc, telefone ou celular etc).
Passo 4: O entrevistador faz várias perguntas ao candidato para avaliar sua adequação ao trabalho e o candidato tenta convencer o entrevistador a ser aceito no trabalho usando habilidades de comunicação eficazes, como autoconfiança, desenvoltura, persuasão, decisão, habilidades expressivas.

Exemplo 2: Lidar com clientes difíceis / agressivos / resistentes com habilidades de comunicação
Passo 1: o treinador dá um exemplo do mundo real:
-Lidar com clientes difíceis / agressivos / resistentes com habilidades de comunicação.
Passo 2: Diz que na atividade de desempenho de papéis, os papéis serão distribuídos como cliente e vendedor.
Passo 3: A sala é montada como uma loja com diversos objetos desenhados pelos estagiários.
Passo 4: O cliente age de forma agressiva e cria problemas para o vendedor.
e o vendedor tenta superar a situação
Passo 5: o entrevistador faz várias perguntas ao candidato para os resultados de aprendizagem:

- Desenvolvimento de habilidades sociais e pessoais
- Boas habilidades de comunicação
- Habilidade de empatia
- Flexibilidade
- Auto confiança
- Capacidade de se expressar
- Habilidades de liderança
- Habilidade persuasiva
- Desenvoltura
- Aceitar críticas

Recursos/Referências: https://www.thebalancecareers.com/top-soft-skills-2063721
https://careertrend.com/examples-of-effective-communication-skills-4232585.html
https://resources.workable.com/tutorial/soft-skills-interview-questions
https://idainstitute.com/tools/time_and_talk/resources/role_play_topics/

Activity #4

"Promover empatia através da Discussão"

O quê?
Promover a empatia através da discussão: Os participantes devem ser capazes de respeitar as opiniões dos outros, mesmo que não concordem com as mesmas. As discussões os ajudam a ter empatia com seus colegas, de modo que sejam capazes de ver as coisas de uma nova perspectiva. Os grupos sociais servem como ambiente de discussão ideal. Além disso, eles são capazes de avaliar suas próprias cognições e desafiar suposições, o que leva ao crescimento pessoal.

Duração: 3 horas

Materiais: Prancheta, marcador de quadro, caderno, canetas para treinamento teórico e diversos objetos para dramatização.

Procedimento:

Passo 1: o treinador explica o que é empatia:

O termo "empatia" é usado para descrever uma ampla gama de experiências. Os pesquisadores de emoções geralmente definem empatia como a capacidade de sentir as emoções de outras pessoas, juntamente com a capacidade de imaginar o que outra pessoa pode estar pensando ou sentindo.

Os pesquisadores contemporâneos muitas vezes diferenciam entre dois tipos de empatia: "Empatia afetiva" refere-se às sensações e sentimentos que obtemos em resposta às emoções dos outros; isso pode incluir espelhar o que a pessoa está sentindo ou apenas se sentir estressada quando detectamos o medo ou a ansiedade de outra pessoa. "Empatia cognitiva", às vezes chamada de "tomada de perspectiva", refere-se à nossa capacidade de identificar e compreender as emoções de outras pessoas.

Passo 2: Dá aos participantes algumas perguntas e pede-lhes que escrevam as suas respostas.

Passo 3: Divide os participantes em pares e concede 5 minutos para que discutam com o seu interlocutor as questões apresentadas. É importante aprender a ouvir os outros.... (para a continuação da sua atividade pense em uma tal técnica que você possa usar. Dramatização, monólogo, diálogo interativo... etc.)

Questão 1: Um refugiado imigrado para um país estrangeiro deve viver seus próprios costumes? Ou deve conhecer os costumes do país para onde imigrou?

Questão 2: O uso da tecnologia está mudando as pessoas para melhor ou para pior?

Questão 3: O formando precisa de lição de casa para aprender?

Resultados de aprendizagem:

- Desenvolvimento de habilidades sociais e pessoais
- Boas habilidades de comunicação
- Habilidade de empatia
- Flexibilidade
- Auto confiança
- Capacidade de se expressar
- Habilidades de liderança
- Habilidade persuasiva
- Desenvoltura
- Aceitar críticas

Recursos/Referências: https://www.thebalancecareers.com/top-soft-skills-2063721

https://greatergood.berkeley.edu/topic/empathy/definition

https://owlcation.com/academia/100-Debate-Topics

UNIDADE 4.2:
" Técnicas de Teatro do Oprimido"

Actividade #1
"Theatre of the Oppressed"

O quê? Uma entrevista em vídeo de Augusto Boal do Democracy Now, dá um panorama da sua vida, o que é o Teatro do Oprimido nas suas palavras, o que o inspirou a criar o Teatro do Oprimido e um texto que cobre um pouco sobre todos os ramos do Teatro dos Oprimidos de forma legível..

Duração:
60 minutos

Materiais:
Acesso à internet
Projetor e computador
Cópias de diferentes técnicas de teatro do Oprimido.

Procedimentos
Passo 1: Divida os alunos em grupos de 3.
Passo 2: Escreva o seguinte no quadro branco.
"O objetivo do Teatro do Oprimido é re-humanizar a humanidade" Augusto Boal.
Peça aos alunos que discutam suas ideias sobre esta declaração.
Passo 3: Solicite que 1 aluno faça anotações em nome do grupo.
Passo 4: Depois de aproximadamente 5 a 8 minutos, convide cada grupo a compartilhar parte do conteúdo de sua discussão.
Passo 5: Agora instrua os alunos que você vai mostrar para eles um vídeo de uma entrevista com Augusto Boal, o fundador do Teatro do Oprimido.
Passo 6: Convide os alunos a fazer anotações com base em seus próprios interesses enquanto assistem à entrevista para uma discussão posterior.
Passo 7: Diga aos alunos que o Teatro do Oprimido é inspirado na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e cultiva e convida o pensamento crítico.
Escreva o seguinte no quadro branco: "Trata-se de analisar em vez de aceitar, questionar em vez de dar respostas. É sobre agir _ "agir" ao invés de apenas falar. O público não é formado por espectadores passivos, mas sim por espectadores-atores ativos convidados ao palco para explorar soluções sobre os problemas.
Passo 8: Retorne os alunos aos seus grupos de 3 e peça-lhes que discutam as anotações que escolheram fazer e por quê.
Passo 9: Distribua a impressão de todos os tipos de Teatro da Opressão.
Passo 10: Peça a cada grupo para compartilhar alguns elementos da discussão com o grupo da classe.
Passo 11: Peça aos alunos para refletirem sobre como sua experiência no Teatro do

Oprimido mudou.

Resultados de aprendizagem:

O aluno conhece o Teatro do Oprimido, suas várias vertentes e origem pedagógica. O aluno conhece Augusto Boal e as suas motivações para a realização do Teatro do Oprimido, como ele via o Teatro do Oprimido e suas aplicações e pode discutir o conteúdo de uma entrevista em vídeo com Boal em termos dos seus próprios pontos de interesse. O aluno está familiarizado com o que é um espectador e pode comparar seu conhecimento do Teatro do Oprimido com o conhecimento que teve ao entrar na aula.

Limitações:

É imprescindível que os formadores vejam este vídeo de Augusto Boal várias vezes antes da aula e se familiarizem totalmente com todos os elementos do conteúdo. Além disso, se o treinador sentir que será pressionado a oferecer mais informações sobre ramos específicos do Teatro do Oprimido, é aconselhável uma preparação adicional para o estudo pessoal.

Recursos/Referências:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=251&v=3rkVD_Oln7g

http://www.mandalaforchange.com/site/applied-theatre/theatre-of-the-oppressed/

Atividade #2
"A Metodologia do Teatro do Oprimido Oppressed , a árvore e o Teatro Fórum"

O que?
Um kit de ferramentas que se concentra em um ramo da árvore de metodologia Theatre of The Oppressed, Forum Theatre da National Association for Youth Drama na Irlanda. Inclui uma visão geral do Teatro do Oprimido, de seu criador Augusto Boal e recursos e exercícios de alta qualidade.
* a lição associada é baseada na apresentação dos alunos à seção 1 deste kit de ferramentas.

Duração:
40 a 60 minutos (duração baseada no uso de várias seções)

Materiais:
Quadro branco.
Marcadores de quadro branco.
Fotocópias da seção 1 Páginas 4 -8.

Procedimento:
Etapa 1: coloque os alunos em grupos de 4.
Etapa 2: escreva o seguinte no quadro branco "O que você sabe sobre o Teatro do Oprimido?" e "O que você sabe sobre o Forum Theatre?"
Etapa 3: Solicite que 1 membro do grupo faça anotações em seu nome.
Passo 4: Dê aos alunos 10 minutos para discutir o que sabem.
Etapa 5: Convide os grupos a compartilhar os frutos de suas conversas e escrever suas idéias no baord branco.
Etapa 6: Informe aos alunos que você distribuirá algumas informações sobre o tópico.
Etapa 7: instrua os alunos a ler as informações.
Passo 8: Retorne os alunos aos seus grupos de 4 e peça-lhes que discutam a seguinte questão à luz do que leram;
Como o Forum Theatre pode ser usado para explorar questões de igualdade e discriminação ?, Como o Forum Theatre pode ser benéfico para refugiados e requerentes de asilo? " Você teria alguma reserva sobre o uso do Forum Theatre em sua organização ?.
Etapa 9: solicite que um membro diferente de cada grupo faça anotações em seu nome.
Etapa 10: Convide os grupos mais uma vez para compartilhar pontos-chave do conteúdo de sua discussão com o grupo da classe.
Etapa 11: Agora dê aos alunos a oportunidade de refletir o que aprenderam ao longo desta aula.

Resultados da aprendizagem:
O aluno pode se lembrar de todas as informações que conhece sobre o Teatro do Oprimido e o Teatro Fórum. O aluno que leu pode discutir uma visão geral do

Teatro Fórum e como ele pode ser usado para explorar questões de igualdade e discriminação com refugiados e requerentes de asilo. O aluno pode considerar por que o uso do Forum Theatre em sua organização pode ou não ser adequado.

Limitações: A eficácia deste exercício será limitada se os formadores não se familiarizarem adequadamente com os materiais com antecedência. A eficácia do exercício será limitada se o treinador deixar de permanecer objetivo enquanto os alunos exploram as possíveis aplicações e os possíveis riscos associados à aplicação das ferramentas em suas respectivas organizações.

Mais sobre o texto original É necessário fornecer o texto original para ver mais informações sobre a tradução.

Atividade #3
"Teatro do Oprimido como ferramenta de transformação social"

O que?
Caro leitor , ao ler este capítulo quando devo ter em mente que o Teatro do Oprimido (TO) é uma ferramenta de transformação social. Todos os jogos, exercícios e textos são usados para atingir esse objetivo. Uma sessão TO deve começar com um jogo ou exercício de aquecimento. Pretendem dar base ao conhecimento mútuo entre os participantes, promovendo não só a apresentação dos seus nomes, mas algumas características individuais. Este (s) jogo (s) deve (m) ser dinâmico e focado para que a sessão de trabalho possa ser iniciada com criatividade, entusiasmo, raciocinio capacitador, concentração para iniciar o processo de desmecanização da mente. É importante que cada pessoa tenha seu espaço de apresentação, dentro da dinámica introduzida. Aqui sugerimos alguns jogos escolhidos do Livro Augusto Boal jogos e exercícios para Ator e Não-Atores e oferecemos alguns jogos aprendidos com a treinadora internacional do TO Bárbara Santos..

Duração: 6 horas

Materiais:
Flip Charts
Marcadores
sala com espaço aberto
o número de almofadas ou cadeiras dos participantes
nº de Cópias de textos / artigos de acordo com o número de participantes

Procedimento:
Uma sessão TO deve começar com um jogo ou exercício de aquecimento. Pretendem dar base ao conhecimento mútuo entre os participantes, promovendo não só a apresentação dos seus nomes, mas algumas características individuais. Este (s) jogo (s) deve (m) ser dinâmico (s) e focado (s) para que a sessão de trabalho possa ser iniciada com criatividade, entusiasmo, raciocínio capacitador, concentração para iniciar o processo de desmecanização da mente. É importante que cada pessoa tenha seu espaço de apresentação, dentro da dinâmica introduzida. Aqui sugerimos alguns jogos escolhidos do Livro Augusto Boal - jogos e exercícios para Ator e Não Atores e oferecemos alguns jogos aprendidos com a treinadora Internacional TO Bárbara Santos.

PASSO 1:
Presentation Games -1 hour
Jogos de apresentação -1 hora

BANTU
Os participantes fazem um círculo. Juntos, eles fazem um ritmo com as mãos. Uma palma atinge o peito (duas vezes) e depois duas vezes os dedos atingem a palma da outra mão. O ritmo é mantido e cada pessoa diz seu nome quando os dedos batem na palma da mão, nunca

perdendo o ritmo. Após cada nome, todos repetem o nome dessa pessoa. No segundo nível, qualquer um começa a dizer seu nome e faz um gesto característico com a seguinte frase eu sou... e sempre faço isso ... Todas as outras pessoas em uníssono o imitam dizendo: ele (ela) é ... e sempre faz assim ... Seguindo do lado direito cada um vai dizendo o seu nome e gesto, seguido da repetição de todos. Uma variação poderia ser dizer e seu nome e adicionar um substantivo que comece com a letra de nome. A frase de exemplo deve ser assim: Eu sou A ... e sou adorável.

Nome da Vogal

Outra possibilidade para o segundo nível é o nome da vogal. Isso permite não apenas concentração e criatividade, mas também introduz ritmo. O Curinga (Coringa) pede aos participantes que pensem se seu nome apenas com vogais e pensem em ritmo e gesto para acompanhar. Em seguida, cada pessoa apresenta seu nome nos ritmos e gestos escolhidos. Todos repetem o nome com as vogais e gestos. Após todos terem dito e repetido os nomes de todos, eles serão agrupados em 4/6 dependendo do número de participantes para criar uma coreografia com os nomes em vogais, gestos e ritmos escolhidos pelos participantes de cada grupo. Cada grupo apresenta sua coreografia ao público..

PASSO 2:

-Histórico de estudos TO -2 horas

O exercício deve ser realizado em forma de Seminário. Ele girará em torno da História de TO em conexão com a Pedagogia do Oprimido de Paul Freire e a Pedagogia da Esperança de Bell Hooks. Eles serão apresentados com artigos pré-elaborados sobre a história do TO. Os artigos irão levantar questões, por isso este exercício dá-lhes a portunidade de estudar e debater. Os participantes trabalharão em pequenos grupos por idioma (deve-se pensar que nem todos falam a mesma língua, portanto é importante ter além do inglês, uma tradução para o idioma do país de acolhimento, e uma terceira possibilidade se achar necessário .O esquema ideal será dar 5/10 minutos para que cada participante leia individualmente. Depois, terá 30 minutos em cada pequeno grupo para debater entre eles. É importante que os curingas, enquanto discutem, visitem cada grupo para ajudar os debate entre si. Após 30 minutos, cada grupo apresenta o seu feedback. A curinga escreverá no flipchart: Ideias comuns,

O que mais impressionou então, ideias diferentes.

Introdução ao Teatro da História Oprimida

O termo "Teatro do Oprimido" (TO) aparece como título de uma das obras de referência de Augusto Boal. Em geral, a obra em teatro do Oprimido é baseada na estrutura proposta por Augusto Boal no livro ,,Jogos para atores e não atores" 7ª edição rev. e expandido, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

Este método visa ser uma linguagem de fácil acesso a todos os envolvido (profissionais e público), constituindo um veículo de comunicação eficaz. Como prática teatral pretende fazer refletir sobre sua realidade, expondo o modo como sua conduta resulta de sua (s) percepção (ões) e conectada às relações de poder em processos de dominação e exclusão social. A

inovação do método de Boal foi colocar o público em um papel ativo. Ele não é apenas um espectador, mas está direta e ativamente envolvido na análise, discussão e exploração de estratégias de ação e ação diante de problemas comuns, causando a conscientização da comunidade e a participação cívica. O espectador pode se tornar ator ou atriz nas cenas apresentadas no palco. Bárbara Santos em seu livro Raizes e Asas diz que Boal escolheu a Árvore para representar o método do Teatro do Oprimido, pela dialética fundamental que nela se esconde. Representa permanência / estabilidade, pois precisa ter raízes fortes para crescer. Quanto mais profundas as raízes, maiores são as possibilidades de avançar no espaço externo.
Já para viver, a árvore precisa estar em constante diálogo com o meio ambiente, como a chuva, o vento, o sol, a neve, o gelo, com a seca, as enchentes ... Trocando com o meio natural ela tem que se transformar. A árvore é um ser vivo em constante reprodução.
A árvore do Teatro do Oprimido tem bases sólidas - raízes fortes - que definem claramente sua incompatibilidade com a exploração econômica, com o colonialismo e o imperialismo ou com quaisquer formas de discriminação. Essas bases apontam na direção dos fundamentos dos direitos humanos, como referência para a convivência humana e determinam o compromisso político com os oprimidos (homens e mulheres) que estão no combate à opressão.
O oprimido é uma palavra dura, e difícil, causa repulsa. Ninguém gosta de se ver oprimido. No contexto da metodologia do Teatro do Oprimido, não é considerado pobre quem não conhece nem tem consciência da opressão ou desvantagem na relação hierárquica e de poder. Para os praticantes de TP, os oprimidos não são sofredores passivos, acomodados para estar sofrendo em sua condição. Nem é um mártir. É muito claro que existe opressão e que sempre que nos encontramos sujeitos a um desequilíbrio de poder, somos todos oprimidos e oprimidos. Mesmo que não tenhamos uma consciência política profunda dessa desigualdade, reconhecemos a situação e desejamos mudá-la.
O Teatro do Oprimido é uma arte marcial que permite ao oprimido, homem ou mulher, lutar e transformar a sua realidade, como diz a mais famosa frase de Augusto Boal.
Desde os anos setenta até os nossos dias, o método se transformou e evoluiu como a árvore. Nasceu como Jornal Teatro, pela proposta de responder à censura imposta pelo
Ditadura militar brasileira. No Peru, a impossibilidade de comunicação em um mesmo idioma, entre os indígenas, deu origem ao Teatro-Imagem. A necessidade de ampliar o diálogo e a busca de alternativas para resolver problemas reais com maior eficácia desencadeou o surgimento do Teatro Fórum. Restrições políticas e autoritarismo na Argentina forçaram o surgimento do Teatro Invisível. Os desafios para gerenciar opressões internalizadas formaram o Arco-íris do Desejo, na França. Para avançar na transformação da realidade tornou-se necessária a criação do Teatro Legislativo no Brasil. Para lutar contra a invasão do cérebro que desencadeia o aprisionamento estético, foi necessário chegar à Estética do Oprimido, onde ainda há muito a ser investigado. Cada ramo da árvore do teatro oprimido é uma proposta de busca de ação de combate à opressão. Eles podem e devem ser usados juntos ou separadamente de acordo com o objetivo da atividade teatral. (Jackson, 1991 encontrado em Boal, 2002).
Na metodologia do Teatro do Oprimido, a "desculpa" para pensar junto é criar uma situação que acontece na vida real, como no teatro. Mas a verdadeira essência da metodologia é refletir, olhar para a nossa realidade e investigar, olhando esta peça em cena. Por que isso acontece, que fatores o determinam e perpetuam, quais são os aspectos micro e macro em jogo. É preciso analisar a construção social que circunda a situação e investigar por que, por

exemplo, em meados do século XXI, em um país democrático, ainda prevalecem as situações de desigualdade. Não basta pensar na situação individual, desligada dos outros.
Você tem que pensar em mim, meu pai, minha mãe, minha avó, minha vizinha, para entender melhor os outros, que eu não conheço mas reconheci pela ação. É olhar a memória histórica por trás da situação e ver como também somos resultado dela. A partir daí, podemos começar a reescrever nossa história.
Uma alternativa ao acima pode ser buscada na obra de Freire. Freire (1970) argumenta que a construção do conhecimento pode ser feita de uma forma mais autêntica de geração de sentido e ação social. Nos livros de Paulo Freire, Pedagogia do oprimido (1970) e Educação para a consciência crítica (1973), ele fala da normalização da pobreza e da desigualdade e da internalização da opressão, mas sugere uma pedagogia onde os oprimidos refletem sobre sua opressão que leva ao necessário engajamento na luta por sua libertação. Como Boal, Freire identificou dois principais grupos opostos: os opressores e os oprimidos (Roberts, 2015). Ele fornece uma ideologia alternativa de integração com o contexto, em vez de adaptação. A integração é resultado da capacidade de adaptação à realidade agregando capacidade crítica para fazer escolhas e transformar a realidade. Ele argumentou que "o conhecimento surge apenas através da invenção e reinvenção, através da investigação inquieta, impaciente, contínua e esperançosa que os seres humanos buscam no mundo, com o mundo e uns com os outros" (Freire 1970 em Lilyea, 2015).
Para ambos, o diálogo é a chave. Freire (1970) afirma: "a verdadeira mudança exige um diálogo corajoso com o povo". Esta declaração envolve respeito; nenhuma pessoa trabalhando em outra, em vez de trabalhar com outra. Ao ler Peter Roberts (2015) sobre a obra de Freire, podemos entender que ele, como um dos educadores mais influentes do século XX, acredita na educação não formal e se construiu na ideia de colocar problemas ao invés de dar respostas. Freire é usado na educação de adultos e muitas vezes se conecta ao trabalho de Boal. Ainda assim, entre os praticantes de TO, a semelhança pára por aí.
No livro de bell hook Teaching a Community -Pedagogy of Hope (2003 Gloria Watkins), ela diz que "a imaginação profética é ultrajante - não apenas em sonhar o sonho, mas em já viver o sonho antes que ele se concretize e em incorporar este sonho em ação concreta. " Esta declaração é uma força chave de resiliência para os participantes porque a maioria dos oprimidos é de grupos marginalizados, vítimas de sistemas políticos de dominação, e que podem encontrar seu caminho para a liberdade atendendo ao chamado de imaginações proféticas. Ao sonhar, passei a acreditar que poderia deixar o mundo do apartheid racial, da disfunção da família patriarcal e encontrar meu eu artístico.
O Centro de Teatro do Oprimido (CTO-Rio) é referência no TO, pois foi o centro fundado por Augusto Boal quando voltou ao Brasil, onde desenvolveu o método e inspirou outros em vários continentes a "dar voz aos oprimidos" e também porque continua a ser um centro de investigação e difusão, que desenvolve metodologia específica de Teatro do Oprimido em laboratórios e seminários, ambos permanentes, para experimentação, análise e sistematização de exercícios, jogos e técnicas. Este artigo é um resumo básico da História do TO, para que se possa começar a praticar alguns dos jogos e exercícios com uma visão mais clara. Bárbara Santos, que foi coordenadora do CTO -Rio por mais de 20 anos disse em 2013 "O contexto histórico que deu origem ao Teatro do Oprimido ajuda-nos a compreender a essência política e revolucionária da sua ideia que visa a emancipação e se opõe à domesticação. Negar essa essência é negar o próprio método.

PASSO 3:

Colocando em prática TO basics -3h (Image Theatre e Forum Theatre)

Passo 3.1

Comece com este jogo de drama: 1,2,3 de Bradford

Peça aos participantes para trabalharem em pares. Entre eles, eles escolhem quem é o primeiro. Lembre-se de todos se eles podem contar de um a três. Contem todos juntos. Depois faça um exemplo do jogo com uma pessoa do grupo. Diante de um e do outro, o primeiro diz 1, o segundo diz 2 e os primeiros três. Então o outro começa 1 e assim um. É uma sequência contando de 1-3. Depois de dar cerca de 3/4 minutos para se adaptar. O curador pede ao par que substitua o um por um gesto / movimento. Ele deu o exemplo. Mais uma vez, dê-lhes 3/4 minutos para se ajustarem. O curador pede para substituir também dois por um som. Após os 3/4 minutos necessários, eles devem ser instruídos a substituir 3 por um som e um gesto / movimento. Eles devem praticar a nova sequência completa e, em seguida, apresentarem uns aos outros. Para tentar esta sequência. Finalmente, em vez de dizer 'Três', A e B trabalharão juntos para criar um movimento e som que ambos os jogadores podem fazer facilmente para substituir 'Três". Peça aos alunos que experimentem a sequência completa.

O jogo é começar a desenvolver habilidades teatrais, usar a imaginação, mas muito importante a partir da próxima fase do Teatro da Imagem. Como um bebê ou mesmo uma criança pequena, não usamos palavras. As imagens, gestos e sons são usados para se comunicar. Mas quando começamos a crescer, esquecemos quem usar para criar um diálogo

Passo 3.2

Teatro de Imagens

Antes de continuar o exercício, é importante explicar que o curinga / Joker é o facilitador do processo em TO. Ele está ali para criar o "espaço" para falar, discutir, abrir a consciência, e só depois ativar o processo de descoberta, conhecimento e pensamento. É uma atitude maiêutica. Um pouco o que se pode entender do método de Sócrates. Para fazer perguntas para estimular o pensamento criativo.

1. Complete a imagem -

O Curinga convida duas pessoas a apertarem as mãos e congelar. Então ele / ela pergunta ao público

(Participantes): o que eles estão vendo? O que eles acreditam que aconteça?

Depois de ouvir algumas opiniões convidamos uma terceira pessoa para vir completar a imagem (é a ideia dela, o que vem à cabeça). Os outros na imagem permanecem congelados. Depois de se apresentar. Aquele que começou a imagem que está congelado para sair de cena e dar uma olhada na imagem agora. Os outros permanecem congelados. Ele / ela deve ir e completar a imagem. A ideia é que um a um cada um se posicione de forma a completar a imagem. A certa altura, o curinga diz: "Pare!" Um grupo de três junta-se a outro grupo de três, formando 6 pessoas. O diálogo recomeça, em que cada pessoa cria sequencialmente uma imagem e quando outra termina de fazer uma nova, até que todos os 6 tenham tido a oportunidade de fazer uma imagem.

O curinga escolherá um grupo para memorizar uma imagem particular que eles criaram. A ideia é que após cada grupo de 6 pessoas apresente a imagem aos demais para que eles possam

analisá-la, investigue possibilidades, para tentar entendê-la plenamente.
Após reflexão do grupo, um pano branco é inserido atrás da imagem feita por um grupo de 6 pessoas. O público é convidado a interpretar novamente. Com este pano branco o que mudou? O que fica mais forte e mais fraco? A interpretação é a mesma?
Após reflexão do grupo, o fundo é alterado para preto. O cenário muda novamente com um pano preto. As perguntas se repetem: O que mudou? O que fica mais forte e o que fica mais fraco? A interpretação é a mesma?
Finalmente, um pano azul é introduzido. As perguntas se repetem: O que mudou? O que fica mais forte e o que fica mais fraco? A interpretação é a mesma?
O grupo é convidado a dizer o que pensa sobre o impacto da cor na imagem? Que associações fazemos com a mudança de cor? E se fosse um pano de cor diferente? Qual é o significado dessas cores para quem vê? E se fosse vermelho? E se fosse amarelo ...?
Em seguida, pergunte se pudéssemos nomear as opressões na cena, qual seria? Porque? Em seguida, peça a cada pessoa que pense em um movimento para essa imagem. Ao bater palmas da curinga cada pessoa faz um movimento na imagem. A curinga pergunta ao público: O que mudou?
O que fica mais forte e o que fica mais fraco? A interpretação é a mesma? Em seguida, peça que façam a imagem, o movimento e adicionem um som na gonorréia. Mais uma vez, volte ao público e pergunte: O que mudou? O que fica mais forte e o que fica mais fraco? É a interpretação é a mesma. O número de pessoas no grupo pode variar, desde que este exercício possa ser devolvido para análise.
Este diálogo e reflexão durarão cerca de uma hora. Para conclusão da sessão a curinga explica que se trata de uma técnica teatral. As questões, problemas e sentimentos são representados em imagens concretas, individuais e coletivas. Desde a leitura da linguagem corporal, busca-se compreender os fatos que representam a imagem. Ao mesmo tempo, esta imagem é uma representação da realidade de uma situação de vida.
O teatro é o "espelho" no qual a comunidade pode ver o reflexo de seus problemas, analisar a realidade vivida e buscar meios de superar a indesejável situação. A sugestão é representada em imagem por um participante. Por outro lado, as palavras podem confundir questões e conceitos centrais, em vez de esclarecê-los. As imagens podem estar mais próximas de sentimentos verdadeiros ou mesmo de sentimentos subconscientes. Além disso, trabalhar com imagens em vez de palavras pode ser mais democrático, pois não privilegia pessoas mais articuladas verbalmente.

Passo 3.3

Teatro Fórum

Após uma breve pausa, usaremos e experimentaremos o que é chamado de Mini Fórum. Apresento um exemplo de história mas pode ser escolhida pelas imagens já feitas. É a história de uma pessoa sentada em um ônibus tentando ler o livro que ela precisa para o exame hoje. Com um bom resultado, será o primeiro da família a ir para a universidade. Uma pessoa chega e põe a música bem alto. Ela pede a ela para colocar a música em um volume mais baixo. A pessoa não quer fazer isso. Então ela tenta convencer, mas não é fácil. No final ela não estudou e a pessoa também não largou a música. Como colocamos em prática? A curinga convida duas pessoas para atuar. Para um, ele diz que precisa estudar para fazer um exame enquanto espera o ônibus. O outro é informado que seu desejo é ouvir música bem alto antes

de entrar no ônibus, porque uma vez lá ele não pode.
Eles atuam na frente de outros participantes. Depois disso, o público responde a perguntas abertas:
O que você viu? O que eles querem? Identificamos essa situação na vida diária? Podemos mudar isso? Alguém tem uma proposta? Dê oportunidade para que alguém entre para substituir a pessoa que deseja estudar. Damos-lhe coragem e aplausos quando ela entra no palco. O teatro é uma arma, com dois princípios fundamentais - "ajudar o espec-ator / atriz a se transformar em protagonista da ação dramática e a ensaiar alternativas para essa situação para que então possa extrapolar para o seu real vida as ações que ensaiou na prática do teatro "(Boal, 1995). Assim, após o espect-ator / espect-atriz ter atuado sua proposta, em conjunto com o público analisamos sua intervenção por meio de questões abertas:
Qual foi a ideia? O que mudou? A proposta resolveu o problema? O que mais podemos fazer? .Este é um mini fórum para dar um exemplo, que a chave da mentira é transformar experiências individuais e subjetivas em teatro e refletir sobre elas com a ajuda de métodos teatrais. Ele se concentra em primeiro lugar em (re) apresentar, analisar e mudar as relações de poder, do ponto de vista das pessoas que são "impotentes" (Wrentschur & Moser, 2014).
Porque o Teatro Fórum produz a representação de um problema real onde oprimidos e opressores são confrontados em defesa de seus desejos e interesses. Portanto, pedimos aos participantes que se dividam em quatro / cinco grupos e eles devem inventar uma história onde possamos ver uma opressão. Eles terão 20 minutos. Eles podem usar palavras, mas mais uma vez lembrá-los do que aprenderam no teatro de imagens.
Cada grupo apresenta aos outros sua "situação de vida de papel de desempenhar". O curador escreve no flip chart as opressões que vêm de cada grupo. Eles são solicitados a manter isso na memória para a próxima etapa do trabalho,

Sessão de encerramento
Encerre a sessão com o Bantu que todos iniciaram e lembre o nome de todos.

Limitações
Existem vários jogos no livro de Augusto Boal, então os jogos, exercícios e textos são usados aqui para atingir o objetivo de Empoderar os migrantes e refugiados. Outros jogos podem ser usados desde que respeite a coerência.

Recursos/Referências:
Augusto Boal -Theatre of the Oppressed (1979) and reeditions
Augusto Boal -Games for Actor and Non Actors 1992 and version 1998
Bárbara Santos -Raízes e Asas , 2016
Paulo Freire -Pedagogia do Oprimido (1970) and reeditions

Tool #4
"Duas Oficinas Práticas de Teatro das Técnicas Oprimidas"

O quê?
Duas Oficinas Práticas de Teatro das Técnicas Oprimido
Teatro da Imagem - Os participantes aplicarão o Teatro da Imagem para explorar a expressividade não verbal, a expressão corporal e facial e, principalmente, um diálogo de imagens.
Teatro Fórum - Os participantes praticarão Teatro Fórum, como ator / atriz e espectador / atriz. Durante a sessão eles irão construir coletivamente uma peça de teatro Mini fórum.

Duração: 60 minutos

Materiais:
Copiadora
Fotocópias
Quadro branco
Marcadores de quadro branco

Procedimento:
Colocando em prática TO basics -3h (Teatro da Imagem e Teatro Fórum)

3.1. Etapa
Comece com este jogo de drama: 1,2,3 de Bradford
Peça aos participantes para trabalharem em pares. Entre eles, eles escolhem quem é o primeiro. Lembre-se de todos se eles podem contar de um a três. Contem todos juntos. Depois faça um exemplo do jogo com uma pessoa do grupo. Diante de um e do outro, o primeiro diz 1, o segundo diz 2 e os primeiros três. Então o outro começa 1 e assim um. É uma sequência contando de 1-3. Depois de dar cerca de 3/4 minutos para se adaptar. O curador pede ao par que substitua o outro por um gesto / movimento. Ele deu o exemplo. Mais uma vez, dê-lhes ¾ minutos para se ajustarem. A curinga pede para substituir também dois por um som. Após os 3/4 minutos necessários, eles devem ser instruídos a substituir 3 por um som e um gesto /movimento. Eles devem praticar a nova sequência completa e, em seguida, apresentarem uns aos outros. para tentar esta sequência. Finalmente, em vez de dizer 'Três', A e B trabalharão juntos para criar um movimento e som que ambos os jogadores podem fazer facilmente para substituir 'Três". Peça aos alunos que experimentem a sequência completa.
O jogo é começar a desenvolver habilidades teatrais, usar a imaginação, mas muito importante para a próxima etapa do Teatro da Imagem. Como um bebê ou mesmo uma criança pequena, não usamos palavras. As imagens, gestos e sons são usados para se comunicar. Mas quando começamos a crescer, esquecemos quem usar para criar um diálogo

3.2 Etapa
Teatro de Imagens
Antes de continuar o exercício, é importante explicar que o curinga / Joker é o facilitador do

processo em TO. Ele está ali para criar o "espaço" para conversar, discutir, abrir a consciência, e só depois ativar o processo de descoberta, conhecimento e pensamento. É uma atitude maiêutica. Um pouco o que se pode entender do método de Sócrates. Para fazer perguntas para estimular o pensamento criativo.

1. Complete a imagem -

O Curinga convida duas pessoas a apertarem as mãos e congelar. Em seguida, pergunta ao público (participantes participantes): o que eles estão vendo? O que eles acreditam que aconteça?

Depois de ouvir algumas opiniões convidamos uma terceira pessoa para vir completar a imagem (é a ideia dela, o que vem à cabeça). Os outros na imagem permanecem congelados. Depois de se apresentar. Aquele que começou a imagem que está congelado para sair de cena e dar uma olhada na imagem agora. Os outros permanecem congelados. Ele / ela deve ir e completar a imagem. A ideia é que, um a um, cada um se posicione de forma a completar a imagem. A certa altura, o curinga diz: "Pare!" Um grupo de três junta-se a outro grupo de três, formando 6 pessoas. O diálogo recomeça, em que cada pessoa cria sequencialmente uma imagem e quando outra termina de fazer uma nova, até que todos os 6 tenham tido a oportunidade de fazer uma imagem.

O curinga escolherá um grupo para memorizar uma imagem particular que eles criaram. A ideia é que após cada grupo de 6 pessoas apresente a imagem aos demais para que possam analisá-la, investigue possibilidades, para tentar entendê-la plenamente.

Após reflexão do grupo, um pano branco é inserido atrás da imagem feita por um grupo de 6 pessoas. O público é convidado a interpretar novamente. Com este pano branco o que mudou? O que fica mais forte e mais fraco? A interpretação é a mesma?

Após reflexão do grupo, o fundo é alterado para preto. O cenário muda novamente com um pano preto. As perguntas se repetem: O que mudou? O que fica mais forte e o que fica mais fraco? A interpretação é a mesma?

Finalmente, um pano azul é introduzido. As perguntas se repetem: O que mudou? O que fica mais forte e o que fica mais fraco? A interpretação é a mesma?

O grupo é convidado a dizer o que pensa sobre o impacto da cor na imagem? Que associações fazemos com a mudança de cor? E se fosse um pano de cor diferente? Qual é o significado dessas cores para quem vê? E se fosse vermelho? E se fosse amarelo ...?

Em seguida, pergunte se pudéssemos nomear as opressões na cena, qual seria? Porque? Em seguida, peça a cada pessoa que pense em um movimento para essa imagem. Ao bater palmas da curinga cada pessoa faz um movimento na imagem. A curinga pergunta ao público: O que mudou? O que fica mais forte e o que fica mais fraco? A interpretação é a mesma? Em seguida, peça que façam a imagem, o movimento e adicionem um som na gonorréia. Mais uma vez, volte ao público e pergunte: O que mudou? O que fica forte.

3.3 Etapa

Forum Theatre

Após uma breve pausa, usaremos e experimentaremos o que é chamado de Mini Fórum.

Apresento um exemplo de história mas pode ser escolhida pelas imagens já feitas. É a história de uma pessoa sentada em um ônibus tentando ler o livro que ela precisa para o exame hoje. Com um bom resultado, será o primeiro da família a ir para a universidade. Uma pessoa chega e põe a música bem alto. Ela pede a ela para colocar a música em um volume mais baixo. A

pessoa não quer fazer isso. Então ela tenta convencer, mas não é fácil. No final ela não estudou e a pessoa também não largou a música. Como colocamos em prática? A curinga convida duas pessoas para atuar. Para um ele diz que precisa estudar para fazer um exame enquanto espera o ônibus. O outro é informado que seu desejo é ouvir música bem alto antes de entrar no ônibus, porque uma vez lá ele não pode.
Eles atuam na frente de outros participantes. Depois disso, são feitas perguntas abertas ao público: O que você viu? O que eles querem? Identificamos essa situação na vida diária? Podemos mudar isso? Alguém tem uma proposta? Dê oportunidade para que alguém entre para substituir a pessoa que deseja estudar. Damos-lhe coragem e aplausos quando ela entra no palco. O teatro é uma arma, com dois princípios fundamentais - "ajudar o espec-ator / atriz a se transformar em protagonista da ação dramática e a ensaiar alternativas para essa situação para que então possa extrapolar para o seu real vida as ações que ensaiou na prática do teatro "(Boal, 1995). Assim, após o espect-ator / espect-atriz ter atuado sua proposta, em conjunto com o público, analisamos sua intervenção por meio de questões abertas: Qual era a ideia? O que mudou? A proposta resolveu o problema? O que mais poderíamos fazer? Este é um mini fórum para dar um exemplo, que a chave da mentira é transformar experiências individuais e subjetivas em teatro e refletir sobre elas com a ajuda de métodos teatrais. Ele se concentra em primeiro lugar na (re) apresentação, análise e mudança das relações de poder, do ponto de vista das pessoas que são "impotentes" (Wrentschur & Moser, 2014).
Porque o Teatro Fórum produz a representação de um problema real onde oprimidos e opressores são confrontados em defesa de seus desejos e interesses. Portanto, pedimos aos participantes que se dividam em quatro / cinco grupos e que façam uma história onde possamos ver uma opressão. Eles terão 20 minutos. Eles podem usar palavras, mas mais uma vez lembrá-los do que aprenderam com o teatro de imagens.
Cada grupo apresenta aos outros sua "situação de vida de papel de brincar". O curador escreve no flip chart as opressões que vêm de cada grupo. Eles são solicitados a manter isso na memória para a próxima etapa do trabalho,

<u>Sessão de encerramento</u>
Encerre a sessão com o bantu que todos iniciaram e lembre o nome de todos.

Resultados de aprendizagem:
Os participantes são capazes de agir, de des-mecanizar o corpo e a mente. Exercitar suas competências para o diálogo entre as pessoas, com formação cultural, lingüística e de clase diferenciada. Discutindo suas próprias opiniões, experiências e ouvindo os outros, os participantes praticarão propostas coletivas.

Limitações:
A atuação, o fórum precisa de atenção extra do Curinga para que todos participem de forma democrática. Algumas pessoas são mais vocais, mas é muito importante que todos participem

Recursos/Referências:
Augusto Boal: Games for Actor and Non Actors
Bárbara Santos, 2012-15 training TOgether qualification Program

Actividade #1
"Hipnose columbiano"

O que?
Um jogo de aquecimento do livro de Augusto Boal chamado Hipnotismo columbiano.

Duration:
40 – 60 minutos

Material
Sala de trabalho

Procedimento:
Passo 1: Peça aos alunos para se espalharem no espaço e caminharem.
Etapa 2: posicione-se no meio da sala. Depois de alguns instantes, ligue para parar.
Etapa 3: à mão, divida os alunos em duas metades de igual número.
Etapa 4: peça que cada metade fique em uma linha de frente para a outra.
Passo 5: Instrua os alunos que a pessoa diretamente oposta a eles é seu parceiro.
Etapa 6: diga aos alunos que um parceiro fará o papel de alguém que está hipnotizado
Passo 7: Peça aos alunos que decidam juntos quem fará o papel do hipnotizado primeiro.
Etapa 8: Informe os alunos que o outro parceiro desempenhará o papel de líder.
Passo 9: Diga ao parceiro hipnotizado que ele está totalmente hipnotizado pela mão do condutor.
Etapa 10: diga ao líder para mover a mão na frente do parceiro hipnotizado a uma distância constante de 30 centímetros.
Etapa 11: O chumbo agora move lentamente a palma da forma que sente. Para cima, para baixo, para a esquerda, para a direita ou em qualquer ângulo. Peça ao líder para experimentar diferentes níveis e se mover rápido ou devagar, suavemente ou com solavancos, e até mesmo ficar parado.
Etapa 12: Instrua os pares a usarem o máximo de espaço possível. Deixe o Lead mover-se pela sala e o Hypnotized seguirá em diferentes posições corporais, relaxando assim as articulações.
Passo 13: Lembre o hipnotizado de estar ciente de seus corpos.
Passo 14: continue o exercício por 10 minutos e, em seguida, instrua os pares a trocarem de papéis.
Passo 15: Peça aos pares que se sentem e reflitam sobre o exercício usando as seguintes perguntas;

- Que sentimentos essa atividade evocou?
- Foi fácil de fazer? Porque? Por que não?
- que você percebeu sobre você enquanto era o líder?
- Como você se sentiu quando era o líder?
- que você estava pensando quando era o líder?

- que você notou sobre si mesmo enquanto estava hipnotizado?
- Como você se sentiu quando foi hipnotizado?
- que você estava pensando quando foi hipnotizado?

Etapa 16: Peça a todos os grupos de pares para compartilhar algo de sua discussão com o grupo.

Resultados de Aprendizagem:

O aluno conhece a atividade "Hipnose Colombiana" de Augusto Boal. O aluno pode descrever como é se envolver na atividade mencionada anteriormente. Os alunos podem refletir sobre o engajamento com a atividade em ambos os papéis, como líder e hipnotizado. O aluno pode compartilhar sua experiência com um grupo de turma e geralmente tem uma gama de reações à atividade.

Limitações:

Este exercício será limitado se os alunos não estiverem familiarizados com as técnicas dramáticas e puderem sentir timidez. Pode ser necessário para o treinador modelar as ações desejadas para maximizar o benefício desta atividade. Este exercício também será limitado se os alunos não respeitarem a distância de 30 cm quando em um papel principal e pode constituir uma violação do espaço pessoal para alguns alunos, caso seja ignorado. Isso pode ser atenuado se os alunos forem lembrados do limite de espaço ao longo do exercício.

Recursos/Referências:

Adaptado de
https://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1010&context=cie_capstones
(pages 22-24)

Actividade #2
"TO Jornal Vivo"

O que?
Uma atividade de teatro-fórum intitulada "The Living Newspaper" que explora o condicionamento sutil das notícias diárias sobre os leitores. Esta atividade se baseia em um fenômeno real dos Jornais Vivos que teve início na década de 1930 e servia para divulgar notícias para pessoas que não sabiam ler e escrever.

Duração:
60 -90 minutos

Materiais:
Fotocópias de uma seleção de histórias de jornal (4) sobre refugiados e requerentes de asilo.

Procedimento::
Etapa 1: coloque os alunos em grupos de 4.
Etapa 2: Escreva as seguintes perguntas no quadro branco.
De onde vêm as notícias?
Quem decide quais notícias devem ser publicadas?
Quem escreve os artigos e de que perspectiva de poder?
As pessoas sobre as quais se escreve têm a chance de dizer se a perspectiva dada no jornal é correta?
Etapa 3: peça a um aluno de cada grupo para fazer anotações sobre a discussão.
Passo 4: Convide cada grupo a compartilhar algumas das suas discussões e discutir como um grupo de classe.
Passo 5: Dê a cada aluno uma história de jornal sobre refugiados e / ou requerentes de asilo para ler.
Passo 6: Peça aos alunos que dêem uma visão geral do artigo sobre refugiados e / ou requerentes de asilo que leram para os outros membros do grupo e peça que façam uma breve crítica do material.
Etapa 7: Escreva as seguintes perguntas no quadro branco para orientar o aluno em suas críticas. O artigo foi interessante? Como os refugiados e / ou requerentes de asilo foram representados nele? O artigo foi tendencioso e, em caso afirmativo, para quem?
Etapa 8: Agora, instrua os alunos que eles irão encenar a história que consideraram mais atraente em suas discussões como um todo ou em parte. Eles podem escolher usar diálogos ou apenas mímica.
Passo 9: Não permita muita discussão, em vez disso, empurre suavemente os alunos para começarem a experimentar as histórias, encenando-as..
Etapa 10: depois de 10 a 15 minutos, convide os alunos a fazerem sua representação.
Etapa 11: designe uma área do espaço como palco. Deixe os grupos se apresentarem um por um.

Etapa 12: depois da apresentação, aplauda seu esforço.
Etapa 13: Agora volte sua atenção para o público e pergunte em qual ideia o grupo performático estava se concentrando.
Etapa 14: Agora convide o próprio grupo a explicar sua escolha de narrativa.
Passo 15: Agora, retorne os alunos ao seu grupo original de 4 para refletir sobre sua experiência.

Resultados de Aprendizagem
Por meio da técnica de Teatro do Fórum Oprimido, os alunos do Living Newspaper podem considerar e discutir como refugiados e requerentes de asilo são retratados nas reportagens do jornal. O aluno conhece e pode encenar uma história de jornal sobre refugiados e requerentes de asilo por meio da técnica Forum Theatre Living Newspaper. O aluno reflete sobre a encenação do Living Newspaper e está familiarizado com uma gama de percepções de sua encenação por meio da participação em uma discussão em classe motivada por ela

Limitações: Esta atividade será limitada se os alunos não conseguirem chegar a um acordo sobre qual história encenar. Monitore os alunos de perto para evitar que isso ocorra e oriente-os a selecionar uma única história, caso contrário, o exercício deixará de ser eficaz. A perseguição individual do aluno quanto à funcionalidade da indústria da mídia de notícias terá uma influência neste exercício e os alunos que entrarem em um debate acalorado devem ser imediatamente orientados de volta à atividade ou sua experiência será limitada.
Resources/References:

Adaptado de

https://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1010&context=cie_capstones (pages 50-51)

Activity #3
"De- mecanização da mente, corpo, criatividade e liberdade"

O que?

Este exercício não só trabalhará a desmecanização da mente, do corpo, mas também permitirá que a criatividade aconteça e amplie a liberdade de criar artisticamente usando nosso corpo e sons de nosso próprio corpo.

Procedimento:

Passo 1:

O Curinga / curinga pede a cada participante que pense em 5 movimentos da rotina diária.
Depois disso, peça aos participantes para fazerem esses 5 movimentos em seus próprios lugares. Dê tempo para cada um memorizar a sequência desses 5 movimentos.
A segunda etapa do exercício é exagerar seus movimentos diários e introduzir um som em cada um desses 5 movimentos. Então ela pede que eles coloquem um som nesses movimentos. Quando todos tiverem escolhido e executado os movimentos e sons, eles são solicitados a se juntarem em grupos de 5. Em um grupo de 5, eles devem escolher novamente 10 movimentos e sons de um total de 25 movimentos e sons. Após a escolha e ensaio, eles deverão apresentar aos demais participantes ainda algumas regras específicas.

- Explicar que haverá 3 apresentações de cada grupo, com algumas variações.
Na primeira apresentação / performance, o grupo fará a sua apresentação tal como preparou e os previamente selecionados observarão a apresentação. Após a apresentação, o grupo observador tem tempo para fazer anotações sobre o que sentiu / como percebeu a coreografia apresentada. A partir das notas feitas, todos os elementos devem construir um texto, que pode ser uma narrativa, uma história ou uma música. Todos os grupos estão presentes e todos os grupos observam.
Na segunda performance / apresentação, o grupo que está apresentando faz apenas os movimentos. O som é feito pelo texto, história, música, narrativa da equipe de observação.
A última terceira fase é feita com a adaptação dos atores ao texto poético, à narrativa, à história ou à música.
Depois de terminada a apresentação aos participantes, comentários sobre a coreografia, sobre o que viram, pontos comuns e distintos.

Proposta

Grupo 1 observar 2
Grupo 2 observar 1
Grupo 3 observar 4
Grupo 4 observar 3
Nota: o exercício foi feito pensando em um grupo de cinco, mas pode ser adaptado ao número presente na sessão

Passo 2:

<u>Exercício de ancestralidade</u>

O exercício Ancestrais é uma adaptação utilizada com grupos comunitários GTO LX Lisboa

desde 2013, após uma Oficina Madalenas (Teatro das Mulheres Oprimidas) facilitada por Bárbara Santos em Lisboa em 2011. Pretende-se com este exercício construir uma identidade de grupo. Se se trata de capacitar migrantes e refugiados, é importante construir nossa história dentro de qualquer trabalho dentro do OT.
O Curinga (curinga) explica ao grupo que juntos (coletivamente) construiremos seu mapa mundial. Isso significa que juntos devemos definir o lugar de cada continente. Faça perguntas maiêuticas: Onde é o lugar da Europa para este grupo neste espaço? Com a resposta dos participantes pergunte se concordam com o local. Quando o grupo já tiver decidido o lugar da Europa, peça a todos que saiam de seus lugares e sigam para o lugar para a Europa escolhido pelo grupo. O Curinga pede aos participantes que voltem aos seus lugares e escolham onde fica o lugar da África no espaço. A mesma pergunta até que o local seja escolhido. Depois de o grupo tomar uma decisão, pedimos aos participantes que se dirijam à África e depois à Europa. As mesmas perguntas se repetem para Ásia, Américas e Oceania, até termos o lugar da Europa, África, Ásia, Américas e Oceania. Em uma última memorização de lugar, a curinga pede que eles se mudem de um lugar para outro.

Passo 3:
O Curinga conclui dizendo que agora que temos nosso mapa, devemos nos mover na direção do local seguindo as perguntas:
- Vamos para o lugar onde nascemos.
- Vamos para o lugar onde moramos
- Vamos para o lugar onde nossa mãe nasceu,
- Vamos para o lugar onde nosso pai nasceu
- Vamos para o lugar onde nossa avó nasceu,
- Vamos para o lugar onde nossa avó nasceu.
- Vamos para o local de onde temos a nacionalidade (quando um participante tem mais de uma nacionalidade ele escolhe a que está usando atualmente.

A cada pergunta em silêncio, a pessoa se colocará no continente. Depois ele / ela pode olhar ao redor para ver quem é do mesmo lugar, que é de um lugar diferente.
No final deste exercício, o curinga pergunta ao grupo.
- De quais lugares é a maioria das pessoas?
- Existem pessoas que se mudaram de um continente para outro?
- Existem pessoas com ancestrais semelhantes ou diferentes?
- Do que construímos e vimos, o que podemos concluir sobre este grupo?

Passo 4:
<u>Declaração de identidade</u>
Com base nos exercícios anteriores, convidamos cada participante a criar um texto ppético, uma canção que declare a sua identidade, o seu sonho de refugiado, migrante, requerente de asilo .. Não há necessidade de colocar um nome.
Todo o texto ou músicas serão colocados em uma moldura (seja livre para criar sua parede de exposição) m para que todos vejam-

Passo 5:

Teatro de jornal

O Teatro Jornal pode ser realizado em diferentes técnicas (9), visando à pesquisa na mídia a temática em questão. Pode ser uma simples leitura da notícia ao público, uma leitura dramatizada, um telejornal cruzado, um jingle publicitário, uma leitura complementar, um texto fora de contexto, uma ação paralela ", uma leitura rítmica ou uma dramatização,

Para este projeto, pensa-se que será oportuno escolher jornais diários, alguns discurso políticos sobre o tema atual, ou mesmo notícias relacionadas com a internet.

A divisão em diferentes grupos permitirá diferentes abordagens técnicas mostrando a riqueza de explorar o tema antes de um teatro Fórum. O curinga / curinga divide o grupo em 4/5 grupos. Cada grupo terá diferentes materiais de exploração. Um grupo, por exemplo mantém os jornais diários, outro grupo com discursos políticos, outro grupo com imagens temáticas; outro grupo com anúncios e se houver um quinto com notícias na internet.

Distribuição de Tarefas

1. Explorando jornais diários. - O grupo deve olhar as páginas e ver as notícias que se complementam, dá uma visão contrária, O que os impressiona, o que se fala e o que não se fala nas notícias, mas dá para perceber. Com base nessa reflexão, eles deveriam compor um texto jornalístico para ser lido como um comentarista de apresentador de televisão / repórter esportivo para outros. Se houver pessoas suficientes, pode haver dois grupos com jornais. O segundo fará uma dramatização de um artigo escolhido e poderá cruzar com outros.

2. O segundo grupo que recebe os discursos políticos irá lê-los e, em seguida, optar por fazer a leitura total ou alguma rítmica dos discursos. Podem ser adicionados movimentos. Um desenvolvimento é escolher 2/3 palavras repetíveis que sejam iguais nos discursos.

3. Um grupo que vai analisar as imagens do tema verá o que elas representam, o que transmitem, o que dizem, o que existe e o que não existe e que outras imagens poderiam estar. O grupo vai criar uma música, um jingle que poderá ilustrar essas imagens de acordo com a reflexão feita.

4. O quarto grupo que trabalha com anúncios irá analisá-los e ver se falam / escrevem sobre aspectos negativos ou positivos sobre o tema. Se adicionar elogia ou desvaloriza o tema. E o grupo baseado em discussão cria um anúncio / anúncio diferente que atende aos objetivos do tópico.

5. O grupo de notícias da Internet analisará o que é dito, quem responde, o que contribui positivamente para o tema e o que contribui negativamente para o tema. Eles escolhem 5/6 palavras mais significativas. Essas palavras serão faladas em ritmos diferentes. A essas palavras podem ser adicionados gestos / movimentos. Você pode até criar uma coreografia com eles.

Cada grupo apresenta seu trabalho aos outros. Deve-se dar atenção especial ao reforço do aspecto crítico importante do teatro do jornal.

Recursos/referências:

Adaptado e inspirado por

GTO LX Lisbon community groups since 2013, after a Madalenas Workshop(Theater of the Oppressed form women) facilitated by Bárbara Santos in Lisboa in 2011

Bárbara Santos, 2012-2015 training TOgether qualification Program Bárbara Santos -Raízes e Asas , 2016(pag70)

Passo 6:

Teatro invisível

O Teatro Invisível é um dos ramos da árvore do Teatro do Oprimido. É um teatro. Um cenário criado para uma situação real a fim de revelar (tornar visível) um problema particular da vida real. Explique ao grupo que não será organizado um exercício prático, mas que é importante mencioná-lo e tê-lo como referência, caso se queira explorá-lo no futuro.
O exemplo mais conhecido vem do exemplo que Boal descreveu durante seu exílio na Argentina. (88, Santos, Bárbara Teatro do Oprimido, 2016). Diz-se que, naquela época, uma das leis dizia que nenhum cidadão argentino podia passar fome. Comer bastava para provar que era cidadão argentino e que teria direito à alimentação, desde que não comesse sobremesa nem bebesse álcool. A cena criada a partir da ação de um ator sentado em um restaurante pedindo um prato indicado no cardápio, mas dizendo expressamente que não queria bebida ou sobremesa. Depois de comer, quando apresentaram a conta, ele apresentou o documento de identidade para comprovar sua nacionalidade alegando passar fome. O propósito de uma discussão sobre se ele tinha ou não o direito de comer se concretizou por clientes que apoiam sua ação e outros que a criticam. Quando chamaram a polícia, um dos outros atores pagou a conta.
Com este exemplo podemos ver que o teatro invisível não revela para o presente que é teatro. Porém no local onde é praticado é gerada uma mudança. E o grupo que cria a cena, também está estudando a situação e ensaiando formas de intervir. Uma possibilidade, se alguém que trabalha no campo sobre refugiados, solicitantes de asilo e migrantes, explorar o direito internacional que afirma: Um refugiado tem o direito de buscar refúgio em um lugar seguro, de acordo com a Convenção de 1951 e Protocolo de 1967 do ACNUR, pode ser um bom exemplo em países que hospedam refugiados para uma situação do dia a dia.

Etapa 1: Montar a peça teatral com base na dramaturgia
A Dramaturgia deve incluir o contexto social, o oprimido, o opressor, os aliados do oprimido e do opressor, a contra-preparação, a estratégia do oprimido, o Conflito / Questão (em TO usamos o nome de crises chinesas, e finalmente a Os exercícios que o grupo criou nestas horas devem ser aproveitados, adaptados, recriados de forma que se enquadrem na dramaturgia mas o mais importante toda a discussão e desejo dos participantes.Agora é hora de rever as conclusões, cenas, exercícios e apresentar propostas.
Divida o grupo em 3 ou 4. Cada um deve vir com uma proposta para apresentar a um público com base no trabalho já realizado. Dê a cada grupo 20 minutos para prepará-lo. Depois de preparar cada grupo, apresente aos outros. Perguntamos ao grupo qual opressão mais apareceu nessas 3 ou 4 propostas? O que vemos que foi mais repetido? Então perguntamos se onde cada um de nós se vê na opressão.

Passo 2:
Para melhor compreensão, damos um exemplo para ajudar o grupo a montar:
Para o contexto social use o que foi produzido no teatro legislativo. Para conhecer a temática, use o que foi criado em teatro de imagens e, mini situações de vida de fórum. Pois

as questões / conflitos particulares e o desejo e necessidade relembram o jogo da ancestralidade e a declaração de identidade. Para as estratégias, peça ao grupo para sugerir o que viu, sabe, usou, foi dito para superar os obstáculos.
Seu teatro. Você pode usar palavras, imagens e sons. Não se esqueça de que palavras feitas podem ter significados diferentes em diferentes países, por isso sempre sugerimos usá-las com cuidado.

Passo 3: A apresentação
Sempre teste sua peça no que chamamos de "ensaio aberto" ou "processo de trabalho", então convide mais pessoas para esta parte da apresentação de cada grupo. Como curinga / joker, use questões maiêuticas de cada peça apresentada. Convide o público a entrar no palco para substituir o protagonista (oprimido) e apresentar sua própria ideia. É disso que se trata o fórum. O diálogo em busca de solidariedade, empatia, antagônica com a temática proposta.
Isso deve durar mais ou menos 1h30 minutos e se for possível filmar melhor ainda. 4ª Etapa
Acompanhamento da Apresentação
Depois de qualquer apresentação, o grupo deve discutir o que saiu de acordo com o plano e o que pode ser alterado. Eles analisam cada intervenção do público / fórum. Eles entenderam as perguntas? Eles concordam, eles discordam, qual foi a proposta? Podemos tentar na vida real?

Duração: 6 horas